

A stylized illustration of a heart in dark brown with orange veins. A white flower with five petals is on the right side of the heart. A white hand is visible at the bottom left, holding the heart. The background is a vibrant orange-red with a textured, painterly appearance. A dashed black line curves around the heart and flower. The author's name is in the top right, and the title is in the bottom center.

DÉBORA
DE MELLO

o **RISO**
DA **MORTE**



o RISO DA MORTE

1ª Edição

COPYRIGHT © 2018 – DÉBORA DE MELLO

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da autora.

Esta é uma obra de ficção.

Capa: Débora de Mello

Revisão: Fabiano Jucá

Diagramação: Débora de Mello

DE MELLO, DÉBORA

O RISO DA MORTE | 1ª Ed

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma.

*Para Katia Lisboa,
Que não desistiu dos meus sonhos,
mesmo quando até eu mesma já havia desistido de todos eles.
Amo você.*

P r e f á c i o

As amizades surgem quando menos se espera, não é mesmo? Eu e Débora começamos a nossa de uma maneira um tanto diferente porque tudo teve início quando nossas histórias se esbarravam no ranking do Wattpad na categoria mistério/suspense. Tanto que coloquei a dela em uma lista de leitura; primeiro, pela capa (mais tarde descobri que a escritora era uma mulher de vários talentos); depois, por conta da sinopse, mas, para variar, deixei para ler outro dia. Um post de troca de leitura da Débora no grupo do Facebook Wattpad Brasil foi o motivo que me fez conhecer O Riso da Morte, afinal, essa história parecia me seguir. Juntei isso com a vontade de experimentar uma troca de leitura e caí dentro do universo Hale & Hastings. Foi amor à primeira vista!

Comecei a leitura e engoli, em um dia, todos os capítulos publicados (acompanhei o Riso sendo criado semana após semana) e comentei praticamente parágrafo por parágrafo, pois descobri o recurso dos comentários embutidos e estava viciada em fazê-los. Quando vi a mensagem “Continua” no último capítulo postado, mandei uma mensagem privada para @momentsofdelirium (username da Débora na época). O papo fluiu e fomos conversando, ela retribuiu a leitura acompanhando minha história, trocamos Whatsapp e a amizade só se fortaleceu. Hoje falamos não apenas sobre escrita, mas desabafamos sobre tudo. Sério, a gente fala pra caramba! Só tenho de agradecer de ter encontrado essa pessoa maravilhosa que é a Débora. A gente tem tanta sintonia que escrevemos juntas (algo que nunca havia pensado) um crossover que ganhou o Wattys 2017!

Desde o prólogo em meio à decoração do Halloween até o ponto final, O Riso da Morte se tornou um vício devido ao talento da escritora em criar personagens apaixonantes (John sempre será meu crush wattpadiano supremo, estejam avisados), cenas de crime extremamente detalhadas que me senti dentro de um episódio de CSI ou Criminal Minds, apesar de a Débora comentar que sua inspiração foi Rizzoli & Isles.

É impossível não querer descobrir quem é a pessoa por trás da alcunha Artista de Houston, colecionador de sorrisos macabros, nem torcer pelo shipp formado pelos tenentes John Hale e Payne Hastings, pois a dupla

tem uma química maravilhosa. As reviravoltas são perfeitas e ainda bem que há apenas a degustação da história no Wattpad, pois não foram poucos os meus gritos com cada uma delas e minhas teorias furadas sobre o assassino. Afinal, tenho uma reputação a zelar.

Por tudo isso, tenho certeza que esse livro que você tem em mãos é uma preciosidade, é mais do que uma história de detetive ou serial killer, é a realização de um sonho de uma garota super talentosa e batalhadora que tenho orgulho de dizer que sou amiga. Além de tudo, a Débora é uma capista de mão cheia. É muito talento para uma pessoa só!

Desejo que se apaixonem pela leitura, por Hale (como é duro dizer isso), pela Hastings e pela escritora que monta esse universo policial empolgante.

Boa leitura a todos!

*Gabriella de Jesus Moreira,
futura mulher de John Hale*

P r ó l o g o

Passava da meia-noite quando Eric finalmente pegou sua bolsa de ginástica e respirou o ar puro após sair do salão alugado e trancar a porta atrás de si. O dia havia sido cansativo, pois dera aulas de karatê para muitas turmas que se preparavam para os testes e torneios de final de ano. Apesar do cansaço, orgulhava-se de como vinha ganhando renome e já planejava contratar mais professores que o ajudassem; assim poderia abrir novas vagas e oferecer oportunidades para mais pessoas. Todos saíam ganhando.

Na rua, notou que a luz da lua cheia era a única presente. Normalmente, apesar do horário, as ruas ainda eram movimentadas pelas garotas de programa e os usuários que escolhiam o lugar tranquilo e longe dos olhares da polícia para consumir seus entorpecentes.

Era quase final de outubro e, em algumas casas da região, já se via o começo do que dali alguns dias seria uma decoração de Halloween. Laranja e preto resumiam-se nas únicas cores da paisagem urbana e o sorriso das abóboras pouco iluminadas, junto aos esqueletos e personagens de terror, tornavam o ambiente assustador.

Como ele já conhecia muito bem o local, costumava não usar o carro e fazer o caminho até sua casa a pé. Havia respeito, acima de tudo, mesmo vindo dos que não estavam tão sãos quanto deveriam. O silêncio incomum naquela noite o assustava, pois tudo que se ouvia eram os sons de avenidas movimentadas ao longe.

Eric olhava ao redor em busca de algum sinal de vida humana por entre os becos dos baixos prédios de tijolos, quase todos abandonados, que formavam a paisagem daquele lugar. Seus passos, apesar de cansados devido às longas horas de aula, adotaram um ritmo mais rápido do que o normal.

Ao ouvir um som parecido com o de passos logo atrás dele, virou-se assustado. Tudo que viu foi um rato correndo bueiro adentro.

Por um momento, desejou que todas aquelas pessoas, que para muitos não pareceriam boa companhia, estivessem ali. Eric voltou a ajeitar a alça da mochila e respirou fundo, retomando seus passos em direção à rua que o levaria até a sua casa.

Ele nunca fora um cara supersticioso, muito menos medroso, mas havia algo de errado naquela noite e estar sozinho só exaltava isso. Até mesmo o céu havia mudado, e as poucas estrelas pareciam não brilhar tanto.

Sabia que era exagero e que o estado de pânico em que se encontrava o fazia ver e imaginar coisas, mas não conseguia evitar.

Sem querer perder mais nem um segundo, correu pela calçada acidentada, tentando manter os pensamentos focados no conforto que encontraria em sua casa.

Quando escutou um novo som, virou o rosto, crente que se depararia com mais um animal, mas Eric apenas teve tempo de gritar ao ver o vulto, que num simples e rápido gesto enfiou um saco de pano negro sobre sua cabeça. Uma substância presente na máscara logo o tornou incapaz de lutar contra o sequestrador e seu corpo, sempre pronto para defender-se, perdeu as forças.

O estranho então o agarrou pelos braços, arrastando-o pelo que pareceram ser décadas, virando em várias esquinas e atravessando ruas algumas vezes, para enfim jogá-lo no porta-malas de um Sedan. Só então Eric, agora preso, deitado de forma desconfortável dentro do maleiro, parou de gritar.

Eric parou para escutar os sons ao seu redor e tudo que ouviu foi uma risada macabra e arrepiante, provavelmente vinda do seu sequestrador. Então começou a rezar para um Deus em quem nunca acreditara.

Capítulo 1

Sangue Novo

A primeira luz da manhã entrava pela única janela do escritório, que ficava no segundo andar do prédio principal do Departamento de Polícia da cidade, quando John Hale foi surpreendido com batidas na porta, e acordou assustado já quase no fim do seu turno, depois de ter cochilado por tempo indeterminado.

O turno havia sido tranquilo, sem muito para resolver, com um encerramento de caso e nada novo para lidar, mas mesmo assim, depois de vinte e quatro horas fora de casa, tudo que John desejava era sua cama. Ele nunca se acostumaria aos horários do emprego.

Godinski nunca batia, de forma que estranhou quando a cabeça careca e avermelhada, com seus olhos sempre cheios de olheiras, apareceu na fresta da porta. John se levantou, dando a volta na mesa para se aproximar, sabendo que o assunto era importante.

— Sua nova parceira está aqui e quer falar com você. — Ele havia se esquecido completamente que começaria a trabalhar com alguém naquela semana. Mas ela deveria ter aparecido no início daquele seu turno.

— Mande-a entrar — pediu.

Godinski abriu um pouco mais a porta e deu espaço para a mulher, que se encontrava logo atrás dele. Ela entrou na sala, já olhando John nos olhos e sorrindo ao se ver de frente a ele.

— Acho que você está um pouco atrasada. — John olhou no relógio de pulso e então voltou o olhar para a mulher. — Meu turno está quase acabando.

A mulher era esguia e bastante alta, quase alcançando os 1,95m de altura de John. Andava de uma forma muito felina, com passos largos, firmes e, ao mesmo tempo, maliciosamente femininos. Sua pele tinha uma cor excepcionalmente escura, como chocolate, agraciada com pequenas sardas quase imperceptíveis por toda a pele à vista dos olhos. Suas feições eram encantadoras. Ainda assim, ela parecia tentar esconder a ansiedade estampada

em seu rosto.

— É um prazer conhecê-lo também, detetive Hale. — Ela estendeu sua mão direita, que era muito macia, John notou ao cumprimentá-la. Ao mesmo tempo, o homem notou o coldre lateral, que a mulher usava sobre sua blusa de malha.

Ela havia sido transferida de outra unidade e era já bastante experiente, ao contrário dos outros policiais que o Departamento havia apontado anteriormente, como parceiros de Hale, recém-saídos da academia. E foram dezenas deles.

— Me chame de John, por favor. — Ele então voltou o olhar para a porta e para o policial que ainda se encontrava parado ali, esperando por algo indefinido. — Pode ir, Godinski. Cuidarei da detetive a partir daqui.

— Ah, Payne. Payne Hastings. — A mulher o informou, sorrindo pela segunda vez desde que o vira, enquanto o outro homem saía da sala e fechava a porta atrás de si.

— É bom ter finalmente alguém experiente para trabalhar do meu lado, Payne. Mas saiba que mesmo que tenhamos o mesmo título no distintivo, quem faz e continuará fazendo as regras por aqui sou eu. Que fique claro.

John havia dado a volta em sua mesa enquanto falava, e se sentado atrás dela novamente. Olhava a detetive, que agora se encontrava de braços cruzados, o encarando com olhar desafiador e expressão totalmente diferente.

— Eu tenho mais experiência do que você pensa, em se tratando de lidar com detetives que se acham os bons, Hale. — Enquanto falava, ela se aproximou da mesa e se inclinou, estendendo as duas mãos sobre o tampo do móvel, olhando o novo parceiro mais de perto. Seus olhos castanhos brilhavam e eram ferozes. — Sei que isso aqui é uma experiência nova pra você, mas terá que lidar com o fato de que estamos de igual para igual.

Ele gostou dela. Era diferente e a admirava pelo fato de que o enfrentara logo no primeiro dia, numa unidade onde ela, mesmo nunca tendo pisado os pés antes, já demonstrava soberania.

— Qual será o próximo passo agora? Vai pedir as chaves da minha viatura e o comando da minha sala? — John sorriu, em olhar de desafio, encarando-a exatamente nos olhos, e notou quando ela relaxou, percebendo

que ele estava apenas a testando. — Bom saber que tenho alguém do meu lado que não deixa se abater, tenente. Você tem muita coragem. Seja bem-vinda.

— Muito obrigada. Vou fazer com que você não ache tão ruim trabalhar ao meu lado.

— Tenho quinze anos de experiência, Hastings. Já lidei com todo tipo de pessoas e sei me virar.

— Mas é provável que nunca tenha lidado com alguém com tantos anos de experiência quanto você.

— Não. — Ele deixou de sorrir e ela sentou-se do outro lado da mesa, encarando-o. — Mas não deve ser tão difícil.

— Sabe, tenente, eu também já lidei com todo tipo de gente, vi todo tipo de homicídio e prendi muitos tipos de assassinos, e disso tudo aprendi uma coisa. — Ela aproximou-se um pouco mais, o olhando nos olhos e sorrindo. — Nós sempre vamos nos surpreender de novo.

Hale a encarava, pensando no que ela havia dito. Tinha razão. Em todos os anos em que trabalhara, mesmo achando que já havia visto de tudo, sempre surgia algo fora do comum que o surpreendia. E isso poderia ser declarado sobre qualquer tipo de coisa.

A porta voltou a se abrir e Godinski apareceu novamente, suando e mais vermelho que o normal, pois provavelmente andara muito rápido até a sala do detetive.

— Eu sei que é o fim do seu turno, tenente, mas temos um caso e tenho certeza que você vai querer ir até o local.

Godinski era um dos policiais que trabalhavam na recepção do Departamento, recebendo ligações, passando recados e encaminhando viaturas, além de tudo que era possível fazer fora da área de telefonia do prédio. Tudo o que devia ser feito mais rápido, ou que deveria ser entregue em mãos, ou também pessoas que deviam ser encaminhadas a outras salas e o que normalmente precisava de um nível maior de confiança, era encarregado a Godinski, um homem em quem Hale confiava muito. O policial puxava o saco do tenente, que fazia bom uso das vantagens.

Por ser incapacitado para o trabalho nas ruas, devido a um acidente de trabalho que causara a perda de sua perna direita, ao invés de se aposentar por

invalidez, ainda muito novo, o policial escolhera continuar servindo sua cidade da forma que podia, mesmo que fosse atrás de um balcão.

Payne já estava de pé e havia prendido seus longos cabelos castanhos num rabo de cavalo, além de ter vestido a jaqueta que havia deixado nas costas da cadeira ao entrar, tão silenciosamente que John sequer notara.

— Acho que nosso trabalho junto já começa aqui, tenente. — Ela lançou a ele um sorriso. — Talvez eu não esteja tão atrasada assim.

John devolveu o sorriso e então voltou o olhar para o policial.

— Um homicídio?

— Sim, mas bem fora do normal, senhor.

— É disso que eu gosto. — Hastings disse, surpreendendo aos dois homens, que trocaram olhares surpresos, logo após a saída da empolgada tenente.

John a seguiu, preparado para o que quer que fosse.

Capítulo 2

A Decoração de Halloween

John chegara a um ponto na vida em que achava realmente que nada mais o surpreenderia tanto, então, quando se viu analisando o ocorrido pela primeira vez, chocou-se por não esperar algo tão absurdo. Lembrou-se da conversa que tivera com Payne.

O bairro onde o crime ocorrera era um lugar pobre e com excesso de população, pessoas curiosas que sua equipe trabalhava pra conter, enquanto Payne conversava com quem dizia ter visto algo. E parecia que, na maioria das vezes, tudo que ela ouvia eram absurdos ou falácias, pois o olhou diversas vezes dando de ombros.

Num beco, atrás de um grande prédio comercial do bairro, que dava numa rua por onde poucas pessoas passavam, encontrava-se o corpo da vítima. E tudo que John conseguira identificar, era que aquela pessoa era um homem.

O rosto havia sido desfigurado de tal forma que o sorriso contornava-o de orelha a orelha de uma forma macabra, fazendo o tenente lembrar-se do personagem Coringa, e seus olhos, que outrora deviam ter chamado atenção pelo tom bonito de verde, agora encontravam-se sem pálpebras e com a pele esfolada da região da maçã do rosto até as sobrancelhas, de forma circular ao redor do olho, ajudando na formação de uma pintura — com coloração nada convencional — de palhaço no rosto do indivíduo sem nome, feita de uma forma muito precisa. Suas órbitas oculares expostas pareciam prestes a saltar, saindo dos seus lugares de origem, enquanto encaravam cegamente o horizonte de forma assustadora. O cenário fora completado com uma peruca amarela e cacheada de fios de nylon e uma roupa completa de palhaço de circo.

Mas aquela cena de filme de terror não provocaria gargalhadas nem ao menos num psicopata. Ou talvez sim.

A vítima havia sido descoberta por um passeante que, mesmo assustado com a cena de horror, ligara imediatamente para a central, que logo mandou uma viatura com dois policiais que isolaram rapidamente a cena para

o trabalho posterior de toda a equipe.

Já enjoado com toda a situação, e cansado de procurar ao redor do corpo por pistas de como tudo poderia ter acontecido, John se afastou, saindo do beco em direção à rua lotada de curiosos, para respirar, ao mesmo tempo que a equipe de coleta de provas chegava, preparando-se para procurar por algo que levasse ao autor do crime. Payne se aproximava, parecendo ainda muito empolgada com o seu primeiro caso ao lado do tenente.

— Não encontrei ninguém que estivesse no local mais cedo e pudesse dar mais detalhes. Parece que essa rua, diferentemente das outras do bairro, normalmente é bem solitária, devido ao tráfico de drogas e o trabalho ilegal de prostitutas no local. — Ela guardou o bloco de notas no bolso da jaqueta junto à caneta e cruzou os braços, respirando fundo. — É um bom primeiro caso para estrearmos como uma dupla. E então, o que acha?

— Eu acho que nunca mais irei a um circo e que meu medo de palhaços acaba de se tornar maior. — John olhava em volta, em busca de alguém que parecesse estranho ou observador demais. — Ele não parece ter sido morto no local, talvez tenha sido apenas deixado aí. Pode ter sido há pouco ou há muito tempo. Hoje em dia não podemos descartar a hipótese dele ter sido morto há vários dias, pois o assassino poderia ter um certo conhecimento para conservar o corpo. Precisamos descobrir quem é a vítima, para então sabermos quando desapareceu. — A tenente concordava com acenos de cabeça, sem olhar para ele, analisando o trabalho da equipe, no beco. Ele conferiu o relógio e então voltou a olhar ao redor. — Ainda não são nem 6h30 da manhã, e normalmente ninguém passa por aqui neste horário. Por que tanta gente? — Ele fez uma pausa, passando a mão pelo cabelo escuro. — Já conversou com o senhor que descobriu o corpo? Perguntou o que ele fazia tão cedo por estas ruas?

— Tentei conversar com ele, mas me pareceu muito nervoso, então fiz poucas perguntas. Achei melhor que o levássemos conosco até a delegacia. Quando ele

estiver mais calmo e confortável, nos contará muito mais. — Ela parecia inquieta e mexia no cabelo a todo momento, como se buscasse uma forma de ocupar as mãos.

John ainda olhava ao longe, de braços cruzados, observando o relógio continuamente, como se isso fizesse o tempo passar mais rápido, e

procurando na multidão um rosto que parecesse se destacar.

Aquela região era um pouco afastada da cidade. Um pequeno centro de uma região metropolitana e mais pobre.

Os vários prédios de tijolinhos à mostra, com vitrines de lojas com muitas promoções e uma infinidade de brechós, às vezes se abriam em becos escuros, onde nunca se sabia o que acontecia. Pelo chão daqueles corredores escuros, era possível encontrar muitos insetos, pequenos roedores e narcóticos de todo tipo que se podia imaginar, além de muitas camisinhas e, também, como haviam encontrado naquele dia, corpos.

John sempre tivera em mente, e usava como sua filosofia de vida e de trabalho, que nunca podiam descartar hipótese alguma, e ele não desacreditava nem mesmo no que não via.

— Você acredita que quem fez isso pode voltar a matar? — Payne perguntou, acordando John do transe em que ele se encontrava.

— Acredito que ele possa querer enfeitar as ruas com seu próprio conceito de decoração de Halloween.

— Você e suas frases feitas. Não sei se vou me acostumar um dia. — Ela fez uma pausa e bufou, diminuindo a voz agora para que apenas o parceiro a ouvisse. — Seja mais humano, Hale.

Ele a encarou, mas ela não o olhava, e parecia perdida em pensamentos tanto quanto ele havia estado anteriormente, em busca de respostas para o que haviam descoberto alguns minutos mais cedo.

“Como ela pode ser tão inconsciente dos absurdos que diz?”, perguntou-se John, em pensamento. De início ele a achara excepcional pela forma como o enfrentara — e não havia se passado ao menos uma hora —, mas ela não tinha filtro e dizia tudo que lhe vinha à mente. Isso causaria muitos problemas entre os dois.

— Eu mal te conheço, mas do pouco que notei, você parece mais como um robô. — Ela o olhou nos olhos, o surpreendendo por ter percebido a forma como ele a olhava. — Estamos lidando com pessoas, Hale. Pessoas e, conseqüentemente, com monstros. E todos eles têm ou tinham emoções. Coisas que você parece não ter. Ou apenas está aí fingindo, bancando o durão pra esconder algo.

Ela havia se virado e o encarava de frente, parecendo mais alta do que

quando a vira pela primeira vez. Como se a superioridade que exalava a presenteasse com alguns centímetros extras.

— Me desculpe, Hastings, não sei onde você quer chegar com isso.

— Suas respostas frias, tentando me fazer acreditar que aquilo ali — ela disse, apontando com a mão espalmada pra cima para o beco, onde a equipe forense trabalhava ao redor da vítima — não te assusta. Que não te causa repulsa. Tentando ser mais frio que o monstro que fez isso. Comparando a vítima com um objeto.

Ele revirou os olhos e a olhou com um sorriso de deboche no rosto. Estava indeciso sobre o que pensar em relação àquela mulher e como ela agia diante de tal situação.

— Poupe-me das suas acusações, tenente. Você não me conhece. E se fosse realmente uma boa detetive, saberia que o melhor a se fazer num caso é não criar vínculos.

— Isso não lhe dá o direito de diminuir a vítima.

John então respirou fundo e começou a se afastar, indo até a equipe à procura de novidades. A fotógrafa criminal saía do beco naquele momento e o cumprimentou num gesto com a cabeça.

— Me procure novamente quando tiver algo para me informar, Payne. Eu vou fazer meu trabalho.

Payne bufava, de braços cruzados, ainda na calçada, em meio ao círculo de vários policiais que trabalhavam no local. Alguns a olhavam e riam, fazendo piadinhas com seus colegas, o que a deixava ainda mais furiosa diante da situação. Sabia que estava indo longe demais enfrentando o detetive logo de início, mas tinha o pavio curto e não levava desaforo pra casa.

Havia acabado com sua reputação na região antes mesmo de construí-la, e agora teria que lidar com isso da forma mais estratégica possível, para que não se tornasse mal falada entre seus companheiros de trabalho.

John já se encontrava afastado, agora agachado ao lado de uma mulher loira e alta da equipe de investigação da cena do crime, com quem conversava com expressão séria, enquanto ela lhe mostrava algo no chão, próximo ao corpo.

Ela simplesmente ignorou porque, mal-humorado ou não, John a atualizaria mais tarde e contaria sobre o que haviam encontrado.

Voltou a pegar seu bloco de notas e a caneta no bolso de trás, para se aproximar novamente do pessoal que formava um círculo ao redor da faixa que o departamento havia colocado para isolar o local. Sua atenção foi desviada, enquanto andava até lá, por três policiais que se aproximaram tentando esconder que riam há pouco.

— Precisa de um abraço, tenente!? Parece assustada com a cena. — O mais alto e forte entre os três falou, com um grande sorriso debochado no rosto, olhando-a diretamente nos olhos, para depois desviar o olhar para seus colegas, com os quais voltou a rir.

Payne fingiu que nem ao menos prestara atenção, sabendo que apenas tinham ouvido sua discussão com Hale. Tentou não demonstrar reação alguma além de desprezo e desviou caminho até a viatura do parceiro, da qual não tinha as chaves, então apenas se apoiou de costas contra ela e respirou fundo, em busca de forças para passar por cima da situação.

Capítulo 3

Corpo Fala

— É absurda a precisão cirúrgica. Sinto-me humilhado. — O legista, Dr. Robert Hodges, parecia extremamente chocado com a cena, tanto quanto Payne e John estiveram anteriormente, na primeira vez que se depararam com ela. Por trás de seus óculos, os olhos, de um tom magnífico de azul que lembrava o céu num dia sem nuvens, estavam estreitos, e seu rosto estava assustadoramente próximo ao da vítima.

Agachado junto ao corpo, analisando cada detalhe do rosto, Robert já havia soltado várias exclamações de surpresa, enquanto John observava tudo de cima, com as duas mãos nos bolsos da frente do jeans, esperando a primeira frase relevante vinda do doutor, que chegara há poucos minutos.

— A remoção da pele ao redor dos olhos é muito recente, cerca de poucas horas. — John pegou seu bloco de notas e sua caneta rapidamente, e começou a anotar tudo que o doutor dizia, escutando atentamente. — Duas a quatro horas, aproximadamente. Provavelmente o assassino usou um bisturi, pois o corte é extremamente preciso.

— Sabe me dizer se a vítima ainda estava viva, quando lhe foram feitos os cortes?

— Alguns foram feitos com ele ainda consciente, sim, porque apesar da quase perfeição, dá para se notar alguns desvios que podem ter sido causados por movimentos da vítima. — Hodges colocara as luvas e agora levantava o queixo do homem para analisar os ferimentos feitos em seu pescoço, antes não vistos por John. — Existem tantos problemas aqui que podem ter sido a causa da morte. Vai ser preciso um exame muito mais minucioso.

John se abaixou ao lado do amigo para analisar os ferimentos do pescoço do morto. Havia várias escoriações superficiais marcando a pele do homem, numa vertical que ia do maxilar até a clavícula, e contornavam toda a parte da garganta, chegando até a lateral e então diminuindo de tamanho, assim dando a volta por todo o pescoço.

— Esses ferimentos parecem fora do padrão dos da face do homem.

Muito superficiais. Sabe com que podem ter sido feitos?

— Definitivamente não. Mas podem ser marcas de algo que foi apertado com muita força ao redor do pescoço. — O legista parecia cada vez mais próximo do homem, e qualquer desequilíbrio o faria cair sobre o corpo.

— Já viu algo que pode causar marcas parecidas?

— Ele pode ter sido enforcado, e isso pode ser a causa da morte. Mas não sei que tipo de corda poderia ser tão grossa a ponto de deixar marcas tão longas.

— E quem usaria uma corda tão grossa para enforcar alguém?

— Elementar, Hale. — O tenente não se surpreendeu com mais uma das inúmeras frases que o legista retirava de livros e filmes, e usava em vários momentos. Hodges deu uma última olhada no pescoço e passou então a analisar as mãos da vítima que, aparentemente, pareciam não ter nenhum tipo de ferimento. — A vítima nem ao menos tentou se defender. Provavelmente desacordado. Ou anestesiado demais para sequer tentar lutar contra o assassino. Eles normalmente gostam de ver suas vítimas sofrerem enquanto fazem seus trabalhos.

— Aposto no desacordado. — John havia se levantado novamente e agora estava de braços cruzados, olhando enquanto o doutor trabalhava, ora analisando o que ele fazia, ora analisando a multidão do outro lado da barreira policial, que só aumentava.

— Acho que dessa vez terei que concordar com você. — Então, Robert também se levantou, pegando a bolsa que sempre carregava, e ficando ao lado do detetive, olhando a vítima dali de cima. — Seria muito complicado anestesiá-la a face toda sem que a vítima desmaiasse. Seria preciso que a remoção da pele fosse feita por partes, durante horas, e até o término, se não fosse tomado o devido cuidado, o homem já poderia ter morrido por uma hemorragia. Creio que esse não fosse o plano do assassino.

— Esse caso vai precisar ser analisado e reanalisado diversas vezes.

— Vai me render boas horas extras. — O legista sorriu e desviou o olhar da vítima para o amigo, mas foi surpreendido por Payne, que se aproximava dos dois de cara fechada.

— Ora, ora, veio reclamar mais um pouco, tenente? — John perguntou ao notar também a aproximação da parceira, tentando manter o

humor de sempre. — Estávamos agora mesmo comentando o quanto esse caso vai nos render um bom dinheiro a mais, pelas horas em que trabalharemos nele.

— Na verdade, detetive — respondeu limpando a garganta e então continuou, ignorando o que o parceiro dissera e sem direcionar o olhar nenhuma vez para o corpo —, só vim avisá-lo que estou retornando para a delegacia, juntamente com o homem que encontrou a vítima, para tomar seu testemunho.

— Vou te acompanhar. Hodges já terminou aqui, creio eu.

— Sim, fique à vontade, John. Vou analisar melhor o corpo no necrotério. — Ele retirou as luvas que usava anteriormente para analisar o corpo, e estendeu uma das mãos para Payne. — É um prazer conhecê-la, tenente. — Ele tinha um sorriso sincero no rosto, que exaltava suas rugas ao lado dos olhos.

— Igualmente, doutor. — Ela retribuiu o sorriso, desconcertada com a atitude gentil do legista, e o cumprimentou.

— Bom, nos veremos mais tarde então. — Robert agora olhava para John, ao falar, dando um tapinha no ombro do amigo e sorrindo para ele, tendo que inclinar levemente a cabeça para alcançar os olhos do homem.

— Espero que você nos consiga informações suficientes para prosseguir, Robert. — John disse sorrindo para o homem mais velho.

— Ah, Hale. Eu sempre consigo.

— Um momento, senhores. — Uma das mulheres da equipe de coleta, que anteriormente estivera ao lado de John coletando provas, se aproximou com um saco de provas grande nas mãos. — Encontramos isso na outra extremidade do beco. — Ela entregou o pacote transparente a John, que analisou o conteúdo: uma gola branca e pomposa, de estilo antigo, e que provavelmente se encontrava antes costurada a uma roupa de palhaço, mas havia sido arrancada. A gola tinha finos fios de arame por dentro, dispostos a uma certa distância, para mantê-la alta e encaixada ao redor do pescoço de quem usasse.

Hale aproximou-se do corpo novamente, agachando próximo a ele, com o saco de provas ainda na mão. Com a ponta dos dedos, e sendo analisado de perto pela parceira, o legista e a cientista, puxou para analisar

melhor a gola da roupa de palhaço que havia sido colocada na vítima e percebeu que algo tinha sido arrancado dali, deixando pontas de linha arrebitada por toda a circunferência.

Robert o olhava empolgado, tanto quanto a mulher da equipe, contentes antecipadamente com o pequeno avanço na investigação, enquanto Payne o analisava atentamente, com a mesma expressão que tinha no rosto quando se aproximou, demonstrando pouquíssimo interesse.

Ele então virou-se, ainda agachado, e olhou para os três companheiros de trabalho, sorrindo e erguendo o saco de provas.

— Acho que pelo menos encontramos o que ocasionou as marcas no pescoço da vítima.

Capítulo 4

Uma Grande Dupla

A sala de interrogatório do prédio principal do Departamento de Polícia era tão fria quanto qualquer outra em que Payne entrara antes. Suas paredes escuras tiravam quase toda a noção de profundidade do local, resgatada apenas por uma porta quase igualmente imperceptível e um largo espelho que ficava do lado contrário.

Aquele espelho, em todas as salas que já visitara, sempre a fizera se sentir da mesma forma: pequena e observada, sem privacidade, pois já estivera do outro lado. Sabia que não passava de uma janela, que proporcionava a vista da sala para outras pessoas — nem sempre apenas policiais — relacionadas ao caso.

O local era grande, podendo ser ocupado por várias pessoas ao mesmo tempo, e era mobiliado apenas com uma mesa e quatro cadeiras de ferro, dispostas em duas de cada lado da mesa.

De um lado da mesa, ela e John sentavam-se e encaravam o homem de meia-idade e cabelos negros e ralos, que os olhava de volta ainda assustado, bebericando de um copo descartável, cheio de café, que lhe fora servido.

O homem, que descobrira o corpo da vítima mais cedo, era Elliot Price — segundo a pesquisa que Payne fizera —, segurança de um dos estabelecimentos do bairro, pai de família e sem ficha criminal.

Sem sombra de dúvidas, suspeito ou não, mesmo sendo bem tratado, qualquer pessoa que fosse levada àquela sala se sentiria desconfortável. Até mesmo Payne, na condição de interrogadora, sentia-se assim e não via a hora de sair daquele lugar.

Já haviam chegado a várias conclusões com a conversa e o interrogatório feito ali; a principal era de que definitivamente Elliot não era o assassino. Isso fora confirmado logo depois, com uma ligação feita por um policial, que comprovou sua presença no local onde trabalhava, por toda a madrugada e parte da noite.

O homem tinha olhos castanhos sinceros e inquietos, demonstrando o nervosismo que sentia. Então ela sorria, tentando fazê-lo se sentir confortável, mas de nada adiantava, já que seu parceiro o tratava como se ele estivesse confessando o crime e não ajudando os policiais.

— Então por que não nos explica exatamente o que fazia às seis da manhã por aquelas ruas desertas, Elliot? — John inclinava-se sobre a mesa para falar, apoiando os cotovelos e entrelaçando as mãos, olhando diretamente nos olhos do interrogado.

— Já disse, detetive, eu estava indo do trabalho pra casa... Sempre passo por aquela rua. Quando cheguei naquele ponto, ouvi um barulho no beco, provavelmente de um rato. Então avistei o corpo. Chamei a polícia logo em seguida. — Elliot gaguejava, parecia estar prestes a entrar em pânico, piscando muitas vezes, enquanto alternava o olhar entre seu copo e os detetives.

— Repetir as mesmas perguntas não vai nos levar a lugar algum, John. — Payne falou baixo e olhou para o parceiro, tocando o braço dele num gesto, evitando a agressividade, para evidenciar o que dizia. — Ele já nos disse o que fazia no local.

— Um momento — disse John, ainda olhando para o homem, logo depois levantando-se e se encaminhando para a porta da sala. — Venha comigo, Hastings.

A tenente respirou fundo, mas se ergueu apoiando as mãos no tampo da mesa, e então acompanhou seu parceiro até o corredor — também mal iluminado — que ficava do lado de fora da sala.

— Se você continuar querendo bancar a detetive boazinha, tentando tirar minha autoridade para passar por cima de mim, eu vou mover os céus e a terra para que você perca seu posto ao meu lado, ou ainda pior.

— Isso é uma ameaça, detetive? — Payne o encarava diretamente nos olhos e mantinha sua postura ereta, com queixo erguido e os braços cruzados, encarando o parceiro daquela maneira que ela sabia que a fazia parecer mais imponente perto de qualquer um.

— É um aviso. E você tem que se sentir agradecida porque ainda te dei a oportunidade de ser avisada.

— Você é pior do que eu imaginava, Hale. Você não tem coração —

esbravejou, mantendo um dos dedos, belamente decorados com unhas pintadas de um esmalte azul vivo, que combinava muito bem com sua pele escura, apontado exatamente no rosto do parceiro, que a olhava com uma expressão assustada, mas ainda sem perder a compostura, duro e estável como uma rocha —, você é, sinceramente, pior que os monstros que corremos atrás, de péssimo caráter, e além de tudo, é péssimo policial. — Não sabia de onde tinha tirado coragem para despejar tudo aquilo, mas dissera tudo sem gaguejar ao menos uma vez.

Depois de ouvir a última frase, John pareceu cair de suas estruturas de defesa, e apesar de não demonstrar no rosto o quanto estava, provavelmente, furioso com a situação, tinha em seus olhos algo que poderia estar entre uma raiva avassaladora e uma tristeza profunda.

Mas não disse sequer uma palavra. Apenas deu as costas a Payne, surpreendendo-a quando, em vez de retornar à sala de interrogatório, seguiu caminho para o lado contrário, desaparecendo depois de alguns segundos na esquina de um corredor.

Payne respirou fundo e recostou na parede mais próxima às suas costas, com as mãos na cintura, pensando no que dissera.

Era evidente que poderia ter tirado conclusões precipitadas, mas sabia também que tudo que dissera a John poderia servir de lição para que aquela forma com que ele vinha agindo acabasse ali. Mal o conhecia, mas do pouco que vira, notara uma personalidade ao mesmo tempo que invejável, também decepcionante.

Se ele vinha agindo daquele jeito apenas para impor superioridade em relação a ela, isso só piorava tudo, porque ela persistiria e não deixaria que ele a subordinasse.

Repentinamente arrependendo-se do que havia dito, por achar que poderia ter exagerado, Payne se recompôs e abriu a porta da sala de interrogatório, cuja maçaneta ainda se encontrava ao alcance das suas mãos, e entrou na sala, segurando a porta atrás de si.

— Está liberado. Poderemos te chamar para novo testemunho, caso seja necessário. Por favor, não saia do estado. — A frase decorada havia saído mais mecânica do que normalmente, e provavelmente Elliot percebera o peso da discussão que agora estava estampado no rosto de Hastings.

— Está tudo bem, detetive? — O homem perguntou, já se levantando

e se aproximando da porta, com o copo de café na mão, que tremia quase imperceptivelmente, demonstrando o nervosismo de Elliot, que ainda permanecia ali.

— Sim, tudo certo, Elliot. Obrigada pelas informações. Serão de grande ajuda na investigação. — Então a tenente forçou um sorriso, como sempre fazia quando precisava acalmar alguém. Obteve sucesso, pois agora Elliot sorria de volta, demonstrando mais calma. Ela abriu espaço para que ele passasse e o acompanhou por todo o corredor até a recepção da delegacia, em silêncio, encarando seus próprios passos.

Δ

Depois de se despedir da testemunha, e olhar ao redor sem encontrar seu parceiro, aproximou-se do balcão onde Godinski encontrava-se, atendendo o telefone e anotando algo, sem perceber sua presença.

O homem a tratara muito bem quando ela chegara pela manhã, entrando pela primeira vez no prédio. Sempre sorridente, servira um café a ela, e conversaram por alguns momentos, enquanto ele lhe apresentava o prédio, antes de levá-la até a sala de John. Ela gostava dele e sempre retribuiria os gestos gentis com enorme carinho.

— Ei, Godinski, por acaso viu Hale por aí? — Ela sorriu, debruçando-se sobre o balcão para observar o que ele anotava, percebendo que ele apenas desenhava num bloco de notas algo que parecia como uma caricatura do outro policial, um rapaz muito jovem e magro, de olhos verdes sonhadores, com quem dividia o balcão.

— Hastings. — Ele pareceu se assustar, por não ter notado a presença dela antes, mas sorriu apenas um instante depois, encerrando a ligação em que estava com breves palavras, e então voltando a atenção para ela. — Eu vi ele passar há pouco para o pátio. Parecia nervoso. Aconteceu alguma coisa?

— Nada com que você deva se preocupar, Richard. — Normalmente o primeiro nome dele nunca era usado no departamento, então a palavra vinda da boca da recém-chegada o surpreendeu de uma forma boa, arrancando um sorriso ainda maior de seu rosto, sem se preocupar com a intimidade com que ela o mencionara.

Payne serviu-se de um copo de café, que ficava sobre o balcão da

recepção, e dirigiu-se até o pátio, cerrando os olhos ao se deparar com a luz do sol do meio-dia.

Já estavam trabalhando no caso há seis horas, e até agora não sabiam ao menos o nome da vítima, e tudo que haviam conseguido foram algumas discussões.

O pátio estava cheio de estudantes da academia, dispersos em grupos, e todos, incluindo homens e mulheres, vestidos com o mesmo uniforme, de calça e camiseta.

Avistou John sentado em um banco não muito longe dali, distraído com algo que ela não conseguia enxergar, de pernas cruzadas e braços sobre as costas do banco, olhando para o lado contrário de onde ela estava.

Se aproximou devagar, tentando não fazer barulho para que ele não a visse, e sentou-se ao seu lado, para só então ele olhar pra ela, ainda sem expressão alguma. "*Como ele consegue?*", ela pensou.

— Vim te pedir desculpas por todas as coisas que disse mais cedo. — Ela o olhou nos olhos, esforçando-se para manter a seriedade e não cerrar os olhos com a luz do sol, que insistia em machucar sua vista, em vão.

Bebeu o café todo num gole só e jogou o copo numa lixeira ao lado do banco, para então voltar a olhar para o homem.

Foi então que reparou que os olhos do detetive estavam vermelhos, como se ele estivesse chorando há alguns minutos. Ela realmente havia exagerado em tudo que dissera.

— John, está tudo bem?

— Você acha mesmo que sou um péssimo policial, Hastings? — Ele parou de olhá-la e passou a olhar pro chão, para um nada que só ele enxergava, logo na frente do banco.

— Não. Eu saí do sério, disse coisas demais. — "*Então foi isso que o magoou*", pensou. Ela não cogitara que poderia causar tanto nele com apenas aquelas palavras. Provavelmente elas haviam acionado algo do passado dele. — Por que isso te preocupa?

— Porque o que me motiva estar aqui é terem me dito, há quase quinze anos, que eu era um bom policial. Longa história. — Ele descruzou as pernas e inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos no joelho. — Não é nada demais. Acho que apenas fiquei abalado com o assassinato. Por mais

que não tenha parecido.

— Não foi minha intenção lhe deixar assim. — Payne respirou fundo e recostou-se no banco, cruzando os braços. — Eu mal lhe conheço, Hale. E começamos com um pé atrás. Acho que estamos muito presos aos nossos passados.

— Creio que sim. — Então ele voltou o olhar pra ela, e seus olhos verdes já não pareciam mais tão avermelhados. Tinha um meio sorriso no rosto e parecia encorajá-la a ficar bem e esquecer. — Nunca é fácil começar a trabalhar com alguém novo. A pressão é imensa. E se esse alguém já tem tanta experiência quanto você, surpreendentemente, aí sim, tudo complica. Você tem costumes e aprendeu de forma diferente de mim.

— Mas, sabe, John... Algo me diz que o futuro nos reserva algo bom como uma dupla. — Ela sorriu, e seus dentes bem alinhados pareciam extremamente brancos em contraste com sua pele negra.

— O que a levou a querer ser detetive?

Payne se surpreendeu com a pergunta do parceiro, e limpou a garganta, pensando no que dizer.

— Principalmente a morte dos meus pais. Eu sempre quis descobrir o que houve. Achei que, se pudesse trabalhar no meio, conseguiria descobrir o que aconteceu. — Ajeitou-se no banco, mantendo a postura, mas deixando seus olhos na altura dos do detetive.

— Por isso então que sempre cria um vínculo com as vítimas, mesmo não as conhecendo. — O homem parecia mais compreensivo agora, como se a explicação mudasse toda a forma dele de pensar sobre ela.

— Sim... — Ela respirou fundo, fechando os olhos e levando as mãos até o rosto, passando-as também pelos cabelos alisados recentemente, que caíam sobre sua testa, ajeitando-os e então surpreendendo-o com um sorriso tímido. — Eu sempre acho que qualquer uma dessas pessoas pode ser algum parente distante e perdido.

John olhava ao redor, pensando sobre o que dizer. O pátio começava a se encher mais de policiais devido ao horário de almoço, e por todo lado se viam homens e mulheres fardados sentados em mesas e bancos, muitos com algum alimento na mão.

Numa das mesas que ficavam na área sombreada do local, ele avistou

o comandante, com sua camisa sempre muito bem engomada, costas largas e cabelos escuros começando a se tornar grisalhos, almoçando junto a mais dois oficiais que Hale não reconhecia.

Seu telefone tocou, tirando-o do transe e assustando Payne, que se encontrava concentrada na paisagem ao redor.

— Alô. — Escutou por um tempo através da linha, atencioso ao perceber que quem havia ligado era Hodges, com notícias do necrotério, convidando-os a ir até lá para atualizá-los. — Estarei aí daqui a pouco. Obrigado, Robert. — Desligou o telefonema e voltou a guardar o celular no bolso da jaqueta, deixando a mão ali, e recostando-se no banco. — Parece que agora podemos avançar no caso.

Capítulo 5

Se Eu Fosse Um Cadáver

John já perdera a conta de quantas vezes havia ido até o necrotério na vida. Ali tinha se deparado com todo tipo de coisas grotescas, e todas o assustaram em um certo nível. Em cima daquelas mesas frias de metal, já vira pessoas de todas as idades, de toda cor de pele que se possa imaginar e com todo tipo de ferimento, ocasionados por inúmeras causas de morte.

Hodges e seu assistente — um rapaz curioso que usava óculos grandes e parecia sempre perdido em pensamentos — eram as únicas companhias daqueles que, porventura do destino, chegavam até aquele lugar. Eles as tratavam como se algo ainda habitasse aqueles corpos, ora embalando o sono das almas com músicas clássicas, ora conversando com as mesmas.

O que mais surpreendia é que, fosse com palavras ou não, Hodges sempre recebia uma resposta por tudo que perguntava a elas.

E todo o espaço que restava vazio não parecia preenchido com almas de pessoas que já passaram por aquelas mesas, deixando tudo assustador, como acontecia em outros necrotérios que John visitara. O legista fizera do lugar, apesar de frio, aconchegante, e as várias gavetas enfileiradas nas paredes, onde Hale sabia que havia corpos, não chamavam tanta atenção quando se entrava ali.

Por todos os lados da sala se espalhavam adereços decorativos de Halloween, o que deixava tudo mais acolhedor e menos próximo da realidade, como se ele tivesse entrado num brinquedo de parque de diversões.

Iluminadas por luminárias em formato de crânios sorridentes de plástico colorido, as mesinhas de Robert pareciam até um lugar onde John gostaria de trabalhar.

Aquela era a "casa" do amigo, e ver tudo decorado daquela forma o fazia sentir-se mais próximo dele.

Hodges encontrava-se em frente ao painel iluminado, de braços estendidos, ajeitando placas de raio-X e observando atentamente, quando John e Payne entraram na sala, acompanhados por George Lewis, o jovem aprendiz.

Uma das duas mesas que ficavam no centro da sala tinha um corpo inteiramente coberto, enquanto na outra havia sido deixado o corpo da vítima do caso no qual trabalhavam, coberto apenas até o pescoço, já limpo pelas mãos dedicadas de Robert.

— Desculpe-me invadir seu hábitat natural. — John disse logo após limpar a garganta, sorrindo e aproximando-se do legista para analisar as placas escuras de plástico junto a ele, enquanto Payne permaneceu na porta do necrotério, ao lado do assistente, olhando tudo em volta. — Nosso amigo já tem nome?

— Segundo Lewis, que foi surpreendentemente rápido, este é Austin Stevens. — O legista foi até a mesa, seguido pelo detetive, enquanto falava. A tenente também se aproximou para ouvir mais de perto as informações.

— Foi fácil, as digitais dele não estão danificadas. — George falou, indo até um computador num canto da sala e virando o monitor onde se via a foto de um homem de cabelos louros escuros e olhos castanhos, de pouca idade, que outrora fora o jovem rapaz que agora encontrava-se deitado na mesa fria no centro da sala. — Mande o sangue dele para a análise para a confirmação, mas é quase certeza que esta é nossa vítima.

— É nosso homem. — John olhou uma última vez para o rosto do homem no computador, de uma foto que anteriormente ele havia tirado para sua carteira de motorista, e que fora arquivada para sempre pelo governo. Voltou então o olhar para o homem que agora encontrava-se deitado em sua frente, e tinha a face irreconhecível.

— A causa da morte foi estrangulamento. — Hodges pronunciou-se.

— Então foi mesmo morto pela gola de palhaço.

— Muito provavelmente sim.

— E por que o assassino a arrancou?

— Isso é algo para que você resolva, meu amigo. — Robert colocou a mão no ombro do tenente, ainda ao lado dele, enquanto todos encaravam o corpo, num círculo ao redor da mesa.

— O que mais descobriu com a autópsia?

— O assassino conseguiu, de forma extraordinária, fazer a extração da epiderme do rosto sem causar grandes danos aos músculos da face.

— E no que isso nos ajuda?

— Há grandes chances de que ele seja um cirurgião. Especialista em pele e enxertos. — Robert se aproximara mais ainda da mesa e analisava o rosto da vítima a poucos centímetros de distância, ainda admirado com os cortes. — Pode ter planejado por anos.

— Conclusões precipitadas demais.

— Hipóteses.

— Muito rasas.

— Os garotos podem parar de discutir? — Payne tinha os braços cruzados como sempre e parecia muito concentrada, analisando o rosto do homem do lado contrário do legista. — Continue, doutor.

Nesse momento ele retirou o pano grosso que cobria o resto do corpo, revelando seu tórax com o corte em Y ainda não costurado.

Apontou para as bordas do corte, onde era possível ver que ali havia uma sutura de pontos ainda não cicatrizados.

— Eu apenas abri o corte que o assassino havia feito anteriormente. — Ele pegou um instrumento de metal e o levou até uma borda do corte, puxando a pele e os músculos para o lado, e revelando um peito oco, sem coração. Percebeu quando todos, menos seu assistente, pareceram chocados. — O assassino removeu o coração da nossa vítima e não o devolveu.

— Um colecionador?

— Bom palpite.

— Aposto que possa ter algo a ver com mercado negro. — Payne se pronunciou mais uma vez, agora inclinada para analisar o interior do tórax da vítima.

— Bingo! — Hodges parecia animado.

— Então por que não levar todos os órgãos? — John olhava para a parceira.

— Os pulmões já não valeriam de nada. — Robert disse, dando de ombros. — Mandei amostra de tecido para biópsia. Parecia doente.

— Ainda assim, por que não levar os rins? Ou até mesmo as órbitas? — John tinha as mãos nos bolsos e parecia pensativo.

— Não é por causa de órgãos desprezados que descartaremos essa hipótese.

— Uma hipótese. — John ressaltou, dando ênfase na palavra "hipótese".

— Trabalhamos com hipóteses.

— Trabalhamos com fatos.

— Até porque você tem muitos fatos no momento, não é, Hale? — Payne agora tinha as mãos na cintura e encarava o parceiro, enquanto os outros dois homens os observavam.

— Tenho um corpo, a causa da morte, uma boa equipe. Basta pra mim.

— Então quem cometeu esse assassinato?

— Logo descobrirei.

Payne bufou, mas resolveu parar de discutir. Estava cansada de alimentar a discórdia que apenas crescia entre ela e o tenente. Teriam que trabalhar juntos por muito tempo. Isso não poderia continuar assim.

— Acho que o mais importante ainda não contei a vocês. — O doutor prosseguiu. — No fim da coluna há perfurações de agulhas, provavelmente anestésico. O assassino trabalhou na vítima totalmente desacordada.

— Isso é algo peculiar num assassino. — John agora se afastara para olhar as placas de raio x.

— Talvez ele tenha objetivos diferentes, ao invés de assistir o sofrimento. — Robert disse, concentrado na análise de algo dentro do tórax do homem.

— Acredito que nosso assassino apenas queira treinar suas habilidades cirúrgicas. — Payne opinou.

— Pessoal. — Todos olharam quando o doutor chamou, parecendo risonho, em busca de um instrumento em sua mesa. Pegou uma pinça e voltou-se para o corpo novamente. — Acho que vocês vão gostar de ver isso. Não sei como não encontrei antes. — Depois de alguns rápidos segundos de trabalho, tirou a pinça de dentro do tórax, que agora encontrava-se com um pequeno pedaço de papel dobrado, amarelo e manchado de sangue.

Com as mãos já enluvadas, Lewis se aproximou pegando o papel e o abriu, estendendo-o em cima de uma bandeja de aço que ficava na mesa de trabalho ao lado do corpo. Todos se aproximaram para ver o pequeno pedaço

de papel manchado de sangue, onde se lia:

"Prontos para conhecer meu circo?"

— Ah! O circo! — Robert disse animadamente, enquanto Payne trocava um olhar curioso com John.

Capítulo 6

Quer Uma Carona?

Payne e John saíram do necrotério logo após o achado do bilhete, que agora os fazia mergulhar no silêncio de seus próprios pensamentos em busca de respostas.

— Vou para casa descansar agora. — Os dois encontravam-se no fim das escadas do grande prédio onde Robert trabalhava, próximos à viatura do detetive. — Quer uma carona?

— Quero sim, obrigada. — Ela o encarou, e então dirigiu-se até a porta do passageiro do sedan preto, esperando que ele desse a volta e então entrando.

Sentaram-se lado a lado e respiraram fundo.

— Isso tudo está mais complicado do que eu pensava. — John disse, ao mesmo tempo em que colocava a chave na ignição.

— Darei uma pesquisada sobre Austin, pelo computador de casa, e verei o que posso encontrar.

— Boa ideia. Eu preciso dormir, mas não sei se consigo fechar os olhos depois de tudo que vi hoje.

— Nem eu.

Payne havia se recostado na janela e parecia muito mais calma do que naquela manhã. Mudança incrível de humor.

— Você está bem? — John quis saber.

— Claro.

— Hum.

— O que foi? — Ela agora olhava para ele, de canto de olho, sem mover a cabeça.

— Nada.

— Conta outra. — Dava pra se notar o tom de ironia na voz dela.

— Continuaremos discutindo até quando?

— Não sei.

— Precisamos parar com isso.

— Você me tira do sério, Hale.

Ele então sorriu, desviando o olhar para a janela do seu lado para que ela não percebesse. Dirigia com uma mão só, como de costume, e tinha o outro braço apoiado no vidro aberto. A posição ressaltava bem a tatuagem de delta que ele tinha no braço.

— Obrigado.

— Isso não é um elogio.

Hastings suspirava a cada frase, e parecia muito mais esgotada que ele.

Permaneceram calados por minutos tão longos que pareceram horas. Payne descascava seu esmalte azul com os dentes, demonstrando estar nervosa ou ansiosa, enquanto John a analisava pelo espelho retrovisor.

Era incrível como, mesmo de cara fechada, ela era bonita. E nem ao menos precisava de maquiagem pra isso, porque do pouco que ele entendia sobre, parecia que ela estava sem nenhuma naquele dia.

Sua pele escura, banhada pelo sol de fim de tarde que entrava pela janela, parecia ainda mais bonita do que quando a conhecera, mais cedo.

— O que faremos no próximo turno? — Payne perguntou, quebrando o silêncio.

— Pensei em darmos uma olhada nos circos da cidade.

— Boa ideia. — Ela não parecia contente em concordar.

— Ah, qual é? Tem medo de palhaços? — Ele agora a olhava, aproveitando enquanto o carro estava parado em um semáforo.

— Claro que não — disse secamente. — Como sabe onde moro?

— Documentos de admissão.

— Quando eu vou poder dirigir a viatura?

— Isso é um interrogatório?

Ela o olhou, mas manteve-se em silêncio. Revirou os olhos para ele e virou-se para a janela novamente.

John decidiu que deveria deixá-la quieta, então apenas dirigiu pelas

ruas do centro de Houston, atravessando a cidade, para deixá-la em casa.

É claro que ele teria que fazer todo o caminho de volta depois, pois passaria na delegacia para deixar papéis e provas que Robert o entregara, antes de finalmente ir pra casa descansar.

Parou o carro na frente do pequeno prédio onde Payne morava, alguns minutos depois. O local era bonito: uma pequena construção de três andares, branca, com um grande jardim na frente, e ficava entre quatro outros prédios exatamente iguais, formando um pequeno condomínio.

— Merda! — Payne exclamou e desceu rápido do carro em direção a uma mulher loura e de cabelos curtos — que John não havia notado antes —, recostada no muro em frente ao local.

Imaginando que Payne tinha problemas, o tenente desceu do carro e começou a se aproximar, mas foi surpreendido quando ela abraçou a mulher para ele desconhecida — agora sorridente —, fortemente, e depois a cumprimentou com um selinho.

— Me desculpe por fazê-la esperar. — A tenente sussurrou olhando diretamente nos olhos da mulher que era alguns centímetros mais baixa, enquanto John as observava.

— Não tem problema. — A loura então notou a presença do homem, e virou-se para ele quando o mesmo já havia decidido que se retiraria em silêncio. Ela então abriu seu sorriso mais ainda, como se estivesse feliz em conhecê-lo. — Então você é o novo parceiro de Payne?

— John Hale. — Ele aproximou-se e cumprimentou a mulher, surpreendendo-se com a firmeza com que ela retribuiu seu aperto de mão.

— Esta é Claire Waitley, minha namorada. — Payne disse, passando um dos braços pelos ombros dela, e olhando para John. — Obrigada pela carona, Hale.

— Por que não o convidamos para comer algo com a gente, Payne? Deixa de ser mal-educada. — Claire disse, olhando para a namorada e depois voltando o olhar para o tenente, que ainda se encontrava surpreso, paralisado em frente a elas. A única coisa que se movia nele eram seus cabelos castanhos escuros ao vento.

— Muito obrigado, Claire, mas tenho que ir. Fica pra outra hora. — Ele piscou, tentando parecer gentil, e começou a mover-se de volta pra

viatura. — Nos vemos depois, Hastings.

Ele então entrou no carro, ligou o rádio em uma estação de rock e tentou distrair a cabeça para esquecer o ocorrido que o deixara tão surpreso, dirigindo rápido de volta para o departamento.

Capítulo 7

Como Ser Um Bom Policial

Já anoitecia quando John finalmente chegou em casa, logo após passar pela delegacia. Seu condomínio não ficava tão longe do trabalho — como ele preferiu quando comprou seu apartamento —, então a viagem tinha sido relativamente rápida.

O que o havia atrasado eram as provas que teve que distribuir pelos setores do departamento, e as anotações que fizera antes de encerrar seu turno.

Jogou as chaves na mesinha ao lado da porta e tirou os sapatos, suspirando de prazer por deixar seus pés respirarem depois de tantas horas trabalhando.

Nem precisou acender as luzes, pois as janelas de vidro deixavam que a luz da lua cheia entrasse, fazendo com que os cômodos, já claros pelas paredes brancas, ficassem bem iluminados.

Caminhou até a cozinha, indo até a geladeira, onde encontrou suco natural de laranja — seu preferido — e serviu-se de um copo, voltando novamente para a sala, em direção ao sofá, e se espalhando pelo tecido macio do que ele chamava de lar.

Sua mente estava ao mesmo tempo cansada e perturbada por um milhão de pensamentos.

Era nesses momentos, quando tinha a companhia apenas de seus próprios devaneios, que deixava-se despir da armadura que sempre trajava.

De todas as coisas que pairavam sobre sua mente, a descoberta da sexualidade de Payne, acompanhada pela revelação de seu relacionamento, era o que mais o intrigava. E ele nem ao menos sabia o porquê.

Pelo que sabia de si mesmo, nunca havia tido nenhum tipo de preconceito em relação a nada, então descartara a possibilidade.

Mas sentia como se a situação amorosa de Payne quebrasse o vínculo que ele estava passando a criar com ela.

John descartou os pensamentos estranhos da cabeça, pegando o controle e ligando a TV, passeando pelos canais em busca de algo que o distraísse.

Outra coisa que não saía de sua cabeça eram as duras palavras da parceira sobre a forma como ele trabalhava.

Se ele se tornara um detetive condecorado e com um bom distintivo, era graças a tudo que havia passado quinze anos atrás, quando perdera seu primeiro parceiro e grande amigo.

Ainda se lembrava com muita angústia daquele seu primeiro dia na Polícia de Houston, logo após sair da academia, trabalhando ao lado de um dos grandes policiais do departamento, que havia sido um de seus instrutores.

Indeciso ainda em relação a ser policial e se aquela era a carreira que ele queria seguir em sua vida, John rezou a um Deus do qual duvidava e pediu que, se ele realmente existisse, o desse um sinal para que continuasse no departamento ou não.

Estava com seu parceiro fazendo rondas pelo bairro. Os dois riam, distraídos com piadas que contavam um ao outro.

O rádio fez o chamado para uma emergência e os dois se encontravam perto do local. Foram até a casa onde estava ocorrendo o assalto e, ao ouvirem choro de criança, temendo pela demora de reforços, decidiram invadir a residência, mas não foram bem-sucedidos. Seu parceiro levou um tiro no peito.

Em busca de defender a mulher grávida e seu filho, feitos reféns, John atirou num dos homens armados, o atingindo bem na cabeça. O outro fugiu logo após e nada foi levado.

A família continuou bem, apesar do trauma, e John levou daquele dia a frase que o garotinho disse à sua mãe, enquanto vários policiais chegavam no local:

— Aquele homem salvou a gente. Ele é um policial bom.

Naquele dia, após tentar — sem resultados — salvar seu parceiro, estancando o sangramento até que a ambulância chegasse, soube que tudo tinha seu preço e as duas vidas que haviam sido tiradas naquela casa eram consequência das outras duas que salvara.

Hoje em dia, duvidava de tudo que recebia fácil demais.

Dedicou toda sua vida à polícia depois daquele episódio, escolhendo por servir a cidade no departamento de homicídios, resolvendo inúmeros casos, salvando muitas pessoas, prendendo os mais diversos tipos de psicopatas.

Com isso, conquistara o distintivo de tenente que hoje mantinha com orgulho.

Fez com que seu trabalho também se tornasse sua diversão, para que nunca perdesse a vontade de se dedicar a desvendar os mistérios com que se deparava todos os dias.

O único problema é que, após o segundo parceiro que teve, com o qual trabalhou um ano, nunca mais conseguiu passar muito tempo trabalhando com a mesma pessoa.

No começo não se importava muito. A maioria eram apenas novatos, ou também, velhos cansados demais para serviço de rua, que cuspiam suas próprias regras, forçando John a obedecê-las.

Agora, apesar das desavenças desde o primeiro momento, torcia pra ter Payne como parceira permanentemente.

Ele via um pouco de si nela. Por conta da força que ela tinha, e da vontade de querer ajudar e o esforço em ser boa no que faz.

Lembrou-se então da primeira vez que trabalhou com uma mulher, quando ainda era muito jovem. Corinne era uma ruiva linda, recém-saída da academia, ainda lidando com seus medos e a falta de experiência.

John se apaixonara por ela, que retribuiu seu amor de forma ávida durante longos meses. Entre beijos escondidos no vestiário do departamento e sessões de sexo quente dentro da viatura, nas madrugadas em que vigiavam suspeitos, os dois viveram um romance avassalador. Ele amava cada sarda de seu corpo e a forma como surgiam lindas covinhas em suas bochechas quando ela sorria. E como seus olhos verdes brilhavam toda vez que ela olhava para ele.

Após três meses "trabalhando" juntos, os dois foram descobertos por um policial novato que os denunciou para o comandante, que por ser amigo da família de John, apenas transferiu Corinne para outra unidade.

Continuaram se vendo por algumas semanas até que Corinne se apaixonou por seu novo parceiro.

John riu sozinho no escuro, se lembrando da mulher. Como ele fora ingênuo.

Depois disso, manteve os poucos relacionamentos que teve, fora do trabalho. Nunca mais se envolveu com uma policial e isso ajudou-o a se tornar o detetive que era agora, por não interromper seus planos de manter-se na carreira.

Δ

— Por que você nunca se dá bem com seus parceiros? — Claire perguntou, debruçada sobre o balcão da pequena cozinha de mármore e madeira clara, observando Payne, que andava de um lado pro outro, entre a geladeira e os utensílios domésticos preparando um lanche, enquanto Pizza, a gata branca, grande e gorda que adotara as duas — porque num certo dia simplesmente apareceu e decidiu que moraria com elas —, esfregava-se em suas pernas e ronronava, esperando que fosse receber um afago ou alimento.

— Porque eles normalmente querem ser superiores por estarem há mais tempo na unidade, por serem homens, ou por ser brancos.

— Você devia se fixar numa unidade e parar de migrar tanto pela região.

— Até agora não me encaixei em lugar algum.

— Você e essa história de se encaixar.

Payne a olhou, encarando-a com aquele olhar fixo de reprovação de sempre, enquanto Claire retribuía com um simples sorriso.

— John parece legal.

— Ah! Qual é? — Payne jogou o pano de prato que segurava em cima do balcão — sem nenhuma leveza — e caminhou para sair da cozinha, mas a namorada a impediu, pegando sua mão e fazendo-a olhar em seus olhos.

— Você vai me jurar que vai tentar dessa vez. — Payne bufou, mas ela continuou. — Você precisa se estabilizar num local, Payne! Sinceramente, eu amo você, mas estou cansada de a cada mês ter que morar num local diferente porque você não se dá bem no seu emprego. — A loura tinha uma expressão de desespero, e a olhava nos olhos da forma que Payne

sabia que era pra que ela cedesse. — Eu só quero uma vida tranquila, num lugar legal, e me casar com você.

Payne então sorriu, lembrando das promessas que as duas sempre faziam uma à outra.

Depois de seis anos de namoro e quase dois morando juntas, os planejamentos para um casamento eram constantes, mesmo que não colocados em prática ainda.

Era evidente que Claire era a mulher de sua vida, e Payne planejava não só um casamento, mas todo um futuro ao lado dela.

Ela sonhava com uma família e viagens para fora do país e tudo isso incluía Claire de alguma forma.

— Sempre perdida em pensamentos. — Foi pega de surpresa com um beijo na ponta do nariz e acordou do transe em que se encontrava, passando a observar, recostada no balcão, quando a namorada foi em direção ao grande sofá-cama marrom da sala de estar para se sentar. — Preciso descansar, passei horas e horas ali na frente te esperando. — Deu um largo sorriso, olhando para Payne de onde estava e recebendo outro sorriso de volta.

— Já te pedi desculpas. Podia ter pedido ao porteiro do condomínio uma chave extra. — Ela caminhou até a namorada, sentando e se enroscando ao lado dela, recebendo um abraço.

— E ferir meu orgulho por ter perdido uma chave? — Ela beijou a testa de Payne, e passou a acariciar seus cabelos escuros, agora soltos, caindo livremente por sobre os ombros.

— Prometo me manter nessa unidade por mais tempo que o normal, para que casemos finalmente.

— Promete?

— Prometo. — Payne olhou para Claire, que tinha os cabelos curtos, agora espetados por conta do hábito que tinha de passar as mãos, e seus olhos castanhos brilhavam, demonstrando a mesma felicidade de sempre ao falar sobre o casamento.

Payne também já não podia esperar mais.

Capítulo 8

Viciada Em Trabalho

John acabara dormindo por quatorze horas, no mesmo sofá onde havia se instalado ao chegar em casa, e acordou confuso e mais dolorido que o normal quando ouviu os vários bips vindos do seu celular, que ele deixara anteriormente na mesa de centro da sala.

Espreguiçou-se e estendeu a mão para o celular, verificando as ligações e mensagens.

Havia recebido duas chamadas de Godinski, uma de Liam Harrison, um perito da equipe de coleta de prova, três ligações de Robert e uma de Payne.

Sua caixa de mensagens estava cheia, com mensagens gravadas e de texto.

Abriu a primeira mensagem de texto, que era de Robert:

"Preciso falar contigo, mas você não me atende. Me liga assim que puder?
Tenho notícias."

29/10/16 - 7:43h

John fez uma nota mental de ligar para Robert assim que se alimentasse.

Ele também havia deixado uma mensagem de voz, então deixou que ela reproduzisse, se levantando, levando o celular e indo até sua cozinha de aço inox, na qual havia investido meses de trabalho, procurando algo para comer.

— Ei amigo, você está bem? Não tenho conseguido falar com você.
— Robert limpou a garganta e então continuou a gravação da mensagem. — É sobre a pele removida ao redor dos olhos. Ainda não descobri o que pode ter sido usado para o trabalho, mas a pele parece queimada em algumas regiões da circunferência. Além disso, a abertura da boca foi feita com um tipo de instrumento de corte largo e não tão afiado. Descartei o uso de um

bisturi nessa região. É provável que isso mude algo na investigação. Talvez ele não seja mesmo um cirur...

A mensagem foi cortada, e então John deixou o celular em cima do balcão mais próximo, abrindo a geladeira e pegando o primeiro sanduíche pré-pronto que viu na frente, levando-o até o micro-ondas para aquecê-lo.

Voltou até o celular e pôs para reproduzir a mensagem de Godinski.

— Bom dia, detetive Hale. Há várias atualizações sobre seu caso e o pessoal tem tentado falar com você sem resultados. Aconteceu algo? Tenha um bom dia.

Abriu a janela para enviar uma mensagem a Godinski e digitou.

Me desculpa, eu acabei adormecendo. Vou dar uma passada no departamento mais tarde. Até mais.

Apertou em enviar e largou o celular mais uma vez, indo até o micro-ondas, que agora apitava, e pegou seu sanduíche, voltando para o sofá sem levar seu telefone, e ligando a TV para tentar se distrair um pouco e esquecer a realidade confusa.

Zapeou pelos canais da TV a cabo que optara pagar todos os meses, mesmo que nunca usasse, deixando no primeiro filme que achou interessante, e então se concentrou em seu sanduíche.

Foi interrompido instantes depois, quando seu celular começou a tocar, reproduzindo “Payphone”, da banda Maroon V, estridentemente alto.

"Como não ouvira o celular tocar antes?", pensou.

Ignorou e deixou que tocasse. Provavelmente era Robert, e ligaria para ele assim que terminasse de comer.

A ligação caiu, depois dos longos segundos em que a pessoa ficou pendurada ao telefone do outro lado da linha, esperando que ele atendesse.

Respirou fundo então, e agradeceu ao universo, acrescentando um pedido para que agora pudesse almoçar em paz.

Mas não demorou muito e seu celular voltou a tocar. John fitou o aparelho que, por conta da vibração, movia-se em cima do balcão da cozinha.

— É minha folga, caralho! — Bufou e levantou-se, largando o

sanduíche sobre a mesa de centro. Voltou à cozinha e pegou o aparelho, surpreendendo-se ao encontrar o número de Payne sendo exibido na tela do celular.

"Por que ela não pode descansar um pouco?", John pensou, pegando o telefone e finalmente atendendo a ligação.

— Alô.

— John, te acordei? — Sua voz parecia sonolenta, cansada, como se estivesse há muito tempo sem dormir.

— Não, tudo bem. O que houve?

— Andei pesquisando sobre Austin...

— Você dormiu? — John a cortou.

— Ainda não. Mas...

— Payne, vá descansar, e então falamos sobre isso.

— Eu não consegui dormir. O rosto desfigurado de Austin não me sai da cabeça.

John ficou em silêncio, sem saber o que dizer. Imaginava Payne do outro lado da linha em frente a um computador, trabalhando há horas, apenas com uma caneca de café ao seu lado e seus olhos já muito cansados.

— John?

— Você sempre se dedicou tanto?

— Nem sempre.

— O que esse caso tem de especial para você? — Ele voltou para o sofá, jogando-se de qualquer jeito sobre o tecido macio novamente.

— Meu pai era palhaço. — Ela suspirou, e pareceu se mover para um novo lugar.

— Você sabe que não deve criar vínculos, não é!?

— Sei. Não criei um vínculo, apenas me lembrei do meu pai com o que houve.

— Acha que está psicologicamente bem para continuar trabalhando nesse caso?

— Sim, está tudo bem.

— Durma. E depois me ligue para me contar sobre o que descobriu.

— Tentarei.

— Tome remédio, se for preciso.

Ela ficou em silêncio e então ouviu-se a voz de Claire ao fundo, dizendo algo que John não conseguiu entender.

— Okay, já estou indo! — Payne disse, afastando o aparelho da boca.
— Tenho que ir. Até mais.

— Até. — John desligou e largou o celular mais uma vez, voltando para seu sanduíche e pensando na conversa.

No início de sua carreira, John passara muitas noites maldormidas, revivendo cenas vivenciadas.

Depois de um certo tempo, aprendera a deixar no capacho do apartamento todos os problemas relacionados ao trabalho, e as imagens que tivera que enfrentar junto com a sujeira dos sapatos.

Agora John não sabia se Payne se vinculara a essa vítima pelas lembranças do pai ou se ela sempre criava um vínculo.

Decidiu que conversaria com ela depois para tentar ajudá-la com a situação, e se achasse necessário, pediria ao comandante o afastamento dela do caso. Pelo bem dela e do departamento.

Δ

Payne realmente passara a noite em claro, e mesmo depois de se esgotar pensando no pai, derramando lágrimas ao lembrar-se de todos os anos que já havia vivido sem ele desde sua morte, não conseguiu dormir.

Às 03h da manhã, foi para seu computador, no quarto extra que fizera de escritório em seu apartamento, e começou a pesquisar sobre Austin Stevens.

Durante as sete horas em que trabalhou na pesquisa, descobriu centenas de coisas sobre o jovem, começando pelo fato de que ele tinha vinte e dois anos e estava desaparecido há quase um mês.

A família o havia procurado todos os dias seguintes ao seu desaparecimento, indo até a delegacia e pregando cartazes por todas as ruas

da cidade de Houston.

Na timeline do Facebook do rapaz, havia muitos posts com belas palavras e orações de familiares implorando por sua volta.

Mal sabiam eles que nunca mais poderiam vê-lo.

Ela já imaginava o quanto a tristeza seria grande, e como o enterro — de caixão fechado — seria torturante para todos.

Austin estava em seu último ano do curso de engenharia na Universidade de Houston, fazia estágio em uma grande construtora da cidade, e namorava uma bela garota que estudava na mesma instituição.

Tudo isso segundo seu Facebook.

Quando começara na área de investigações, Payne tinha que revirar todo o banco de dados da polícia e conversar com parentes e amigos da vítima para começar a entendê-la. Hoje em dia, bastava entrar numa rede social, dar alguns cliques e rolar uma página, e já se sabia praticamente tudo sobre o indivíduo em questão.

Agora ela encontrava-se mais uma vez deitada em sua cama, olhando para o teto e esperando que o remédio que Claire arranjava para ela, fizesse efeito.

Já eram quase onze da manhã e passaram-se quase 36 horas sem que Payne pregasse os olhos.

Ao mesmo tempo em que seu corpo parecia implorar ao cérebro por descanso, sua mente simplesmente não desligava.

— Tudo bem aí? — Claire surgiu na porta do quarto e tinha os braços cruzados. Usava um avental sujo de tinta, porque provavelmente estivera pintando mais uma obra. Tinha um meio sorriso no rosto e seus cabelos estavam bagunçados como sempre.

— Não consigo desligar.

— Logo você apaga. — Ela tirou o avental, pendurando-o na maçaneta da porta, e aproximou-se, subindo de quatro sobre a cama, chegando muito perto e então jogando seu corpo sobre o colchão, para deitar de bruços e observar a namorada de perto.

Payne a fitou com seus olhos cansados e sorriu, ajeitando-se na cama para ficar de frente para a amada e então começou a sentir seu corpo a cada

momento mais "distante", como se estivesse fora do alcance de seu cérebro.

— Eu te amo. — A mulher sussurrou.

— Eu também te amo. — Claire disse sorrindo, mas Payne já não ouvia mais nada e tinha seus olhos enfim fechados.

Δ

Um raio de sol entrava por trás da cortina da janela do quarto quando Payne abriu um de seus olhos, logo depois de ouvir o som que partia de seu celular.

Checou as horas no rádio-relógio e assustou-se quando viu que eram 08:32h. Dormira por quase vinte e quatro horas.

— Atende, por favor. — Só então Payne percebeu a presença de Claire ao seu lado, que agora virava-se na cama e tapara os ouvidos com o próprio travesseiro.

Payne estendeu a mão para o celular e o pegou, atendendo a ligação de John, e levando o aparelho até a orelha rapidamente.

— Bom dia. — Levantou-se da cama enquanto falava e saiu do quarto sem acender as luzes.

— Oi, está melhor?

— Estou sim, obrigada.

Foi até a cozinha, abrindo a geladeira em busca de algo para se alimentar.

— Ok. — Ele pigarreou e parecia estar com as mãos ocupadas, pois ouviam-se barulhos de papéis sendo mexidos do outro lado da linha. — Preciso que esteja pronta em meia hora. Passo para lhe buscar.

— Como assim? Nossa folga ainda não acabou. — Ela havia enchido um copo com leite, mas parou com o copo a meio caminho da boca, assustada com o pedido do parceiro.

— Temos uma nova vítima.

Capítulo 9

Doces Ou Travessuras?

O tempo havia mudado drasticamente, e depois da formação de algumas nuvens escuras, passara a chover. O dia chorava por mais uma vítima desse novo serial killer. Os vidros do sedan estavam embaçados e os limpadores de para-brisa trabalhavam arduamente.

Payne estava concentrada em seu celular e John cantarolava a música que tocava no rádio.

— Por que não me contou que era homossexual?

— Hum? — Payne então parou para prestar atenção em seu parceiro, direcionando o olhar a ele. — Porque praticamente não nos conhecemos. E porque não sou.

— Ah? Como não? — O tenente parecia confuso, e deu olhares de soslaio para a mulher, depois a fitando pelo espelho retrovisor.

— Sou bissexual. — Ela então voltou a olhar para seu celular. Mas continuou falando, mudando de assunto. — Tudo isso... Digo, essa nova morte, vai atrapalhar toda a investigação.

— Ou ajudar.

— A família de Austin ainda nem sabe sobre sua morte.

— Cuidaremos disso.

— Quando?

— Não somos só dois. O departamento é uma equipe.

— E nossa visita ao circo?

— Adiada. Prioridades.

— Hum.

— Você é sempre assim?

Ela resmungou alguma coisa que ele não entendeu e depois seguiu em silêncio.

Chegando ao teatro onde havia sido encontrado o corpo, foram recepcionados por alguns policiais que os trouxeram guarda-chuvas,

encaminhando-os do carro até as grandes portas de madeira.

Ao passarem pelas portas, foram guiados por um hall até mais um grupo de altas portas que já se encontravam abertas, e davam num grande salão bifurcado em várias escadas entre fileiras e fileiras de cadeiras dispostas na diagonal, de frente a um enorme palco. O teto do espaço era abobadado e parecia ter sido completamente banhado a ouro.

O palco tinha as cortinas abertas e havia sido decorado para um espetáculo especial que provavelmente ocorreria naquela noite. Ao fundo, havia árvores secas e acinzentadas, feitas de um material que não era possível reconhecer daquela distância. Luminárias de vários tamanhos pendiam do teto, e tinha uma espécie de gaiola na ponta, contendo lâmpadas amareladas.

No centro do palco, duas toras de madeira pendiam do teto, pregadas uma por cima da outra formando um X. De suas quatro pontas e de alguns pontos no comprimento da madeira, pendiam fios grossos e transparentes, como uma versão muito maior de um condutor de marionete.

E uma marionete pendia dos fios.

Uma marionete humana.

Os tenentes desceram pelas escadas centrais ao se depararem com a cena, onde vários policiais e peritos já trabalhavam, para analisar melhor o corpo, disposto de uma forma grotesca, exatamente como o anterior.

O mais assustador era que seus membros haviam sido decepados na altura dos pulsos, cotovelos, ombros e joelhos e recolocados com a adição de uma espécie de dobradiça de plástico e metal, que permitia a articulação. Por conta disso, pendiam sem vida, amarrados pelas cordas transparentes, como um verdadeiro show de horrores, dessa vez de marionetes.

A boca havia sido cortada da mesma forma que a da vítima anterior, num largo sorriso assustador, e sua cabeça estava meio pendente sobre o ombro. Seus globos oculares tinham sido arrancados, e no local existiam agora dois botões brancos, costurados à pele e manchados de sangue.

Dessa vez a vítima era uma mulher, e trajava um vestido xadrez em azul e branco, que ia até a altura de suas coxas. Seus cabelos castanhos escuros compridos caíam sobre os ombros, ainda bonitos e bem tratados, como se não fizessem parte de um corpo agora morto, se destacando.

— Olha, John. — Payne disse, apontando para as mãos da vítima. Em

cada uma, encontrava-se um bilhete, como o que o assassino havia deixado no interior do tórax da primeira vítima.

Ela pegou um par de luvas que tinha ainda num pacote fechado dentro do bolso da jaqueta, e deu uma a John, indo até a mão esquerda da vítima e pegando o bilhete que havia sido encaixado entre o indicador e o dedo do meio.

Abriu o papel dobrado com um pouco de dificuldade por usar apenas uma mão e, quando finalmente conseguiu, leu em voz alta para que seu parceiro também soubesse o conteúdo.

— Quem entre vocês está sendo manipulado?

A expressão do tenente mudou completamente e ele olhava em volta, buscando alguém que os encarasse.

— Alguém aqui sabe quem é o assassino.

— Por que acha isso?

— Ou o serial quer que acreditemos que há um infiltrado, ou realmente existe um infiltrado.

— Mas aqui todos trabalham para o governo.

— Ou seja: pessoas de quem não desconfiamos. — John parou de olhar em volta e fixou seu olhar no outro bilhete, ainda sem estender a mão para pegá-lo. — Por que dessa vez há dois bilhetes?

Payne mal conhecia o parceiro, mas sabia que agora ele duvidaria de tudo e todos ao seu redor. Ela respirou fundo e se aproximou, indo em direção ao local onde John estava, e estendeu a mão enluvada para o bilhete, mas foi impedida por ele com um toque no braço.

— Não. Eu leio.

Ele pegou o bilhete e então o abriu, encarando as palavras por um momento para, depois de alguns segundos torturantes de curiosidade para Payne, ler em voz alta.

— O que os olhos não veem...

— O coração não sente. — Payne o interrompeu e completou, lembrando-se do ditado e do coração extraído da primeira vítima.

Os dois encararam o local onde anteriormente estiveram os olhos da mulher, confusos com o caso que parecia mais complexo a cada prova

encontrada.

Capítulo 10

Querida Marionete

— Já temos a identidade da vítima? — John perguntou a um dos policiais que estiveram coletando provas momentos antes, questionando um homem que trabalhava no local e havia descoberto o corpo.

— Sim. Ela é Lily Delancey. Trabalhava aqui cuidando da sonorização. — O homem olhava para um tablet onde anotara todos os dados coletados.

Os tenentes haviam deixado o corpo livre para que toda a equipe trabalhasse, logo depois que leram os bilhetes que agora encontravam-se dentro de um saco de provas, juntamente com as demais descobertas.

— Eu já vi esse nome em algum lugar. — Payne disse, pensativa enquanto olhava ao redor, analisando todos que trabalhavam.

— Lembre-se de onde. Precisamos saber se ela tem algo em comum com a vítima anterior. — John desceu do palco e andou até as escadas, subindo até a primeira fileira de cadeiras e sentando-se. Payne o acompanhou, ficando em pé ao seu lado.

A equipe de peritos agora trabalhava para retirar o corpo do local, cortando as cordas que mantinham a mulher pairando a alguns centímetros do chão.

Robert avisou que não poderia ir até o local e Lewis chegara um pouco mais cedo e já fora embora, levando poucos dados consigo para o necrotério.

— O que você acha que o assassino quer nos dizer com os bilhetes? — John perguntou, direcionando o olhar para a parceira.

— Cada bilhete é único e não tem ligação com o outro. É difícil dizer.

— Talvez mais tarde consigamos decifrar esse quebra-cabeça.

— Por que você acha que é um quebra-cabeça?

— Não creio que o assassino simplesmente pôs os bilhetes ali sem motivo algum. — Ele passou a mão pelos cabelos escuros, ajeitando-os com os dedos.

— E se ele quiser atenção?

— Todo serial sempre busca atenção.

— Não... John, para pra pensar. — Payne sentou-se na cadeira da mesma fileira que o parceiro, do outro lado da escada, ficando de frente a ele. — Pode ser que tenhamos descoberto o corpo antes do que ele planejava. Teria um espetáculo aqui hoje à noite.

— Ele queria expor o corpo da vítima para que todos vissem.

— Exatamente.

— Por quê? — Ele a encarou.

— É isso que precisamos descobrir.

Alguns peritos trouxeram uma maca de metal, onde o corpo foi colocado, tomando o devido cuidado para não causar a desunião dos membros.

— Acho que este é o caso mais complicado da minha vida.

John sorriu, fitou a parceira e se ajeitou na cadeira, cruzando as pernas.

— Temos sorte que nos tornamos parceiros na hora certa.

— Por que diz isso? — Payne inclinou-se, tentando ignorar a dor que tinha no estômago por não ter comido.

— Complicado demais para apenas um de nós.

— Quer dizer que você admite que estamos trabalhando bem juntos?

— Não exatamente. — Ele ainda sorria, encarando o palco, e seus dentes brancos destacavam-se em contraste com a barba escura que ele mantinha, muito bem cuidada.

Os dois então permaneceram em silêncio, apenas com o som de suas próprias vozes dentro de suas cabeças, pensando em cada prova que haviam encontrado até agora, em busca de que algo se encaixasse e os impulsionasse à resolução do caso.

John ainda não entendera por que a gola da roupa do palhaço havia sido descosturada de sua roupa. O assassino parecia muito cuidadoso em tudo que fazia, então esse gesto de arrancar a gola depois de usá-la para matar o homem devia ter algum motivo.

Outra coisa que o intrigava era a forma aleatória das causas de morte, da forma que ele deixava o corpo, e até mesmo do local.

Isso sem falar nos bilhetes, que o deixavam cada vez mais confuso.

Payne retirou seu celular do bolso e começou a mexer nele, deslizando os dedos pela tela com muita agilidade.

— Normalmente, era para estarmos trabalhando. Recolhendo provas ou discutindo sobre as que já temos. — John disse, irritado com o gesto da parceira.

— Estou trabalhando. Dando uma olhada novamente no perfil do Austin no Facebook.

— Por quê?

— Espera.

Payne permaneceu em silêncio por um longo tempo, deslizando o dedo pela tela de seu celular de última geração. John a observou por um tempo e depois voltou o olhar para o palco.

Alguns policiais ainda conversavam com o homem que trabalhava na limpeza do local. Peritos examinavam toda a extensão do palco em busca de provas, e outros ainda andavam entre as cadeiras do grande salão, iluminando com lanternas.

Nada poderia passar em vão.

— John...

Ele olhou para a parceira que agora segurava o celular com a tela de frente para ele.

Na tela, uma notícia publicada na timeline de Austin anunciava seu desaparecimento, ocorrido há cerca de um mês.

Ele encontrava-se com mais quatro amigos de carro pelas estradas do norte do Texas de volta para casa, depois de uma viagem de lazer, quando os cinco desapareceram sem deixar vestígio algum.

A polícia havia investigado durante todo o mês, e relatavam o caso como um sequestro.

O carro nunca fora encontrado.

Junto de Austin, viajavam sua namorada Madelin Price, dois amigos

seus da faculdade que eram irmãos, Max e Martin Hiver, e também uma garota chamada Lily Delancey.

— Precisamos encontrar os outros três. — John murmurou. — Não podemos deixar que esse monstro machuque mais nenhum deles.

— E por onde podemos começar?

Ele encarou os olhos da parceira que, naquele dia, pareciam muito mais verdes do que castanhos.

— Eu não sei, Payne. Eu sinceramente não sei.

Capítulo 11

A Teia

Os dois tenentes haviam voltado para a delegacia e agora encontravam-se na sala de John, um de frente ao outro, com a mesa da sala entre eles.

— Tudo que precisamos entender no momento é a ligação de cada indivíduo desse carro.

— Madelin e Austin namoravam. — Payne respondeu ao parceiro, encarando os papéis que eles tinham sobre a mesa, com fotos de todos os desaparecidos e das duas vítimas, provas que haviam encontrado até agora, e um quebra-cabeça a ser trabalhado.

— Madelin ainda não foi morta.

— Se é que ela também está com o assassino.

— Por que ele sequestraria apenas dois?

— Eles podem ter se separado. Parado para comprar algo. Precisamos perguntar nos pontos de parada da rodovia em que eles viajavam.

— O carro sumiu.

— Não entendo como o serial killer fez isso. — John tinha em mãos a ficha de Austin, onde encontravam-se os dados de tudo que encontraram até agora. — No carro havia cinco pessoas, como ele as sequestrou?

— Você acha que pode ser mais de um assassino?

— Muito provável. Ele não conseguiria sozinho.

John parecia pensativo e analisava cada detalhe várias e várias vezes, relendo vez ou outra as mesmas palavras por muitas vezes antes de seguir em frente no seu estudo das provas.

— Eu não consigo entender o porquê dos bilhetes.

— Há uma ligação entre os assassinos e as vítimas. Ou esses bilhetes são direcionados a alguém.

— Quem?

Payne o encarou, depois desviou o olhar, pegando o saco de provas onde encontrava-se um dos bilhetes.

— Acho que ele conhece alguém aqui no departamento.

— Eu trabalho aqui há anos. Não consigo pensar em ninguém que possa estar corrompido.

— Talvez não trabalhe exatamente aqui. Mas terceirizado. Alguém que possa entrar e sair daqui facilmente.

O tenente parou para pensar em todas as pessoas que entravam e saíam dali todos os dias. Havia muitos advogados, peritos, vítimas, detentos, policiais de outras regiões.

Ele nunca conseguiria chegar a uma conclusão assim, então decidiu trabalhar com eliminação e no computador.

Virou-se para a máquina já um pouco velha do governo e abriu um banco de dados da delegacia, onde era possível encontrar o nome de todas as pessoas que trabalhavam naquele prédio. Ainda não era o suficiente, pois não listava as pessoas que apenas passavam por ali, mas era um bom ponto de partida.

Começou eliminando Payne.

Mesmo sendo recém-chegada e alguém que John não conhecia, ela com certeza não tinha sangue frio o suficiente para um assassinato cometido daquele jeito. Além disso, não tinha ligação com as vítimas.

Eliminou então Godinski e seu chefe, Lockwood.

Pensou algumas vezes antes de eliminar o parceiro de balcão de Godinski e logo depois de mais algumas eliminações, parou e se afastou do computador, estressando-se por não chegar a lugar nenhum.

Foi pego de surpresa com Payne o observando e sorrindo.

— O que foi?

— Você teve uma ideia boa. Mas realmente não vai chegar a lugar algum. — Ela baixou o olhar novamente para os papéis em cima da mesa, continuando a olhar um por um, como ela vinha fazendo desde que entraram naquela sala. — Precisamos ficar atentos às pessoas que entram e saem daqui. Deixe Godinski avisado. Peça para que ele nos ajude.

— Ok.

Ela continuou analisando as fichas que haviam feito sobre cada um dos desaparecidos do dia 26 do mês anterior.

— O carro foi visto pela última vez num posto rodoviário a 80 quilômetros daqui. A viagem que eles fizeram foi para um local a 340 quilômetros daqui. Esse sequestro só pode ter sido arquitetado. Por que esperar até que chegassem tão próximo à Houston novamente?

— Há relatos de acidente no dia perto do local?

— Nenhum.

— Talvez quem ajudou o serial tivesse marcado de encontrá-lo próximo à cidade. — John apoiou os cotovelos na mesa, fechando as duas mãos em punho juntas à frente da boca, encarando a parceira.

— É uma boa hipótese.

— Dois assassinos?

— Para lidar com o sequestro de cinco pessoas? Podem ser muito mais que dois.

O telefone tocou, distraindo-os da linha de raciocínio, e John se surpreendeu quando atendeu e o comandante falou do outro lado da linha.

— Quero tudo sobre o caso na minha sala em meia hora.

— Sim, senhor.

O tenente respondeu rapidamente num tom que demonstrava muito respeito e desligou logo depois.

— Precisamos atualizar Lockwood com o que já temos.

— Não temos quase nada, Hale.

— Temos duas vítimas, três desaparecidos, mais de um assassino, um carro que simplesmente sumiu do mapa...

— Tudo bem, mas e as causas da morte de Lily?

— Isso Robert descobrirá hoje ainda, muito provavelmente.

— Hodges já terminou a autópsia no corpo de Austin?

— Eu não sei ainda. Acabei esquecendo de retornar as ligações dele ontem.

— Fale com ele.

— Robert nunca deixa de visitar uma cena de crime. Talvez tenha mesmo descoberto algo novo.

— Ou esteja chateado. — Payne levantou-se, já cansada de todo o tempo que ficara sentada analisando e reanalisando cada prova, e foi até a janela da sala de John, que dava de frente a uma grande avenida, onde passavam carros demais.

— Por que não liguei? Acho que não. — John cruzou os braços e apoiou as costas na cadeira.

— Nunca se sabe.

Ela virou-se pra ele de novo, olhando-o nos olhos.

— O que liga todos os desaparecidos?

— A faculdade?

— Não. — Ela se aproximou novamente, sentando-se e parecendo olhar para o nada, com o olhar fixo e pensativa. — Qual deles é o mais próximo de todos? Porque num grupo de amigos, sempre há alguém que se dá melhor com todos.

— Austin namorava Madelin e Lily era sua melhor amiga. Max e Martin eram seus irmãos de criação. Filhos do padrasto. — Ele tinha a ficha de Austin em mãos novamente e a analisava enquanto falava.

— Viu? Ele se dá muito bem com todo mundo, muito provavelmente.

— Nem sempre irmãos se dão bem.

Ela cerrou os olhos, ainda perto da janela, o observando de longe.

— Vamos levar em conta que na verdade o serial só queria atingir Austin, então matou seus amigos em sua frente. Desovou o corpo dele primeiro e agora está descartando os outros.

— Quer dizer que você acha que os outros já podem estar mortos?

— É uma hipótese.

— Isso me parece estranho demais.

— Precisamos de mais provas. — Payne voltou a ficar de costas. — Esse caso está me tirando do sério.

— Como um corpo?

— Ajudaria muito. Mas não quero mais ninguém morto.

A tenente voltou para perto da mesa e se sentou novamente, fixando o olhar no do parceiro.

— Precisamos pegar esse assassino.

Capítulo 12

A Sala Do Coronel

Payne ainda não conhecia aqueles lados do prédio do departamento de homicídios, pois ficava do lado contrário ao que John trabalhava.

Era notável que ali trabalhava quem tinha um bom distintivo e uma alta patente. Havia plantas por todos os locais e, de um lado do corredor, janelas de vidro inteiriço davam vista para a avenida lá embaixo. O corredor largo e bem cuidado terminava numa porta dupla de madeira escura que ela soube que era a sala do comandante, antes mesmo que seu parceiro batesse.

Lockwood os convidou a entrar e então os dois se viram numa grande sala, que tinha um sofá em uma das paredes e, no centro, uma enorme mesa de madeira da mesma cor que as portas, onde o chefe encontrava-se, escrevendo algo em algum tipo de requerimento.

O homem, corpulento e de cabeça começando a se tornar grisalha pela idade, vestia uma camisa polo preta que tinha bordado o símbolo da Polícia de Houston no bolso do peito.

Manteve-se concentrado no que fazia por mais alguns longos instantes, enquanto John e Payne mantinham-se parados à espera de uma palavra do superior.

Quando ele finalmente acabou o que fazia, ergueu a cabeça e sorriu ao avistar Payne, levantando-se rapidamente e dando a volta na mesa para cumprimentá-la.

— É um prazer finalmente conhecê-la, Hastings. Ouvi falar muito bem de você. — Ele a cumprimentou com um firme aperto de mão, olhando-a nos olhos e sorrindo por baixo do bigode que compunha a barba cheia e bem-feita. — Seja bem-vinda à Houston, garota.

— Muito obrigada, comandante. É um prazer conhecê-lo também.

— Sentem-se, por favor. — O homem, alto como John, e ainda mais forte e corpulento, deu a volta em sua mesa novamente e sentou-se, cruzando as mãos em cima do tampo da mesa e olhando para o tenente. — Então, Hale, o que temos até agora?

Os dois tenentes haviam se sentado nas duas cadeiras que ficavam na

parte da frente da mesa e o homem agora abria sua pasta em cima da mesa de seu chefe, retirando as cinco fichas sobre os desaparecidos e estendendo ao outro, que pegou e passou a analisá-las.

— Os cinco desapareceram há um mês. O desaparecimento foi registrado e buscas foram e ainda são feitas. Austin e Lily estão mortos.

Lockwood analisava as fichas com atenção, demorando-se nas fotos que ficavam na parte superior das folhas, e depois passando a ler por cima os detalhes sobre cada um dos desaparecidos.

— Austin foi asfixiado, provavelmente com a gola da fantasia de palhaço que usava. Ainda não sabemos a causa da morte de Lily. — John prosseguiu ao notar que o outro homem continuaria em silêncio.

— Lily teve os membros decepados e Austin foi esfolado vivo. — Payne completou, cruzando as pernas e inclinando-se um pouco ao falar, em direção ao chefe.

Os três permaneceram em silêncio por alguns minutos, enquanto Lockwood estudava as últimas duas fichas da pilha. Quando deixou tudo sobre a mesa novamente, ajeitou tudo, deixando a ficha de Austin por cima, como anteriormente, e então alternou o olhar entre os detetives.

— O que mais temos?

— Não muito. Encontramos a ligação de cada uma das pessoas que estavam no carro. — Payne respondeu. — Austin era namorado de Madelin, que ainda está desaparecida, e um grande amigo de Lily, que também encontramos morta. Martin e Max eram seus irmãos de criação.

— Martin e Max Hiver? Os gêmeos?

— Sim. Conhece, senhor?

— Ouviu-se falar muito quando desapareceram. O pai dos dois é um homem bastante influente. Se não me engano, juiz.

— Pelo que entendi, o pai deles é padrasto de Austin. — John esclareceu.

— E o Sr. Hiver ainda não se pronunciou sobre a morte do enteado? — Payne olhou para o parceiro e depois para o comandante.

— Está em todos os jornais, mas os nomes ainda não foram divulgados. — Seu parceiro respondeu, tornando aquela uma discussão

apenas entre os dois, que Lockwood observava, agora com as costas apoiadas na cadeira, de braços cruzados.

— Ele é um juiz. Tem informações sobre tudo livremente. Muito provavelmente já sabe de tudo. Alguém deve tê-lo avisado.

— Creio que se ele soubesse já estaria desesperado em busca dos filhos.

— Não se ele tiver algo a ver com os assassinatos... — Payne sussurrou. Não conhecia o comandante e não sabia como ele reagiria a contradições e dúvidas sobre alguém superior a eles, então esperou que ele não lhe desse seu primeiro sermão.

— Não podemos duvidar de ninguém. — O chefe respondeu, surpreendendo a mulher. — Mas precisamos avisar a ele. E a família de Lily também.

— E Madelin? — John perguntou.

— Como ela ainda se encontra desaparecida, não há novidades sobre ela para contar a ninguém.

— Chefe, eu creio que o assassino possui algum lugar onde deixou as vítimas em cativeiro por todo esse tempo. Deveríamos ampliar as buscas.

— Faça isso. Pergunte ao Hodges se as vítimas estavam em estado de desnutrição ou algo parecido.

Lockwood voltara a analisar a ficha de Austin, sem mexer nas outras, apenas de olhos fixos nas folhas.

— Vocês devem encontrar essas pessoas antes que o assassino haja novamente.

— E se todos já estiverem mortos? — O tenente questionou.

— Por que acha que isso deve ser levado em questão?

— Já faz um mês e o serial que fez isso está se livrando dos corpos muito rápido. Foram dois num intervalo de três dias.

— Então não deixem que ele faça de novo. Essas pessoas podem estar todas mortas, mas ainda sim quero esse assassino numa cadeira de réu.

— Pensamos na hipótese de mais de um assassino, comandante. — Payne disse.

— Por quê? — O homem cruzou os braços novamente, encarando a mulher.

— Cinco pessoas num carro. Três homens. Como ele conseguiria sequestrar essas cinco pessoas sozinho?

— Você tem razão. E se há mais de uma pessoa praticando esses crimes, a chance de descobrirem quem os pratica é maior.

— Sim, senhor.

Permaneceram em silêncio por alguns minutos, como se os três trabalhassem a mente para alguma nova revelação sobre o caso.

O comandante quebrou o silêncio quando pegou seu telefone em cima de sua mesa de mogno muito bem lustrada, e discou um número, levando o aparelho ao ouvido, enquanto os tenentes o observavam.

— Hiver? Sinto muito por isso, juiz. Seu enteado foi encontrado morto. — Ele falava pausadamente e com calma, e do outro lado da linha dava para se ouvir uma voz furiosa, que ainda assim não derrubava as estruturas de Lockwood, parecendo lidar muito bem com o tipo de notícia. — Tudo bem, esperamos pelo senhor.

Ele então desligou o telefone e o encaixou novamente na base.

— O juiz Hiver está furioso, mas disse que virá à delegacia para conversar pessoalmente conosco.

— Então, ele realmente não sabia sobre a morte do enteado.

— Não. Mas não parece tão preocupado com isso. — Ele respondeu olhando nos olhos da tenente.

— Não? — John perguntou.

— Ele não quer que isso vaze na mídia por enquanto, e — disse o comandante e levantou as mãos, fazendo sinais de aspas no ar — "manche sua imagem".

— Como o assassinato de seu enteado poderia manchar sua imagem?

— Eu não entendo a cabeça de ninguém do judiciário, meu amigo. — O comandante sorriu, pegou as fichas na mão e as entregou de volta a John.

O tenente guardou novamente as fichas na pasta e então colocou na frente do chefe dois sacos transparentes e selados, que continham os bilhetes deixados pelo serial killer.

— Juntamente com os corpos, o assassino sempre nos deixa bilhetes. Acredito que ele queira nos dizer algo, mas ainda não descobrimos o que pode ser.

O homem analisava os sacos de perto, apertando o plástico e o esticando para visualizar melhor as escritas.

— Já analisaram a escrita ou o papel à procura de digitais?

— Ainda não.

— Façam isso imediatamente, e peçam urgência ao laboratório.

— Acha que isso pode nos ajudar, senhor?

— A escrita de alguém diz muito sobre uma pessoa.

— Quer a análise de um especialista?

— Com certeza.

Payne permanecia em silêncio, analisando enquanto os dois homens debatiam, de pernas cruzadas e olhar fixo sempre no homem que falava.

John retirou seu bloco de notas do bolso da jaqueta e anotou o pedido do chefe.

— Reforce novamente as buscas pelo carro e pelos outros desaparecidos. Me apego à esperança de que ainda não estão mortos, então o objetivo de vocês agora é encontrá-los. — Lockwood olhou fixamente nos olhos de Hale enquanto falava e depois desviou o olhar para Payne, verificando se ela também estava de acordo.

— Sim, senhor.

Ele fez um gesto de confirmação com a cabeça e se recostou novamente na cadeira.

— Se não tiverem mais nada para mim, estão dispensados. Os chamarei novamente quando Hiver estiver aqui.

John entregou a pasta ao chefe, com as cópias de todos os arquivos que já tinham sobre cada descoberta no caso, e então os dois tenentes se levantaram e viraram-se para sair.

Foram pegos de surpresa quando Hastings abriu a porta, e o juiz encontrava-se ali, pronto para bater, parecendo ao mesmo tempo exausto e extremamente nervoso.

Capítulo 13

O Juiz

— Entre, juiz Hiver. — Lockwood disse, levantando-se de sua mesa, e todos os olhares foram direcionados a ele.

Todos pareciam surpresos em ver o juiz, e os quatro rostos na sala demonstravam extrema preocupação, cada um por seus próprios motivos.

— Você chegou rápido, juiz. — Payne pronunciou-se, voltando o olhar para o homem alto e louro, de meia-idade, trajando um terno que poderia facilmente custar o mesmo que todo o guarda-roupa da tenente.

— Você parece desinformada, detetive. O tribunal fica a duas quadras daqui. — Ele deu um sorriso de deboche para a tenente.

— Me desculpe, senhor, sou nova em Houston.

— Você colocou alguém inexperiente para trabalhar no caso dos meus filhos? — Ele agora falava direcionado ao comandante, e parecia furioso.

— Pelo contrário. — O comandante aproximou-se e parou ao lado da tenente. — A tenente Hastings é uma das detetives mais experientes que conheço, responsável por colocar atrás das grades vários dos assassinos mais procurados do estado do Texas.

John agora tinha os braços cruzados, e encarava a parceira com outros olhos. "*Então ela é famosa*", pensou.

— Hastings? Payne Hastings? A que capturou o Maratonista em Dallas? — Ele olhou surpreso para o comandante e depois alternou o olhar à detetive.

Ela estendeu sua mão para o juiz e forçou um sorriso amigável, contente pela reação dele ao saber quem ela era, mas ainda irritada pela reação precipitada dele.

— É um prazer conhecê-lo, juiz Hiver.

— O prazer é todo meu, querida. E por favor, me chame de Pietro. — Ele pegou a mão dela entre as suas, sorrindo calorosamente enquanto olhava em seus olhos.

Payne segurou-se para não revirar os olhos pela mudança de humor repentina do juiz, causada por interesses.

Assim que o juiz soltou sua mão, a mulher desviou o olhar para o parceiro, que a encarava com um grande sorriso no rosto. Ela não sabia se era de curiosidade ou orgulho, mas sorriu de volta.

— Então. — O comandante disse, chamando a atenção de todos. — Sente-se, juiz.

Pietro Hiver passou a mão por seus cabelos cheios e muito bem cuidados e encaminhou-se para uma das grandes cadeiras dispostas na frente da mesa do comandante, enquanto John e Payne, ainda de pé, puseram-se lado a lado logo atrás.

— Parabéns, detetive Hastings. — John sussurrou, aproximando-se mais um pouco, falando em tom de ironia.

— Muito obrigada, detetive Hale. — Ela sussurrou de volta, sorrindo, com o olhar fixo nos gestos do juiz.

— Bom, Hiver, seus filhos ainda não foram encontrados, mas devido a algumas investigações de um caso recentemente aberto por nossos detetives, temos novas pistas sobre o que pode ter acontecido com eles.

— E vocês voltaram com as buscas?

— Sim, senhor. Seus filhos correm grandes riscos e podem estar nas mãos do assassino do seu enteado.

— Então, Austin morreu...

— Sinto muito.

Lockwood pareceu muito sincero, mas Hiver não parecia tão triste pela morte do rapaz, e apenas passou uma mão pelo rosto, voltando a fixar o olhar no outro homem.

— O que mais vocês podem me dizer?

O comandante começou a contar sobre o que já haviam descoberto até então e que poderia ser divulgado, compartilhando com o juiz uma geral dos acontecimentos e escondendo vários fatos.

O juiz escutava atentamente e em silêncio, passando a mão pelos cabelos de hora em hora, parecendo a cada momento mais nervoso.

— Tenho certeza que Hale e Hastings trabalharão muito bem, como

sempre, e encontrarão seus filhos. — Lockwood concluiu.

— Fico feliz que tenha colocado detetives competentes no caso dos meus filhos, comandante.

— Foi por acaso. O caso foi aberto em relação aos assassinatos cometidos pelo sequestrador dos seus filhos.

— E vocês já têm alguma ideia de quem possa ser esse assassino? — Ele virou-se poucos graus na cadeira e olhou para os dois tenentes.

— Não estamos autorizados a falar sobre isso, juiz. — John disse, olhando nos olhos do homem, ainda parado ao lado de Payne, com as mãos nos bolsos e parecendo estar se divertindo com toda a conversa.

Ao ouvir isso, Pietro direcionou seu olhar de volta para o comandante, que negou fazendo um gesto com a cabeça.

— Não podemos dizer.

— Provavelmente porque vocês não têm absolutamente nenhuma ideia de quem cometeu esses assassinatos. — O homem deu um soco no tampo da mesa, se levantando com rapidez e pegando todos de surpresa.

John deu um passo à frente e colocou a mão no ombro do juiz. Lockwood, como sempre muito calmo, permaneceu sentado, apenas encarando Hiver.

— Acalme-se, senhor. — John disse calma e pausadamente. — O caso foi aberto ainda essa semana. Mas encontraremos seus filhos.

O homem encarou o tenente, com os olhos semicerrados, mas depois pareceu relaxar e então ajeitou sua postura, ficando ereto.

— Façam de tudo para encontrar meus filhos, comandante. E podem contar com minha ajuda para o que for preciso. Mas sugiro que escondam tudo isso da mídia o máximo que puderem, senhores. Vai ser muito ruim para o departamento que a cidade saiba que vocês deixaram um assassino à solta por quase um mês.

— Até três dias atrás tratava-se apenas de um sequestro.

— E vocês não fizeram o suficiente para encontrar aqueles garotos. Não quero que essa história e a vida dos meus filhos seja exposta novamente.

O comandante se levantou, já irritado com a atitude do juiz, ficando da mesma altura que ele e o encarando nos olhos, enquanto os tenentes ainda

aguardavam em silêncio.

— Quanto ao seu enteado, liberaremos o corpo em breve.

— Vocês devem falar com minha esposa sobre isso.

— Parece que você e Austin não tinham uma ligação muito forte, certo!?

— Isso é algo que só diz respeito a mim e à minha família, Lockwood.

— Está certo. — O homem concordou e deu a volta na mesa logo depois. — O manteremos informado, Hiver.

— Espero que sim. — Ele disse e estendeu a mão para cumprimentá-lo. Virou depois para os detetives e os cumprimentou com um gesto simples com a cabeça. — Foi um prazer conhecê-los, tenentes.

Lockwood guiou o homem até a porta e a fechou, olhando então para os detetives.

— Só eu acho que ele esconde algo?

— Há quanto tempo ele casou com a mãe de Austin? — Hale perguntou, seguindo o chefe com o olhar enquanto ele dava a volta na mesa e sentava-se novamente.

— Pelo que eu sei, faz uns quatro anos.

— Pesquisarei mais sobre isso.

— Tirou alguma conclusão com tudo isso, Hastings? — Lockwood a encarou, tirando-a do transe em que se encontrava, perdida dentro de seus próprios pensamentos.

— Como você disse anteriormente, ele parece mais preocupado com a imagem, senhor.

— É evidente.

— Mas o que eu queria entender mesmo é por que ele não se importa com a morte do enteado.

— Acha que ele pode ter alguma coisa a ver com tudo isso?

— Por qual outro motivo ele agiria dessa forma e se esforçaria tanto para esconder tudo da mídia?

— Bem... Vocês devem investigar tudo isso.

— Sim, senhor. — Os dois detetives disseram juntos.

— Estão dispensados.

Os dois dirigiram-se à porta e John a abriu, saindo logo após a parceira e fechando-a atrás dos dois.

— Não sabia da sua fama. — Ele disse quando já andavam lado a lado pelo corredor em direção à outra extremidade do prédio.

— Nada demais.

— Trabalhava em Dallas antes daqui?

— Austin. Vim de Austin para cá, e antes da capital, estive em Dallas.

— Ela olhava fixamente para frente e ele a olhava de canto de olho às vezes.

— Apenas grandes metrópoles?

— Não.

— E foram muitas cidades?

— Por que tantas perguntas, Hale?

— Somos parceiros. Trabalhamos juntos e quero saber sobre você.

Viraram um corredor e continuaram andando em direção à sala de John, que também ficava no terceiro andar do edifício.

— Não sei até quando trabalharemos juntos. Não precisa saber tanto sobre mim.

— Pretende migrar de novo?

— Não por enquanto.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo e então entraram na sala não tão pequena onde o tenente trabalhava.

— Você pode me contar sobre o Maratonista?

— Nunca ouviu falar sobre? — Ela o encarou surpresa e sentou-se no sofá que ficava sob a janela da sala, de frente para o detetive.

— Não. — Ele a olhou nos olhos de onde estava, sentado em sua cadeira atrás da pequena mesa.

— Apenas um psicopata nazista que matava mulheres negras. — Ela pigarreou, limpando a garganta, e depois continuou. — Inscrevia-se em maratonas e, no meio da corrida, desferia uma facada ou mais em sua vítima,

que já havia marcado anteriormente. Incrivelmente era muito esperto e rápido e ninguém nunca o via praticar o crime.

— E como o pegou?

— Eu o manipulei para que me marcasse como sua próxima vítima.

Ele a encarou, assustado com a coragem e a inteligência da mulher, e então sorriu para ela.

— Você foi mais esperta que ele.

Ela sorriu, lembrando de como ela e os policiais disfarçados que havia disposto no lugar onde o assassino cometeria o crime, trabalharam bem e pegaram o homem rapidamente.

Na época ela deixara todo o medo de lado e trabalhara com garra, conseguindo pegar o serial antes que ele fizesse sua quarta vítima.

— É bom trabalhar com você.

Ela se surpreendeu ao ouvir John dizer isso, mas permaneceu em silêncio, satisfeita por finalmente arrancar aquelas palavras da boca dele.

Capítulo 14

Os Delancey

Já eram 18h23, Payne notou ao olhar no relógio que trazia no pulso e um dia pertenceu ao pai. Respirou fundo e tocou a campainha que ficava ao lado das grandes portas duplas de madeira da casa dos Delancey.

— O que leva uma pessoa a morar num lugar que mais parece um museu?

John a olhou e apenas riu, com as mãos nos bolsos, aguardando ao lado dela até que alguém os recebesse.

— Não me sinto confortável se não for num lugar pequeno e que pareça meu.

— Eu te entendo. — Ele abriu um largo sorriso e levou uma das mãos até o rosto, coçando a barba.

A porta foi aberta e uma mulher baixa e de cabelos escuros, que provavelmente era a mãe de Lily, Nicole Delancey, apareceu pela fresta. A mulher teve que olhar para cima para fitar os olhos dos dois detetives.

— Pois não? — Ela permaneceu com a porta protegendo parte do seu corpo, séria, olhando Payne de cima a baixo e depois alternando o olhar para John.

A tenente retirou o distintivo do cinto e o estendeu para a mulher, deixando na altura dos olhos dela para que ela o analisasse.

— Sou a tenente Hastings, e este é meu parceiro Hale. — Ela fez um gesto na direção do homem, que sorria, tentando passar uma boa imagem para a mulher. — Podemos conversar com a senhora? É sobre sua filha, Lily Delancey.

— Vocês acharam minha filha. — Ela disse isso como uma afirmação, não uma pergunta, e agora encarava os dois com um olhar de súplica.

— Podemos entrar?

A mulher fixou os olhos em Payne por alguns segundos e então abriu a porta, segurando-a enquanto os detetives entravam e olhavam ao redor pela casa que parecia ainda maior por dentro.

A senhora Delancey fechou a porta da casa novamente e encaminhou-se até eles, guiando-os até uma sala de estar com móveis rústicos provavelmente muito antigos.

Numa das paredes, vários quadros ilustravam uma família feliz, onde Lily destacava-se entre tantos parentes pela beleza única.

Os detetives sentaram-se lado a lado num sofá de dois lugares e Nicole então sentou-se frente a eles, encarando Payne nos olhos, parecendo ter se familiarizado melhor com a tenente.

— Seu marido encontra-se, Sra. Delancey?

— Não. Por quê? Algum problema, detetive?

— Na verdade, sim. — Payne respirou fundo. — Encontramos sim sua filha. Mas não da forma que eu sei que você espera.

— Ela está machucada? Está muito ferida? Ela passou fome?

Nicole os olhava fixamente com olhares de súplica, agora voltando a alternar o olhar entre os dois, e tinha uma das mãos agarrada ao tecido do sofá.

— Sinto muito, sua filha foi assassinada. — Hale disse, parecendo muito calmo e olhando diretamente nos olhos da mãe de Lily, que agora parecia ainda mais assustada e tinha seus olhos vermelhos prestes a transbordar lágrimas.

Ela os encarou por longos minutos, e todos permaneceram em silêncio, em respeito ao luto calado da mulher. Nicole respirou fundo algumas vezes, mas não permitiu que as lágrimas rolassem por sua face. Entreabriu a boca e pareceu querer dizer algo várias vezes.

— Como isso aconteceu? — Ela não gaguejou, mas sua voz já não tinha o mesmo tom calmo de antes da notícia.

— Encontramos o corpo dela nessa manhã, no teatro municipal.

A mulher riu, achando a situação engraçada mesmo estando nervosa, e deixando os detetives surpresos com a reação.

— Ela amava aquele lugar. Sempre disse que se pudesse passaria sua vida ali. — Ela suspirou, e como se nada tivesse acontecido, mudou de humor novamente. — Parece que quem fez isso, escolheu o lugar certo.

— Você sabe quem pode ter algo contra sua filha ou algum dos

amigos dela? — John inclinou-se para frente, buscando olhar profundamente nos olhos da mulher.

— Os amigos dela?

— Quem sequestrou sua filha muito provavelmente foi o mesmo que a matou.

— Oh meu Deus! — Ela levantou-se e começou a andar pela sala, de uma extremidade a outra, voltando e repetindo o processo. — Todos estão mortos?

— Apenas Austin foi encontrado.

— Oh não! Austin... — Ela suspirou. — Um rapaz tão querido.

— Conhecia bem os amigos de Lily, Sra. Delancey? — Foi a vez de Payne voltar a direcionar perguntas à mulher.

— Sim. Minha filha sempre foi muito aberta comigo, e todos que viajaram com ela sempre apareciam aqui em minha casa para uma visita.

— Sabe se alguém vinha incomodando sua filha? Ou se algo estranho aconteceu antes que desaparecessem?

Ela respirou fundo mais uma vez, parou atrás da poltrona onde havia se sentado anteriormente, segurou as costas do móvel com as duas mãos, e abaixou a cabeça.

— Me fizeram todas essas perguntas quando ela sumiu.

— Me desculpe. Temos que fazer essas perguntas.

— Lily sempre foi uma garota muito tranquila, detetives. Nunca a vi com problemas. Pelo menos nada tão preocupante. Nada que pudesse causar sua morte.

A porta de entrada abriu-se e um homem alto e magro, de cabelos escuros caídos pelos ombros, usando óculos de grau grandes demais para seu rosto, entrou e parou para observar a cena por um instante. Mudou totalmente as feições ao ver Nicole, que agora, ao avistá-lo, derramava uma lágrima.

Em silêncio, ele caminhou rápido até ela e a puxou para seus braços.

— Nossa Lily, meu amor. Tiraram ela de nós. — Ele permaneceu em silêncio e acariciou os cabelos da mulher, e então olhou para os detetives, que agora estavam de pé, observando marido e mulher se acalmarem para a continuação do diálogo.

— Sr. Delancey? — Hale perguntou, cogitando a hipótese de se aproximar para cumprimentá-lo, mas permanecendo em seu lugar quando o homem não fez sinal de que deixaria Nicole sair de seus braços.

— Sim. — Ele fez um sinal com a cabeça, confirmando. — Podem me chamar de Spencer.

— Precisamos fazer algumas perguntas para a continuidade do caso. Vai ajudar a encontrarmos quem fez isso à sua filha.

— Eu sei como funciona. Podemos conversar no meu escritório. Minha esposa precisa descansar.

— Eu estou bem, Spencer. — Ela soltou do abraço do marido devagar e ergueu o olhar para encarar seus olhos, em súplica.

— Tudo bem. — Ele a beijou na testa e então abraçou os ombros da esposa, virando-se de frente para os tenentes. — O que houve com a nossa filha?

Todos sentaram-se e juntos os detetives discorreram sobre os acontecimentos, ocultando detalhes como o desmembramento de Lily. Contaram novamente sobre Austin, e deixaram claro que as buscas seriam intensificadas para encontrar os outros três sequestrados.

— Precisamos que um de vocês vá até o necrotério para o reconhecimento. — John concluiu.

— Eu vou. — Spencer ergueu os óculos que escorregavam pelo nariz e ajeitou os cabelos cheios e ondulados para trás, revelando alguns fios brancos na raiz.

— Avisaremos assim que o corpo for liberado pelo nosso legista.

— Sentimos muito pela filha de vocês. — Payne pronunciou-se, olhando para um e depois para o outro, e então virou-se para o parceiro. — Acho que é hora de os deixarmos a sós com seu luto.

John concordou, meneando a cabeça.

— Apenas uma última coisa. — Hale fixou o olhar no homem. — Conhece o juiz Pietro Hiver, senhor Delancey?

— Somos amigos de longa data. Estudamos juntos na Universidade do Texas.

— Podemos conversar com o senhor sobre Hiver, outra hora lá no

departamento?

— Algum problema com Pietro?

— Apenas perguntas de rotina.

— Tudo bem.

— Voltaremos a procurá-los em breve.

— Ajudaremos no que for preciso.

Nicole concordou movendo a cabeça e voltou a abraçar o marido assim que os tenentes viraram as costas.

— E então? — Payne perguntou, sem olhar para o parceiro, enquanto andavam em direção à viatura.

— Acho que está tudo bem por aqui. Eles não parecem estar escondendo nada.

— A senhora Delancey pareceu se importar mais com a morte de Austin. — Ela abriu a porta do carona e entrou no carro, seguida pelo parceiro.

— Talvez ela apenas estivesse em choque. — Ele pegou seu bloco de notas do bolso da jaqueta e começou a fazer anotações.

— Talvez.

— Todo mundo parece ter algo a esconder e isso tem feito com que desconfie de qualquer um.

Hastings o encarou e ele retribuiu o olhar, guardando de volta no bolso seu bloco de notas.

— Instintos — disse baixo.

— Instintos de uma mulher ou detetive?

— De uma detetive.

— Confio em você. — Hale finalmente ligou o carro.

Ela o olhou, surpresa.

— Confia?

Ele a olhou pelo espelho retrovisor sem demonstrar sinal de reação à pergunta e logo desviou o olhar, se concentrando no trânsito.

— Acho que chegou a hora de fazermos uma visitinha ao circo. —

Ele disse depois de um momento longo de silêncio.

— Acha que esse caso ainda pode ter alguma ligação com o circo?

— Na verdade, acho que nosso assassino ama todos os tipos de artes.

— Temos um padrão... — Ela concordou, parecendo demorar-se em suas próprias ideias sobre a investigação.

— Exatamente.

Os dois sorriram, empolgados com o caso e satisfeitos com tantas descobertas em poucos dias.

Com sorte, chegariam ao serial killer rapidamente e então mais nenhuma família teria que passar por momentos de luto.

Capítulo 15

Um Grande Espetáculo

A multidão terminava de sair de um espetáculo que acabara de acontecer. Quem trabalhava no circo já se preparava para receber as pessoas que chegariam para o próximo show, que aconteceria em uma hora.

O horário era perfeito para abordar alguém que tinha um nível maior na hierarquia do circo.

Naquele local, numa parte mais afastada e arborizada da cidade, o circo era fixo. O dono tinha mais instalações em outros lugares do Texas, então seria impossível encontrá-lo ali.

Mas não seria difícil encontrar a pessoa que administrava aqueles espetáculos todos os dias, porque quando John e Payne entraram dentro da grande lona, logo avistaram, no centro do picadeiro, dois homens conversando.

Um deles, trajado com roupas circenses, de cartola e terno, era provavelmente o mestre de cerimônias. Ao lado dele, um homem muito bem vestido com uma camisa e calças formais, tinha as mãos nos bolsos e ouvia atentamente o outro, olhando para onde ele apontava no alto, na plataforma de saltos dos trapezistas.

Os dois tenentes aproximaram-se da divisória de segurança e Hale apoiou-se nas barras de ferro, olhando os homens dialogarem e esperando que eles notassem sua presença, enquanto Payne encarava tudo logo atrás, de braços cruzados e parecendo nervosa.

— O que te preocupa? — John disse baixo para que apenas a tenente ouvisse.

— As lembranças. São boas, mas tudo remete ao meu pai.

Ele suspirou e permaneceu em silêncio, sem saber o que dizer.

Depois de alguns longos minutos, o homem de camisa olhou finalmente na direção dos dois e os encarou por alguns segundos, curioso.

— O espetáculo acabou, senhores. Se quiserem ver novamente, terão que sair e comprar novos ingressos.

John fez uma careta que só a parceira percebeu e se afastou alguns centímetros da barra, levando então a mão até o cinto e retirando o distintivo, segurando-o para que os dois homens vissem do que se tratava a visita.

Os dois se aproximaram devagar assim que viram o distintivo, com o mestre de cerimônias logo atrás.

— Algum problema, detetives?

— Podemos fazer algumas perguntas, senhores?

— Claro. Do que se trata?

— Podem me dizer primeiramente os nomes de vocês, para registro?

— Podemos optar pelo anonimato?

— E por que isso?

Ele então respirou fundo e cedeu.

— Meu nome é Kellan Sulliwán, sou o administrador dessa filial da companhia. Este é Phillip King, nosso mestre de cerimônias.

Hale pegou seu bloco de notas e anotou os nomes dos dois homens, permanecendo com o bloco e a caneta nas mãos depois.

— Provavelmente ouviram falar sobre o palhaço assassinado.

— Sim, ficamos sabendo. E se quer saber se ele trabalhava conosco, veio ao circo errado.

— Na verdade é mais provável que o assassino esteja entre vocês.

O homem cruzou os braços e permaneceu em silêncio, alternando o olhar para Payne por alguns segundos e então voltando a encarar o detetive.

— Por acaso, deram por falta de algum uniforme dos palhaços que trabalham com vocês?

— Deviam perguntar isso aos nossos palhaços.

— Onde podemos encontrá-los?

— Eu os levarei até eles.

Ele andou ao redor da cerca de ferro por alguns metros até um portão e saiu, deixando o mestre de cerimônias ali, ainda parado, apenas os observando, e cumprimentou Hastings com um aceno quando ela trocou um olhar com ele.

— Ele parece muito silencioso para alguém que apresenta um espetáculo. — Payne sussurrou para o parceiro, o alcançando enquanto andavam atrás de Kellan.

— Mais um que você acha que esconde algo? — Ele sorriu.

Ela deu de ombros e os três continuaram andando por vários metros de terra batida, saindo da grande lona por uma entrada lateral, e passando por um local onde se podia ver uma pequena área de alimentação, onde eram vendidos pipoca e alguns tipos de doces.

— O que vocês fazem com os trajes que não usarão mais, senhor Sulliwán?

— Os que estão em bom estado nós doamos para escolas de circo e o resto vai pro lixo. — Ele olhou por cima do ombro enquanto falava.

— Quantas pessoas têm acesso a essas roupas?

— Quase todos os membros do circo. O local onde nossos artistas se arrumam é coletivo.

Voltaram a andar em silêncio até uma área mais aberta, onde trailers estavam organizados de forma a deixar um grande espaço circular e vazio no meio.

Caminharam até um trailer maior, onde o administrador do circo os convidou a entrar, abrindo a porta para a visão de alguns metros de espelho, com mesas na frente onde se encontravam todos os tipos de maquiagem para fantasia, e cabides entre cada uma das mesas, com muitas roupas, desde collants a roupas de palhaço.

Alguns artistas estavam sentados em frente aos espelhos, retocando as maquiagens para o próximo espetáculo, e outros permaneciam de pé, arrumando suas roupas e conversando entre si.

Assim que entraram, os olhares foram todos voltados para a porta, alguns inexpressivos, outros curiosos e um, na parede mais distante do trailer, parecia nervoso ao avistar os dois detetives, de longe fixando o olhar nos distintivos que traziam em seus cintos.

Este, um homem grande, que conversava com dois outros artistas, vestia um collant ridículo, preto e com desenhos brilhantes, agarrado aos seus músculos, numa regata de modelo estranhamente cavado na parte superior que terminava numa bermuda.

Não pensou duas vezes ao vê-los. Saiu pela outra porta, que ficava no fundo do trailer, e começou a correr.

John então deu meia-volta, saiu por onde havia entrado e avistou o homem correndo pelo caminho onde havia passado momentos antes.

Sem dizer nada à Payne, que já pedia reforços, passou a correr atrás do homem pelo terreno, de olho fixo nele, fazendo o uso da vantagem de suas pernas longas para segui-lo.

O homem permanecia uns cinco metros na frente. Também tinha pernas compridas, mas a desvantagem de ser pesado demais. Depois de pular algumas grades e tentar várias vezes despistar o tenente, começou a perder velocidade.

Ao saírem novamente da lona principal para o pátio logo à frente, se depararam com uma multidão.

— Ah, merda!

O homem não parou e começou a se misturar com a multidão, passando pelo meio da onda de pessoas que estavam ali para comprar ingressos.

Hale tinha a vantagem do distintivo e o tirou do cinto, estendendo-o na sua frente, enquanto diminuía a velocidade da corrida, esperando que as pessoas se afastassem.

— Polícia de Houston! Saiam da frente.

Ouviu sirenes próximas e agradeceu ao perceber que Payne havia chamado reforços.

Era alguns centímetros mais alto que quase cem por cento de todas aquelas pessoas, então enquanto corria, conseguia ver sobre as cabeças o fugitivo, que ainda corria alguns passos na frente, atropelando algumas pessoas, que logo depois começavam a reclamar.

Existiam olhares curiosos por toda a volta e alguns homens, ao perceber o que estava acontecendo, tentavam parar o artista, procurando ajudar o tenente.

Atravessaram a multidão em poucos minutos e então o homem se viu cercado por três viaturas e vários policiais que o recebiam com armas em punho. Parou e respirou fundo, sabendo que já não tinha mais pra onde correr.

Olhou para trás e John agora empunhava a arma apontada para ele. A multidão toda os encarava, alguns se afastando, em pânico por conta das armas de fogo.

— Fim da linha. Levante as mãos e as coloque atrás da nuca. Não faça movimentos bruscos. Você não tem para onde correr. — Hale disse tudo calmamente.

Observou enquanto o homem erguia as mãos devagar e as colocava atrás da cabeça muito bem raspada e brilhante, de aparência lustrosa. Ele parecia sem expressão, e brilhava por conta do suor.

Um dos policiais, que John se lembrava de ter visto antes e se destacava por ser tão grande e musculoso quanto o artista, se aproximou e algemou o homem, levando-o para a viatura e o colocando "cuidadosamente" no banco de trás.

John, apesar de estar longe, ouviu o fugitivo resmungar quando bateu a cabeça na porta.

Payne se aproximou, olhando curiosamente para a viatura que agora saía, seguida pelas outras, e logo depois voltou o olhar para seu parceiro, que tinha as mãos na cintura e ofegava, todo suado.

— Perdendo o jeito da coisa, Hale?

Ele a olhou e revirou os olhos. Então sorriu, lembrando-se que ela o havia ajudado.

— Acha que é nosso homem? — perguntou a ela.

— Pode ser. — Ela cruzou os braços e parou de encará-lo quando o administrador do circo parou ao lado dos dois.

— Acreditem. Estou tão curioso quanto vocês para saber por que Michael Moore fugiu.

— Então é esse o nome dele?

— Sim.

— O que ele faz no circo? — John perguntou.

— De tudo um pouco. Não tem um show fixo. — Ele suspirou, e então deixou de manter o olhar onde antes estavam as viaturas e encarou os tenentes. — Engole fogo e espadas. Cuida dos animais. Faz trabalhos pesados.

— E ele está satisfeito com isso?

— Está sempre me pedindo para que o fixe no cronograma do espetáculo, pois não aparece em todos os shows.

— Acha que o Sr. Moore seria capaz de matar?

— É estressado e ranzinza. Mas no fundo, detetives... — Ele fez uma pausa e olhou diretamente para Payne. — Com o perdão da palavra, tenente. Michael tem um coração de mulherzinha.

Capítulo 16

Possível Suspeito

Estar do outro lado do espelho da sala de interrogatório era bem mais interessante para Payne.

Ali, por trás da grande janela, onde tinha-se uma ampla visão da sala, existiam sofás, cadeiras e uma máquina de café. Com certeza o melhor utensílio da sala.

Havia sempre vários policiais ali, pois as duas salas, opostas uma à outra, estavam sempre ocupadas, principalmente pela equipe do departamento de narcóticos.

Moore já estava sentado na cadeira de ferro há quase duas horas, ainda ridiculamente vestido com seu collant.

John insistira que deveriam deixá-lo pensar sobre seu ato e que, nervoso, depois de esperar por tempo suficiente, poderia dizer muito mais para os tenentes.

O homem deixara de suar pela corrida anterior no terreno do circo e agora suava pelo nervosismo, unido ao calor imenso que deveria estar fazendo naquela sala. Parecia querer arrancar a algema, que prendia um de seus braços à mesa, a qualquer custo, mas desistia depois de alguns instantes tentando, e relaxava novamente, na medida do possível.

— Desse tamanho, pode ter agido sozinho facilmente. Não acha? — Hastings perguntou ao parceiro.

— Talvez. Mas sequestrar cinco pessoas não é fácil nem para um cara desse tamanho.

— Você tem razão.

Michael olhava o tempo todo para o espelho, com um olhar desesperado, o que sempre colocava um sorriso no rosto de Hale.

— Deve ser o suficiente. — John disse, parecendo animado para finalmente conversar com o homem.

Os dois tenentes entraram na sala de interrogatório e foram recebidos por um olhar fuzilante de Moore, que foi rebatido com dois sorrisos.

— Desculpe-nos a demora, Sr. Moore. Muito trabalho. — O tenente disse, mantendo o sorriso no rosto e o encarando nos olhos.

Os dois detetives sentaram-se e Payne mandou, com um aceno, que o policial que vigiava Michael saísse.

— Então, conte-nos, Sr. Moore, por que matou Lily Delancey e Austin Stevens?

O homem os fitou assustado, olhou as fotos que John lhe estendera e afastou o olhar logo em seguida, parecendo chocado com o estado dos corpos dos dois jovens nas fotografias.

— Eu não matei ninguém.

Sua voz, pela primeira vez ouvida por eles, apesar de grave, permanecia num tom que parecia uma mistura de cautela e medo.

— Então você está me dizendo que não sequestrou esses jovens no mês passado, nem os manteve em cativeiro e os matou?

— Por que acham que eu fiz isso?

— Vamos concordar, Sr. Moore, acho que você é grande e forte o suficiente para conseguir sequestrar cinco pessoas. Talvez tenha tido ajuda, e eu não o diminuo por isso, é algo complicado de ser feito sozinho.

Payne apenas observava enquanto o parceiro falava tranquilamente, de olhos fixos no homem que se encontrava do outro lado.

— Cinco pessoas?

— Ah, já ia me esquecendo. Você ainda não matou os outros três. Agradeceríamos pro resto de nossas vidas se nos dissesse onde podemos encontrá-los. Talvez eu e minha parceira aqui até consigamos diminuir sua pena.

— Mas eu não sei onde estão essas pessoas.

— Ora, Michael, vamos lá. — Deu pra notar a hesitação do homem quando ouviu seu primeiro nome. — Nos ajude. Você não tem mais absolutamente nada a perder.

— Vocês não podem me prender. Eu não fiz nada.

— É assim que chamam Duplo Homicídio hoje em dia? — John sorriu, parecendo divertir-se com a situação.

— Eu não matei ninguém. — Sua voz tremia, como se estivesse prestes a chorar, mas ele agora não parecia tão nervoso.

— Quer mais duas horas pra pensar sobre isso e se lembrar, pra que nos conte?

Michael permaneceu em silêncio, e mudou seu olhar para Payne, como se procurasse que ela entendesse ao olhar nos seus olhos.

— Por que fugiu, Sr. Moore? — Ela falou devagar, olhando fixamente nos olhos dele, que a encaravam.

Ele respirou fundo e recostou-se na cadeira, fechou os olhos por um instante e abriu e fechou a boca algumas vezes, como se estivesse pensando em como colocar as palavras.

— Eu desviei dinheiro da companhia. Quando vi vocês com o Sr. Sullivan, jurei que tinham descoberto. — Abriu os olhos novamente e deu uma rápida olhada no espelho. — Ele está aí?

— Não vejo motivo nisso para fugir dessa forma, Michael.

— Ele está aí?

— Você poderia ter resolvido isso com seu chefe. Tenho certeza que ele entenderia.

Moore bufou, irritado pela pergunta não respondida.

— Você falhou na sua tentativa, Moore. Conte-nos: onde estão Madelin Price e os irmãos Max e Martin?

— Eu nem sei quem são esses!

O homem parecia se alterar um pouco mais a cada momento, cansado das perguntas do tenente.

Um grande silêncio permaneceu na sala por longos minutos, enquanto Payne e John fuzilavam o homem com o olhar, e ele não parava de trocar olhares com o espelho. Parecia preocupado e ao mesmo tempo aliviado. Batucava com os dedos de unhas grandes no tampo da mesa de ferro.

Hale levantou-se sem dizer nada, lançou um olhar para a parceira e os dois saíram da sala, parando no corredor logo ao lado da porta.

Payne virou-se para o parceiro, recostado na porta da sala, e cruzou os braços, encarando-o nos olhos como sempre fazia, só pelo gosto de poder mostrar que ele não era tão alto para ela.

— Acha que ele está dizendo a verdade?

— Pode ser. — Ele parecia decepcionado.

— Acho que devíamos procurar uma ligação dele com a vítima antes de soltá-lo. — Ela olhou no relógio de pulso. — Temos 21 horas e meia para isso.

— Manteremos ele aqui o máximo de tempo possível.

— E essa história sobre desvio de verba?

— Talvez seja verdade.

— Acho que ele esconde mais alguma coisa.

— Nós descobriremos.

Sem dizer mais nenhuma palavra, John virou-se novamente e entrou na sala, andando até a cadeira onde se sentara anteriormente e parando atrás dela, apoiando as mãos em suas costas e encarando Michael Moore. Payne parou logo ao lado da porta, recostou-se na parede e cruzou os braços.

— Então, nos conte mais sobre seu desvio de verbas. — O tenente perguntou.

— Olha, cara, eu fiz umas dívidas que não consegui pagar, hipotequei minha casa, mas não poderia perdê-la. Foi necessário.

— Necessário, mas não correto.

— Eu sei.

— Quanto?

— Não sei.

— Como não sabe?

— Cuidei das finanças ajudando Sulliwan por muito tempo. Fiz o desvio de pouco em pouco. Podem ser dez mil. Ou podem ser cem mil.

— Cem mil?

— É só uma hipótese.

Ele tentou levar as mãos ao rosto, e lembrou-se da algema ao senti-la puxar seu braço de volta. Alterado, deu outro puxão que teria erguido a mesa se ela não fosse parafusada ao chão.

— Será que dá pra me soltar?

John acenou para Payne, que se aproximou sem temor.

— Se tentar qualquer coisa, sabe o que acontece com você.

— Eu não sou louco de tentar algo num lugar cheio de policiais.

— Achou mesmo que conseguiria escapar, Moore? — John disse quando Payne já o havia soltado e voltava a se recostar na parede.

— Por um momento, sim. — Ele massageava o pulso e fazia caretas enquanto olhava as marcas vermelhas na pele bronzeada.

— Dos nomes que citei, conhece alguém, Michael?

— Pode repeti-los?

Hale suspirou, satisfeito ao notar que o homem começava a colaborar, e sentou-se novamente.

— Lily Delancey. — O homem meneou a cabeça, negando. — Austin Stevens. — Negou novamente. — Max e Martin Hiver.

— Hiver? Como o juiz? — Ele pareceu assustar-se com a menção do nome, e agora tinha os olhos arregalados.

— Exatamente como o juiz.

Ele alternou o olhar entre os dois detetives, mantendo o olhar fixo em Payne por alguns momentos, como se buscasse em seu silêncio e passividade, que ela negasse o que o parceiro havia acabado de dizer.

— Quero um advogado.

E então ficou em silêncio, deixando de encarar os detetives, que entenderam que ele não falaria mais nada e saíram da sala.

John fez um sinal com o dedão para que o policial voltasse para dentro da sala para vigiar Michael e seguiu pelo corredor ao lado de Payne.

— Merda — disseram juntos.

Capítulo 17

Desvios de Verbas

O juiz Hiver já havia sido convocado para a delegacia novamente, e agora, sentados na sala de John, os dois tenentes conversavam com Kellan Sullivan, que parecia bem à vontade, sentado de pernas cruzadas ao lado de Hastings.

— Eu sempre confiei em Moore, e já vinha percebendo os desvios há algum tempo, por isso o afastei da tarefa, até que fosse feita uma investigação sobre os acontecimentos.

— Tem noção de quanto possa ter sido desviado?

— Cerca de 85 mil dólares nos últimos três anos.

— Não sabia que um circo só movimentava tanto dinheiro.

— Muito mais do que imagina, tenente. Esse valor foi tão insignificante próximo ao que lucramos, que não notamos os desvios durante todos esses anos. Além de terem sido feito aos poucos, de forma que era mais difícil ainda que notássemos.

— Por que Michael foi encarregado de cuidar do dinheiro do circo?

— John cruzou as duas mãos sobre a mesa, inclinando quase imperceptivelmente.

— Não apenas eu, mas também nosso chefe, confiava muito nele. Michael trabalha na companhia há cerca de vinte anos.

— E nunca foi fixado no show?

— Fixar Michael não seria bom para ninguém da companhia. Ele era bom em tudo que fazia e fazia o trabalho de muita gente. Ganhava o suficiente por isso.

— E nem mesmo quando ele entrou na companhia tinha show fixo?

— Michael entrou na companhia exatamente quando nasceu. Seus pais sempre estiveram aqui e decidiram criá-lo no circo. Aos sete anos já trabalhava conosco. — Ele descruzou as pernas e lançou para Payne um olhar desconfiado por um momento, vendo que ela tomava notas enquanto os dois conversavam.

— E seus pais? Onde estão agora?

— Eles se divorciaram e a mãe saiu do circo. O pai morreu dois anos depois.

— Há quanto tempo isso aconteceu? — Dessa vez foi Payne quem perguntou.

— Deve fazer uns doze anos. Michael ainda era um garoto, foi criado pelo pessoal do circo depois disso.

— E sua mãe? Ele tem notícias dela ainda? — John voltou a questionar.

— Não que eu saiba. — O homem hesitou antes de falar, mas Payne percebeu, concentrada aos detalhes.

— Acha que esse dinheiro desviado possa ter algo a ver com a mãe dele?

— Talvez.

— Vou perguntar mais uma vez, Sr. Sulliwán. — John se moveu na cadeira, ficando ereto, mas sem deixar de encarar o homem de forma profunda. — Acha que Moore seria capaz de matar?

— Não sei.

— Então você admite que não conhece Michael totalmente.

— Ninguém conhece ninguém, afinal.

Os dois detetives concordaram em silêncio. John ajeitou-se novamente, descruzando as mãos e arregaçando as mangas da camisa, revelando a tatuagem de delta próxima ao bíceps.

O detetive havia percebido o quanto o homem se tornou vago depois que a mãe de Moore fora mencionada. Olhou para a parceira, buscando notar se ela também compreendera a mudança de atitude.

— O quanto o senhor conhecia a mãe de Michael?

— O bastante. Trabalhamos juntos por cerca de uns quinze anos ou mais.

— E intimamente, senhor Sulliwán?

— O que quer dizer com isso?

— Teve algo a mais com a senhora Moore?

— Claro que não. — Ele pareceu corar, apenas envergonhado pelo rumo da conversa. Não demonstrava estar mentindo.

— Acho que não há mais nada que eu queira perguntar. Godinski está instruído para lhe fazer umas perguntas de rotina.

— Tudo bem.

Kellan levantou-se e estendeu a mão para cumprimentar John por cima da mesa, depois fez o mesmo com Payne, virando-se de frente para ela.

— Muito obrigada, senhor Sulliwán.

Ele sorriu, e com um aceno, saiu pela porta, fechando-a atrás de si e deixando os detetives sozinhos.

John voltou a sentar-se atrás de sua mesa e Hastings lhe estendeu suas anotações, que ele começou a ler e folhear.

— A cada segundo que se passa tudo parece se tornar mais complexo nesse caso.

— Pode ter sido qualquer um. Temos uma teia de problemas e uma gama enorme de possibilidades. — Ela sentou-se, respirando fundo e encarando as mãos do parceiro enquanto ele folheava o bloco de notas.

— Talvez Michael não nos ajude nesse caso. O Departamento de Roubos e Furtos é que vai lidar com a situação agora.

— Eu sei. Eles vão nos informar caso haja alguma coisa relacionada às mortes.

— Existe ainda muita coisa que eu não entendo.

— O que, por exemplo? — Ela pegou o bloco de notas quando ele lhe estendeu, e continuou com os olhos fixos nos dele.

— Sempre que damos notícia a um familiar, ele parece se importar mais com outra das vítimas.

— Isso também me pareceu estranho. — Payne levantou-se e então se sentou no sofá que tanto gostava, ao lado da janela. A lateral de seu rosto ficou iluminada pelas luzes dos postes na rua lá embaixo.

— Ainda teremos que conversar novamente com todos os familiares para tentarmos descobrir tudo o que eles têm escondido de nós.

— Não vai ser fácil.

— Nunca foi fácil ser um detetive. — Ele sorriu, mostrando seus dentes sempre muito brancos em contraste com a barba escura e cheia. — Mas convenhamos, nós somos bons nisso.

— Somos? No plural? — Ela sorriu e descruzou as pernas, virando-se de lado para observar a avenida movimentada pelo trânsito noturno.

— Bom, acho que sim. — John percebeu que a elogiara de novo, e que isso se tornara quase um hábito desde que haviam começado a trabalhar juntos há menos de cinco dias.

— Amanhã é Halloween.

Ele direcionou o olhar para o calendário que mantinha na parede à sua direita.

— Pode haver outra vítima amanhã.

— Já retomaram as buscas?

— Desde essa manhã.

Payne ficou em silêncio, apenas reabsorvendo cada uma de suas anotações, resolvendo que montaria um quadro com todas as informações que conseguira até agora para visualizá-las melhor.

— Temos que ir até o necrotério novamente. Robert pode não ter conseguido muito nesse período curto, mas talvez nos ajude com o pouco que tem. Me mandou mensagens esta manhã.

— Hodges me pareceu muito interessado no caso. Talvez esteja dedicando-se a ele tanto quanto nós.

John meneou a cabeça positivamente, levantando-se para jogar o copo descartável em que tomara café.

Desviou o olhar para a porta no meio do caminho quando ela foi aberta por Godinski, que pedia desculpas a John ao mesmo tempo que tentava acalmar Pietro Hiver, que o acompanhava.

— Me desculpe, tenente. O juiz disse que você solicitou sua presença.

— Sim, Godinski, sem problemas. — Jogou o copo na lixeira ao lado da porta e voltou o olhar para os dois homens.

— Espero que haja um motivo muito bom para que eu tenha que estar aqui pela segunda vez no mesmo dia, tenente Hale. — O homem entrou na sala e fechou a porta atrás de si, quase deixando a mão do policial entre a

porta.

— Há sim. Obrigada por comparecer, Hiver.

Finalmente o juiz notou a presença silenciosa de Payne ao lado da janela, que observava os dois homens agora encaminhando-se para sentarem-se ao redor da mesa de John.

O homem sorriu para a tenente como se não estivesse reclamando por estar ali segundos atrás.

— Boa noite, Hastings.

A tenente apenas sorriu de volta, de uma forma debochada que Hale notou, e teve que esconder a mão atrás da boca para não rir, tossindo contra o punho e chamando a atenção de Pietro, que voltou o olhar para ele novamente.

— Pois não, detetive. Por que solicitou minha presença novamente? Achei que conversaríamos novamente na sala do comandante.

— Lockwood tem mais ocupações além do caso em que trabalho, juiz.

O homem fechou-se novamente e cruzou os braços logo após passar as mãos para ajeitar seus cabelos claros, já muito bem alinhados.

— Conhece Michael Moore? — John também cruzou os braços, recostando-se ao perceber que Payne já estava atenta à conversa e pronta para qualquer detalhe.

— Não. Por quê?

— Ao menos já ouviu o nome dele? Ele esteve relacionado a algum julgamento recentemente?

— Nunca ouvi esse nome na minha vida, tenente.

— Este homem pareceu... — disse John e parou por um momento, para a escolha da palavra certa —... amedrontado ao ouvir seu nome, quando o interrogamos.

— Ele tem algo a ver com o sequestro dos meus filhos?

— Não sabemos.

— Não sabemos nem mesmo se foi um sequestro, juiz. — Payne

falou pela primeira vez.

Ele a encarou e pareceu que diria algo, mas fechou a boca novamente e voltou seu olhar para Hale.

— Mais alguma pergunta?

— Poderia nos acompanhar até a sala de interrogatório? — O tenente já havia se levantado e agora colocava seu distintivo de volta no cinto.

— Por qual razão?

— Para que tenhamos certeza de que não conhece nosso homem.

— Desde que não me faça perder muito tempo. Tenho compromissos, detetive. Sou um homem da justiça tanto quanto você.

Ele sorriu para o juiz, que agora permanecia de pé em sua frente, de peito estufado e o mesmo olhar furioso desde a primeira vez que fora até a delegacia naquela manhã.

Payne já havia se aproximado da mesa e segurava a porta aberta, esperando que os dois homens saíssem, para então acompanhá-los.

Os três andaram em silêncio por todo o corredor, descendo as escadas e deixando que o som de seus sapatos contra o piso fosse o único do ambiente, até chegarem ao primeiro andar, onde andaram por mais alguns corredores até chegarem à sala onde os detetives haviam estado anteriormente, por trás do grande vidro que permitia a vista de dentro da sala onde Michael estava sentado.

— Realmente não conheço este homem. Sinto muito, tenentes.

— Tem certeza? — John questionou.

— Absoluta. — Ele encarou Michael por mais alguns segundos e então voltou o olhar para os dois detetives parados ao seu lado direito, que pareciam desapontados pela sua resposta negativa.

— Tudo bem, juiz. Não temos mais perguntas.

— Vou voltar para o meu trabalho, senhores. Espero não ser mais perturbado.

— Claro, sem problemas, senhor juiz. — John disse quando o homem já se afastava. — A minha vontade é chamá-lo de hora em hora. — Voltou-se para Payne, que sorriu ao ouvir isto, concordando.

— Mais um caminho sem saída.

— Ou apenas mais um que nos esconde algo.

— Não tenho dúvidas.

John coçou a barba como sempre fazia quando se encontrava pensativo.

— Vamos então, ver nosso amigo Hodges e pressioná-lo para conseguir algo para sair desse labirinto. — Ele ofereceu o braço à parceira, que olhou com uma expressão que parecia ser de nojo e negou, saindo na frente em direção à saída do prédio e o deixando sozinho a dar de ombros.

Capítulo 18

Seus Olhos Tão Meus

Lewis não conseguiu segurar a risada quando Hodges entrou na sala de espera do necrotério e Hale acordou assustado de seu cochilo, levantando a cabeça do ombro de sua parceira e a encarando assustado e parecendo perdido.

— Da próxima eu te jogo no chão. — Payne disse, desvencilhando-se e levantando-se, ajeitando a camisa no ombro e aproximando-se de Robert.

— Me desculpem a demora. — Ele ria, e olhava para John, que encarava George de sobrancelhas franzidas e tentando conter novamente o riso. — Problemas em casa. — O legista completou.

O detetive olhou no relógio ao se levantar, alcançando sua parceira, e percebeu que havia dormido por quase uma hora enquanto esperavam o legista, que não se encontrava no necrotério quando os dois tenentes haviam aparecido em busca de informações.

Olhou para Hastings novamente, pedindo desculpas silenciosamente, e ela deu de ombros.

— Vieram em boa hora, tenho muito para dividir com vocês.

Os quatro passaram pelas largas portas de vidro que direcionavam ao corredor, encaminhando-os para a parte mais fria onde o legista trabalhava, enquanto vestia o jaleco que Lewis estendera a ele, e depois pegava as luvas que trazia no bolso da veste, calçando-as.

Passaram por mais uma porta no final do corredor, dessa vez de ferro, e se encontraram na sala onde estiveram três dias atrás, que dessa vez tinha em suas mesas os corpos de Austin e Lily, com seus rostos já descobertos.

Ao invés de aproximar-se dos corpos, Robert foi até seu computador e começou a usar o teclado com agilidade, parecendo esquecer-se de seus acompanhantes por alguns segundos.

Payne aproveitou a deixa e se aproximou da mesa onde se encontrava o corpo de Lily para analisá-lo de perto pela primeira vez. Lewis seguiu-a, e ela o encarou de forma questionadora com a atitude protetora e desconfiada que ele parecia ter demonstrado.

Ignorou e focou no corpo, notando que o legista havia retirado os botões que anteriormente estavam em suas órbitas, e os mesmos haviam sido depositados numa tigela pequena de metal numa espécie de prateleira acoplada à mesa, onde também se encontravam vários dos instrumentos de Robert.

— Reparem nos olhos de Austin nesta foto. — Ele virou o monitor para John, que se encontrava mais próximo, e levantou a sobrancelha, esperando pela reação do amigo.

— São castanhos. — Ele tinha os olhos pressionados, como se fizesse um pouco de esforço para enxergar naquela distância.

— Precisa de óculos, meu amigo. — Hodges riu e deu a volta na sua escrivaninha, se aproximando do corpo de Austin. — Mas está certo. — Fez uma pausa. — Agora repare nos olhos de Austin.

A tenente já havia se aproximado também, e olhou para o monitor antes de encarar os olhos vazios e sem pálpebras do rapaz.

— Verdes — disse baixo, sendo ouvida apenas pelo médico.

— Porque estes olhos aqui não são os dele. — Hodges sorriu, olhando para a tenente aparentando estar exaltado, como sempre demonstrava ao descobrir algo novo.

Ele voltou para o computador, e mudou a foto para uma de uma jovem de olhos claros e cabelos quase negros, de rosto oval e sorriso sincero.

— Esta, como talvez você já tenham visto, é Lily Delancey. — Ele então apontou novamente para os olhos que o serial havia colocado no rosto de Austin. — E aqueles são seus olhos.

— Então o assassino pode ter matado Lily primeiro? — Payne perguntou, ainda analisando os olhos claros.

— Talvez. E digo mais, tenente: uniu o nervo óptico de forma muito grosseira, e me admira que eu não tenha descoberto antes. — Ele pareceu decepcionado e agora tinha os ombros caídos como uma criança que não ganhara o doce que tanto desejara. — Tudo isso só prova que nosso assassino é muito menos profissional do que havíamos pensado.

— O que torna muito maior a gama de possíveis assassinos.

— Ou talvez não, já que parece que o assassino tem uma ligação com suas vítimas — disse John, de braços cruzados, olhando de um corpo para

outro, parado entre as duas mesas.

— O que vocês descobriram até agora? — Robert perguntou, parecendo interessado.

— Esses assassinatos são consequências de um sequestro praticado há quase um mês. — John respondeu, lançando um olhar desconfiado para Lewis antes de continuar, se perguntando se podia confiar no novato. — Lily e Austin eram melhores amigos. Com eles, no carro em que viajavam quando tudo aconteceu, estavam Madelin Price e os gêmeos, filhos do juiz Hiver, Max e Martin. Os três continuam desaparecidos.

— Ah! Meu velho amigo Pietro Hiver. — Hodges disse, parecendo nostálgico, como se estivesse lembrando de momentos passados. — Continua egoísta e egocêntrico como sempre? — Ele sorriu.

— Pode ter certeza. — Payne respondeu, sorrindo de volta, parando de analisar o rosto de Lily por um momento.

Robert aproximou-se da mesa onde estava Lily, apontando para o ferimento da boca.

— Foi feito da mesma maneira que o de Austin. — Ele levantou os olhos para a detetive, que o olhou de volta. — O assassino trabalha grosseiramente. Caprichou externamente nos olhos de Austin, para que nos atrasássemos em buscas por profissionais, ou por outro motivo, mas em todo o restante, não foi tão caprichoso.

Ele descobriu o corpo de Lily, revelando seu tórax magro e ainda intacto, sem sinal de corte em Y entre seus seios.

Hale aproximou-se um pouco mais, postando-se ao lado de Hastings, ainda de braços cruzados, fixando os olhos no corpo da jovem.

— Agora, no corpo, me admira a habilidade do nosso serial.

Ele segurou o antebraço da mulher em dois lugares, levantou-o e o membro continuou imóvel, demonstrando a firmeza com que as articulações foram colocadas, de forma que só era possível a deslocação dos membros, caso o "manipulador" os deslocasse pressionando com certa firmeza exatamente nas dobradiças, como uma boneca bem articulada.

Ele então soltou o braço na altura acima do pulso e mexeu na articulação acima da mão, que se moveu depois de algum esforço e parou onde ele a deixou.

— É incrível. — Payne disse.

Robert sorriu e soltou o braço, deixando ele novamente ao lado do corpo, com cuidado.

— Ele é cuidadoso. Metodoso. Mas inexperienced. — O legista palpitou. — Ainda assim, essas dobradiças foram confeccionadas exclusivamente para a situação.

— Parece que está à procura da técnica que usará. — John pegou uma luva na caixinha acima da mesa do amigo, a calçou e pegou um dos botões.

— Se ele for esperto, vai perceber que encontrou algo em que é bom. — A tenente disse e virou-se, voltando o olhar para Austin mais uma vez.

— Conseguiu alguma digital? — Hale ergueu o botão, mostrando para o médico.

— Este não é meu trabalho, amigo. — Ele cruzou os braços. — E mesmo que fosse, já tenho dois corpos inteiros para trabalhar e ainda só tive três dias.

— Tudo bem — respondeu o tenente.

Os dois encaravam-se e Payne não entendeu a situação.

— Liam e sua equipe não parecem estar fazendo seu trabalho direito, não é!? — Hodges cuspiu a frase e afastou-se, voltando para seu computador e usando o teclado sem se sentar.

— Qual é!? Por que odeia tanto ele? — John devolveu o botão à tigela de aço e agora tinha os braços abertos e encarava o legista.

— É ele quem me odeia.

John abaixou um dos braços e deu um tapa no ar, como se deixasse o assunto para lá. A tenente, parada ao lado do corpo de Austin, encarava os dois, alternando o olhar entre cada um.

Hodges aproximou-se de John e estendeu um saco de provas que pegara em cima de sua mesa.

— Um dos bilhetes encontrados com Lily tem a caligrafia diferente dos demais.

— Então temos mesmo uma dupla? — John pareceu animar-se e ergueu o pacote transparente, virando-o na frente dos olhos e analisando as escritas nos papéis amarelados e ligeiramente sujos de sangue.

— Talvez. Não dá pra ter certeza de nada ainda.

— Você está até parecendo eu, falando assim.

O legista deu de ombros e apoiou as duas mãos espalmadas na mesa.

— Mande todo o material que coletei para o laboratório. Roupas, sangue e resíduos que encontrei na pele.

— Que tipo de resíduos? — Payne havia inclinado o corpo sobre o rosto de Austin.

— Fuligem, areia, terra, ferrugem. Talvez algo os leve até o local onde os outros estão mantidos em cárcere.

Hale meneou a cabeça em concordância e desviou os olhos para a parceira, enquanto o legista erguia uma de suas luminárias de caveira e a analisava, parecendo admirado pelo seu brinquedo como se o visse pela primeira vez.

— O assassino tentou dar pontos na boca de Austin. — A tenente disse baixo, mas todos a olharam imediatamente e Hodges se aproximou, ajeitando seus óculos, e olhou para onde Payne apontava com o dedo enluvado.

— Dois pontos. — Robert sussurrou concordando. — E por que ele não continuou?

— Pode ser que mudou de ideia sobre isso, ou talvez seja uma marca.

— Lily não tem pontos. — John se aproximara do outro corpo e analisava o sorriso traçado pelo serial no rosto da mulher.

— Licença, detetive.

Robert afastou com cuidado a tenente, ajeitou as lâmpadas e as abaixou sobre o rosto do jovem. Pegou uma pequena lente para analisar melhor os pontos.

— Não sei se cheguei a dizer a vocês, mas este corte foi provavelmente o primeiro sofrido pela nossa vítima. Há indicações de cicatrização.

John apoiou o quadril no tampo da mesa e manteve o olhar baixo e uma das mãos no queixo, passando as pontas dos dedos pela barba, tecendo em sua mente uma teoria para o ocorrido, enquanto Payne o encarava, ainda em silêncio.

— Um ferimento desse tamanho causaria uma enorme hemorragia. — Ele disse depois de alguns minutos em silêncio, olhando para o amigo ainda imerso em sua nova análise do ferimento.

— Com certeza. — Robert respondeu.

— Austin se afogaria com seu próprio sangue.

Hodges abaixou a lente e virou-se, direcionando seu olhar para o tenente, que continuou a falar, ignorando totalmente a presença das outras duas pessoas na sala.

— O nosso serial pode ter tentado voltar atrás quando o viu morrer.

— Acha mesmo que alguém tão frio a ponto de escalar e desmembrar, possa ter se arrependido? — Hastings opinou, colocando as mãos nos bolsos da frente da calça social e balançando-se sobre os calcanhares.

— Tem razão. — Ele baixou o olhar novamente e passou a mão pelos cabelos que caíam sobre sua testa

Todos voltaram a ficar em silêncio, com Hodges tendo direcionado seu olhar pela primeira vez para seu aprendiz, que analisava seu trabalho, parado ao seu lado, e Payne e John permanecendo encarando seus pés, entretidos por seus próprios pensamentos.

— Algo que nunca levamos em conta anteriormente, é "por que os dois foram as primeiras vítimas?". — O detetive olhou, com uma das sobrelhas levantadas, para a parceira, que ergueu seus olhos para ele.

— Acha que existe uma espécie de ordem?

— É uma hipótese.

— Achei que era contra hipóteses.

Ele deu de ombros e olhou para o amigo, que acompanhava a conversa dos dois.

— Vocês dois tem muitos porquês para responder.

— Por que o assassino "desenha" um sorriso em suas vítimas? — George falou pela primeira vez, fazendo sinal de aspas com os dedos ao mencionar o desenho, e todos desviaram o olhar para ele.

— Qual a sua opinião sobre tudo isso, Lewis? — John cruzou os braços e pressionou os olhos, encarando o rapaz, ainda apoiado na mesa de

Robert.

— Eu não sei qual é o motivo ao certo para este sorriso, mas acredito que haja algum significado.

Todos permaneceram em silêncio, ainda de olhos fixos no mais jovem, esperando que ele continuasse.

— Talvez o serial as achava infelizes. — Ele parecia nervoso e arrependido de ter se pronunciado, e então deu de ombros. — É só um palpite. Pode ser apenas uma marca.

— O último riso antes da morte. — A mulher sussurrou e desviou os olhos para o legista. — Hodges, em Lily o ferimento também foi feito anteriormente à morte?

O legista andou rápido até a outra mesa e ajeitou a luz novamente, repetindo o processo anterior e inclinando-se sobre o rosto da jovem para analisar com sua pequena lente. Os outros três aproximaram-se, mantendo alguma distância, mas reunindo-se ao redor em círculo como crianças curiosas.

— Sim! — Robert assustou a todos, e ergueu-se novamente olhando para a tenente e sorrindo, fazendo-se perceber sua alegria pela descoberta em seus olhos cor do céu. — A cicatrização é mínima, mas há um início. Talvez ela tenha ficado viva por pouquíssimas horas logo depois, exatamente como Austin.

A atenção de todos foi desviada abruptamente quando um celular fez um "bip" e John, percebendo que era o dele, retirou o aparelho do bolso e checkou o visor, percebendo que recebera uma mensagem de Liam Harrison, o técnico em laboratório que trabalhava para o departamento e sempre cuidava dos casos do tenente.

"Terei as análises das suas amostras em no máximo três dias. Muito trabalho, espero que seja possível esperar."

30/10/16 - 23:17h

— Maldito. — John disse baixo, esperando que nenhum dos outros presentes na sala tivessem ouvido e respondeu Liam pedindo para que ele

fosse mais rápido.

Harrison sempre fora preguiçoso e demorava para fazer seu serviço, muitas vezes tendo que ser visitado para um empurrãozinho para que as coisas funcionassem.

John decidiu que passaria no laboratório na noite seguinte e o pressionaria para conseguir pelo menos metade dos resultados. Já esperava chegar em sua sala e pegá-lo com suas pernas sobre a mesa e um pacote de seus doces preferidos no colo, enquanto assistia filmes e esperava que o universo trabalhasse por ele.

Robert tinha razão em não gostar do homem.

— Algum problema? — Payne perguntou.

— Não, tudo bem por enquanto.

Guardou o smartphone no bolso novamente e voltou a olhar para o legista.

— Então, acha que consegue retirar uma das articulações para que a gente possa tentar descobrir quem a fabricou?

— Mas é claro — respondeu e voltou o olhar para a articulação do pulso, que julgava ser a menos trabalhosa para a retirada, já que era menor que as restantes.

— Espero que consiga ser rápido, amigo. Ele pode voltar a matar amanhã.

— Halloween. — O médico direcionou o olhar para o calendário sobre a mesa, enfeitado com desenhos de teias de aranha e chapéus de bruxa no mês de outubro.

Todos permaneceram em silêncio, encarando o calendário e a data que provocava mais medo esse ano do que em toda a vida passada.

John sabia que tinha em suas mãos o dever de descobrir quem havia tirado a vida de Lily e Austin, e não queria mais receber mensagens do departamento com informações sobre novas vítimas.

— O que nos resta é juntar todas as informações que temos para, talvez, encontrar algo que ainda não vimos no meio de tudo isso. — Payne retirou suas mãos dos bolsos e olhou para os corpos. — Até porque este caso ainda tem muito para ser estudado.

John concordou acenando, ignorando o fato de que ninguém olhava para ele, e então afastou-se da mesa.

— Bom, acho que, como você disse, só nos resta continuar estudando.

Δ

— Há quanto tempo Lewis trabalha com Hodges? — Payne perguntou enquanto abria a porta do sedan preto que John usava como viatura.

— Não sei. Algumas semanas.

— Você confia nele?

Os dois sentaram-se em seus respectivos bancos e fecharam as portas ao mesmo tempo. Payne ligou o rádio e John colocou a chave na ignição sem muito cuidado, reclamando algumas vezes antes de conseguir dar partida.

— Robert confia nele.

— Não foi isso que perguntei.

— Eu confio em Robert.

— Caramba, John. Não sabe responder uma simples pergunta?

— Eu não confio em Liam, mas ele é nossa única opção, não é? — John olhou para ela enquanto falava e depois voltou o olhar para frente, direcionando o carro para o prédio do departamento.

— Não conheço Liam.

Ele sorriu e olhou pelo retrovisor lateral por um momento, depois abriu sua janela.

— Não vai gostar de conhecer. — Continuou apenas com uma das mãos no volante e tirou sua pistola do coldre nas costelas, verificando se ela estava travada, e a jogou no porta-treco perto do câmbio.

— Eu manteria comigo.

John não disse nada e os dois continuaram calados, até que Payne cochilou, com a cabeça pendendo sobre o ombro, apoiada na janela.

Ele não conseguiu deixar de observá-la por todo o restante do caminho.

Capítulo 19

Eu Sei Sobre Você

O passar do dia vinha demonstrando-se lento naquele Halloween. Sem nenhum julgamento ou trabalho extra para aquela tarde, Pietro decidira encerrar o dia e ir para casa.

Depois que fora chamado no Departamento, sua cabeça vivia perturbada pelo medo de perder seus filhos.

Mais uma vez.

Ele fora o único que não havia perdido as esperanças depois do desaparecimento, e fizera de tudo para que conseguissem encontrá-los, optando até mesmo por contratar detetives particulares, sabendo que, em se tratando de governo, seus filhos poderiam nunca ser encontrados.

Sua esposa, Stella, com quem já era casado há mais de vinte anos, se afundou na depressão que sempre a perseguira, desde que a conheceu.

Para ela, eram três filhos perdidos.

Um deles agora já não vivia mais.

E por mais que Austin e ele nunca tivessem se dado tão bem, a culpa inundara o coração do juiz, que agora sentia como se não tivesse feito o suficiente para salvar os três rapazes.

Sua casa, localizada no melhor bairro de Houston, e que sempre ostentara espaço e conforto, agora parecia ainda mais vazia e silenciosa.

Ele buscava confortar a esposa e ela trancava-se no quarto, evitando-o para que ele não a visse chorar. Pietro já nem sabia como lidar com aquela situação.

No caminho para casa, parou para pensar em tudo que havia acontecido naquele mês, principalmente em todas as brigas que tivera com Stella, quando ela o culpava por ter deixado seus filhos fazerem aquela viagem até Dallas sozinhos.

Estava tão perdido em pensamentos ao estacionar em sua garagem, que não percebeu que naquele dia sua casa tinha alguém a mais.

Desceu do carro e o travou, guardando as chaves no bolso, e andou

até a porta imponente que dava entrada para sua residência, carregando sua pasta.

Ao entrar, deparou-se com Spencer sentado em frente à sua esposa, concentrado em sua xícara de chá e nas palavras de Stella.

— Spencer. — Ele fez uma pausa e deixou sua pasta numa mesa ao lado da porta, tirou seu terno e aproximou-se do amigo, estendendo-lhe a mão para cumprimentá-lo. — É bom vê-lo.

O homem se levantou e encarou o juiz, sem estender a mão ou dizer qualquer palavra.

— Está tudo bem? — Pietro direcionou a pergunta à esposa, percebendo a situação estranha.

— Acho que precisamos conversar sobre tudo que tem acontecido.

O visitante finalmente estendeu a mão para apertar a do amigo, mas o surpreendeu quando usou o outro punho para acertar-lhe um soco no nariz, que fez com que Hiver perdesse o equilíbrio por alguns segundos, tendo que se apoiar na parede atrás de si.

— O que foi isso? — Ele tinha uma das mãos no nariz, quando olhou novamente para os dois, e tentava conter o sangue que escorria.

— O que você tem na cabeça, Pietro?

Ele pareceu confuso, e olhou para o velho amigo em silêncio, esperando que ele se explicasse.

— Não pode deixar que Stella vá ao necrotério.

A mulher pareceu se tocar do que acontecia ao seu redor pela primeira vez e levantou-se, aproximando-se e colocando uma mão no ombro do amigo da família.

— Spency... não. — Ela o olhou e Pietro observou o carinho que os dois transmitiram um ao outro naquela troca de olhares, passando a ter vontade de retribuir a agressão.

— Saia daqui, Stella. — Ele esbravejou, encarando-a e se aproximando para tirar sua mão do ombro de Delancey.

— Deixe-a ficar. — Segurou o pulso do juiz, encarando seus olhos. — Já fazem vinte e dois anos, Pie. Acabou.

— Não podem me culpar pelo que aconteceu.

— Não estamos culpando.

Pietro lançou um olhar para os dois e afastou-se, indo até a cozinha em busca de papel para limpar o sangue que insistia em escorrer.

— Me desculpe pelo soco. — Spencer disse, acompanhando-o um pouco atrás.

Stella seguiu os dois, e agora chorava, lembrando-se de quantas vezes havia passado pela mesma situação, estando no meio da briga entre os dois amigos que, apesar de se verem como irmãos, não se entendiam por diversos motivos do passado.

— Onde estava com a cabeça?

— No meu filho. — Spencer sussurrou.

Pietro parou e encarou o amigo, agora com uma toalha de papel pressionada sob o nariz, tentando estancar o sangramento.

— Ele nem ao menos sabia que era teu filho.

— E isto é culpa sua! — O homem avançou de novo, mas Stella segurou sua mão, impedindo que ele agredisse seu marido de novo.

— Stella quem escolheu isso. — Hiver olhou para sua esposa, esperando que ela confirmasse.

— Era melhor que ele achasse que era filho de um desconhecido. — A mulher sussurrou. — Nicole não merecia isso.

— Eu não a traí.

— Traiu, Spency. E já passou da hora de admitir isso até pra si mesmo. — Os dois se encararam novamente.

Pietro sabia que atrapalhara os dois. Ele sempre soube que seu amigo era o amor da vida de Stella, e vice-versa.

Mas vinte e cinco anos atrás, Delancey conheceu Nicole no último ano do ensino médio, e os dois começaram a namorar, e vistos por quem não convivia com eles, eram o casal perfeito.

Então ele conheceu Stella, os dois se apaixonaram e, entre tudo que tiveram, ela engravidou de Austin.

Sabendo que não poderiam continuar juntos, sendo covarde demais para abandonar sua noiva, Spencer deixou sua amada, que viu em Hiver e sua

compaixão para com ela, uma nova chance de ser feliz, sem o amor de sua vida.

Stella nunca escondeu de Austin que Pietro não era seu pai, sabendo que isso seria difícil, sendo os dois tão distintos na aparência.

Mas ela nunca revelou quem realmente era seu pai, em respeito à Nicole, que nunca soube o que acontecera.

Sendo amigo da família, Spencer manteve-se presente na vida de seu filho, que crescia e se tornava cada dia mais parecido com ele.

— Ele nunca soube que eu era seu verdadeiro pai. — O homem agora gaguejava, e tinha uma das mãos no rosto enquanto falava, parecendo concentrado em tentar segurar suas lágrimas.

Hiver deixou o papel de lado em cima de um dos balcões da cozinha e aproximou-se do amigo, o envolvendo com um abraço, que foi retribuído depois de um momento de hesitação.

Durante aquele abraço que durou minutos, Spencer deixou que suas lágrimas escapassem pela primeira vez desde que recebera as notícias.

— Meus dois filhos de uma vez só. — Ele sussurrou finalmente, enquanto limpava suas lágrimas, quando o amigo o soltou.

— Ainda não desisti, Spency. — Ele fez uma pausa, mantendo a mão no ombro do amigo. — Vou descobrir quem fez isso.

Ele concordou meneando a cabeça e então olhou para Stella, que ainda chorava, apoiada no batente da porta, com um lenço na mão.

Os dois homens começaram a se aproximar da mulher, mas percebendo que deveria deixar que o marido dela a acalentasse, Spencer afastou-se.

— Vou deixá-los a sós. — O homem dirigiu-se para a porta e olhou mais uma vez para o amigo, apontando para o próprio nariz. — Me desculpa.

Ele então abriu a grande porta da casa dos Hiver e saiu, deixando o casal sozinho, enquanto se encaravam, sem saber como deveriam cuidar um do outro.

Spencer se surpreendeu ao estacionar seu carro em frente à sua casa e deparar-se com todas as luzes da residência apagadas.

Nicole já deveria estar em casa àquela hora, pois naquele dia decidira que iria ao seu escritório apenas para conferir como estava a situação, no início da tarde.

Entrou em casa e demorou-se, tirando os sapatos no vestíbulo antes de entrar na sala de visitas e deparar-se com mais uma imensa escuridão acompanhada do silêncio.

Procurou pelo interruptor ao lado da entrada e, ao acender as luzes, assustou-se com a presença de sua esposa sentada em um dos sofás, encarando um ponto desconhecido à sua frente.

Os dois permaneceram em silêncio, cansados demais para falar qualquer coisa, até que depois de alguns minutos, a mulher quebrou a quietude.

— Eu sei que Austin era teu filho.

Capítulo 20

Resultados e Grafologia

O laboratório terceirizado pelo governo para trabalhar para a polícia parecera sempre caro demais para John.

O prédio, que parecia quase inteiramente feito de vidro, tinha salas onde qualquer um gostaria de trabalhar, e pessoas por todos os lados, que mais pareciam robôs, felizes demais com seu trabalho, de um jeito quase utópico.

Hale atravessou por entre as divisórias, impaciente à procura de Harrison, tentando lembrar-se do caminho que deveria fazer até o local onde o técnico trabalhava.

Liam Harrison se formara em Engenharia Química e Medicina Legal em faculdades bastante conceituadas. Por quase dez anos dera aulas e depois de tentar conseguir a vaga para trabalhar no necrotério local e perdê-la para Robert Hodges, começou a trabalhar no laboratório onde encontrava-se hoje, provavelmente ganhando muito mais que John já pensara ganhar na vida.

Como esperava, deu de cara com Liam sentado atrás de sua mesa, segurando um descomunal pacote de marshmallows. Mas, parando atrás de sua cadeira, percebeu que ele encarava um computador que exibia resultados de testes feitos anteriormente.

— Boa tarde. — John cumprimentou de onde estava, apoiado numa das divisórias de vidro, de braços cruzados e observando o outro homem.

Ao ouvi-lo, Liam assustou-se e pulou de sua cadeira, chutando seu mouse ao retirar suas pernas de cima da mesa e fazendo-o cair, pendendo apenas pelo fio.

— Ei... John. — Liam levantou-se e ajeitou seu jaleco, que parecia feito sob medida para seu corpo de ombros largos e braços fortes. Ele estendeu a mão que o tenente apertou com firmeza enquanto olhava exatamente nos olhos do técnico, que era uma das poucas pessoas que ele conhecia que tinha quase sua altura.

Liam passou a mão por seus cabelos louros acobreados e coçou sua

nuca, então aproximou-se do computador e mostrou a tela com a palma da mão estendida.

— Como você pode ver, estou esperando o processamento dos resultados.

— Nada pronto ainda?

— Nada. Me desculpa. Isso demora um bom tempo.

Hale aproximou-se, olhando a tela do computador de última geração, tentando entender os vários números que mudavam rapidamente.

— Hodges colheu muitas amostras.

— É o trabalho dele. E precisamos dessas informações.

O técnico o encarou e voltou a pegar o pacote de marshmallows que havia deixado sobre a mesa. Estendeu para o outro homem, que recusou, demonstrando-se enojado. John deu meia volta em direção à saída da sala novamente.

— Ande logo com isso, Harrison.

O homem concordou com a cabeça, impossibilitado de falar pelos dois doces que havia colocado na boca.

O tenente saiu, frustrado por não conseguir mais nada para o caso. A noite de Halloween começaria em menos de três horas, e ele começava a preocupar-se com a possibilidade de um novo assassinato.

Δ

Ao mesmo tempo, não muito longe dali, Payne encontrava-se em frente a um pequeno comércio no centro da cidade, verificando o endereço que lhe fora informado, e checando no GPS de seu celular se estava no lugar certo.

O antiquário parecia estar ali há tempo demais, e destoava do restante dos prédios daquela rua.

O dono do local era um grafólogo que lhe fora recomendando pelo próprio departamento — por já ter trabalhado para eles em outras ocasiões — para que analisasse as grafias do bilhete, que ela trazia consigo, ainda dentro do lacrado saco de provas transparente.

Era a primeira vez que saía para algum lugar para trabalhar distante de John, e sentia-se aliviada pela ausência do tenente que tanto lhe sufocara nos últimos dias.

Sentia muita falta de trabalhar sozinha.

Aproximou-se da porta de vidro e bateu três vezes, como ele lhe pedira pelo telefone.

Havia combinado de se encontrar com o senhor logo após o fim de sua jornada de trabalho, e ali estava, apenas poucos minutos atrasada.

Segundos depois, um senhor baixo e magro, que usava óculos de armações douradas e grossas e mantinha um bigode grisalho muito bem cuidado, abriu a porta e olhou para Payne com cautela.

— Senhor Franklin? — Ela apontou o distintivo no cinto. — Payne Hastings, do departamento de homicídios. Nos falamos mais cedo por telefone.

— Sim, claro. Senhorita Hastings. Entre, por favor. — Sua voz era doce e calma, e agora ele sorria, enquanto se afastava e abria um pouco mais a porta para permitir sua entrada. — Me chame de Mateo.

— Obrigada por aceitar nos ajudar no caso, Mateo.

— É sempre uma honra ajudar o governo.

O idoso fechou a porta atrás de si e encaminhou-se para os fundos da loja, passando pela detetive, que o seguiu observando os objetos antigos espalhados por todos os lados.

Aproximaram-se de uma mesa onde Mateo provavelmente trabalhava a maior parte do tempo, contendo muitas folhas de papel antigas, lentes de tamanhos diferentes e objetos dourados e reluzentes, que em conjunto pareciam teletransportar qualquer visitante para tempos antigos.

Na parede atrás do homem, uma estante mantinha vidros que — pelo que parecia — continham órgãos e fetos.

Payne não entendia os gostos das pessoas.

O senhor sentou-se na cadeira atrás de sua mesa e pegou um par de luvas descartáveis novas de uma caixinha que mantinha num canto da grande mesa de mogno.

Estendeu a mão para a detetive assim que terminou de calçar as luvas

e ela lhe entregou o saco de provas ainda lacrado, cruzando os braços e analisando o homem, que já parecia experiente naquilo ao abrir o pacote.

Ele estendeu os três bilhetes sobre uma espécie de tabuleiro que tinha sobre sua mesa e tirou seus óculos, colocando uma espécie de monóculo que parecia lhe permitir analisar melhor as letras escritas à mão no papel amarelado e com pequenas manchas de sangue.

O homem permaneceu em silêncio por vários minutos e a detetive aproveitou para dar uma olhada ao redor, por vezes olhando por cima do ombro para verificar se estava correndo tudo bem com a análise.

Parou para analisar um globo antigo de cartografia detalhada, e olhou para Franklin antes de estender a mão para tocá-lo, lembrando-se de quando pedira um desses a seu pai, quando era ainda muito pequena, e ele fez seu melhor e a presenteou no aniversário com um pequeno globo que cabia na palma de sua mão.

Naquele dia, ele olhara em seus olhos e dissera-lhe para rodar o globo e pará-lo de olhos fechados.

— Te levarei para conhecer o local onde seu dedinho apontar. — Ele sussurrou.

E assim ela o fez, rindo junto com ele do resultado, quando seu dedo apontou o sul da África, e assim ele lhe prometeu.

Infelizmente o destino não permitiu que ele cumprisse sua promessa, mas Payne ainda guardava aquele pequeno globo ao lado de sua cama, e o rodava todas as noites.

— Não toque, por favor. — O homem chamou-lhe a atenção e ela aproximou-se. — É uma raridade.

— Me desculpe. É muito lindo.

O homem sorriu de forma singela e a olhou nos olhos enquanto ela aproximava-se, voltando a colocar seus óculos.

— Este bilhete. — Ele estendeu o bilhete onde o assassino havia escrito "O que os olhos não veem, o coração não sente", postando-o em frente aos seus olhos. — Foi escrito por uma pessoa diferente dos demais.

— Pode me dizer mais?

— A escrita é feminina. Muito delicada. Mas eu teria que analisá-los

por mais tempo e fazer mais comparações para poder lhe dar mais detalhes.

Hastings assustou-se ao ouvi-lo dizer que se tratava de uma mulher, e demorou para situar-se novamente, deixando de prestar atenção no resto da frase do idoso.

— Tudo bem. Acho que é o suficiente.

— Tem certeza? — Ele percebeu que ela havia se surpreendido, mas guardou os bilhetes novamente no saco transparente e descalçou suas luvas, levantando-se e lhe estendendo o pacote.

— O procuraremos caso precisemos de algo mais, Mateo.

— Agradeço a confiança, detetive. — O homem ofereceu a mão a ela e sorriu.

Payne respondeu o cumprimento e dirigiu-se à saída, pegando seu celular no bolso da calça e digitando uma mensagem para o parceiro assim que passou pela porta.

Tenho novidades

31/10/16 - 18:46h

Encaminhou a mensagem e sorriu, satisfeita pela descoberta.

Capítulo 21

Em Busca De Provas

Havia se passado apenas dez minutos quando John estacionou o sedan novamente na frente do Antiquário, deparando-se com uma Payne eufórica que estampava um sorriso de satisfação no rosto.

A mulher deu a volta no carro e abriu a porta, entrando rapidamente e ajeitando-se no banco ao qual já havia se acostumado.

Deixou o saco de provas novamente lacrado no banco de trás e colocou o cinto, esperando que o parceiro desse partida.

— E então? — Ele perguntou, assim que pisou no acelerador.

— O bilhete onde está o ditado foi escrito por uma mulher.

— Acha mesmo que uma mulher sequestrou e matou aqueles jovens?

— Talvez.

— Ou ela pode ter apenas escrito os bilhetes.

Hastings o encarou, deparando-se com suas sobrancelhas franzidas, e um olhar perdido e pensativo, enquanto seu semblante era iluminado pela luz do pôr do sol, e lhe aplicava um ar mais jovial e diferente, acompanhado das poucas mechas de cabelo que caíam até o meio de sua testa.

Percebeu então que, na metade de hora que ficara longe dele, sentira falta do quanto ele a incomodava. O que havia se tornado um incentivo para que ela sempre focasse um pouco mais em conseguir novas pistas e surpreendê-lo.

— Por que sente prazer em discordar?

— Não sinto. — Ele fechou os vidros, impedindo o ar gelado que começara a entrar dentro do carro.

— Onde estamos indo?

— Quero voltar à primeira cena.

— Acha que algo pode ter passado despercebido?

Ele deu de ombros e levou uma das mãos ao queixo, coçando a barba.

— Por que sempre faz isso?

— Por que tantas perguntas?

Eles se encararam quando ele parou o carro em um semáforo. Depois de alguns segundos, a mulher riu e virou-se para o outro lado novamente.

— Parece que é a convivência.

Ele sorriu e voltou a focar os olhos no trânsito, repassando na mente cada coisa que fizera naquele dia.

Naquela manhã, os dois tiveram que participar de uma coletiva bastante cansativa, e além de terem sido bombardeados pelas perguntas de repórteres, o prefeito da cidade os pressionou para que conseguissem alcançar o assassino mais rapidamente.

Depois daquele encontro, e de perceberem Lockwood nervoso num curto telefonema, ao falar com o secretário de estado, souberam que se não conseguissem encontrar o serial logo, tudo seria encaminhado ao FBI, que já havia percebido a abrangência do caso.

John e Payne sentaram-se na pequena sala do terceiro andar logo depois, e assistiram a tudo, olhando para si mesmos trabalhando juntos pela primeira vez, mesmo que fosse apenas para responder aos inúmeros questionamentos dos jornalistas esfomeados por uma notícia.

Passaram o resto do dia em silêncio, novamente revendo papéis, e dessa vez montando um quadro e unindo todas as provas que já tinham, em busca de alguma ligação ou possível suspeito.

Só saíram do departamento quando Hale notou que Liam já deveria ter começado seu turno, e aproveitou para dar uma carona a Payne, que já havia combinado de encontrar-se com Franklin para a análise.

— A equipe olhou cada centímetro daquele beco.

— Eu não olhei.

— Confia em alguém, John?

— Claro.

Ela pareceu satisfeita com a resposta, sabendo que isso era um bom começo, mesmo que ele não revelasse quem fosse.

— Em mim mesmo.

Ela bufou e recostou o rosto na janela, pegando seu celular para trocar algumas mensagens com a noiva enquanto não chegavam no local, que ficava

do outro lado da cidade.

Permaneceram o restante do caminho em silêncio, trocando olhares quando percebiam que o outro não estava olhando, e fuzilando um ao outro com os olhos, quando estes se encontravam.

Hale finalmente estacionou o carro próximo ao beco onde haviam achado o corpo de Austin e desligou, parando por um momento para analisar de dentro do carro o movimento de poucas pessoas que passavam e encaravam o beco de forma estranha, sabendo o que havia acontecido ali.

— O lugar nunca mais vai ser o mesmo. — Payne disse, também intrigada com as pessoas.

Hale abriu a porta e saiu, aproximou-se da entrada do beco e parou, observando.

Sua parceira o seguiu e parou ao seu lado, pousando os olhos no local onde anteriormente encontrava-se o corpo de Austin, e tudo que restara era uma mancha de sangue.

O silêncio pairou no ambiente deserto e, por algum tempo, mais ninguém apareceu por ali, deixando os detetives a sós, colocando seus pensamentos em ordem.

As paredes de tijolos do beco pareciam sujas de uma forma grotesca, como se acumulassem e guardassem umas centenas de fatos ilegais que ficaram marcados.

Bitucas de cigarro e sacos de lixo eram a única decoração do local, que colaboravam para um cheiro nada agradável e convidativo.

Por sorte, os tenentes há muito já haviam se acostumado com os odores que enfrentavam no dia a dia.

Foi Payne quem deu o primeiro passo à frente e, tomando cuidado para não pisar na poça — agora já seca — de sangue, agachou-se próxima ao local onde estivera o corpo.

— O sangue que o corpo deixou aqui foi tão pouco e tão preciso. — Ela olhou para o parceiro. — A equipe recolheu amostra do sangue?

— Espero que sim.

— Viu sangue nos trajes que Austin vestia?

— Nem uma gota.

— Este sangue pode não ser dele.

John permaneceu calado e então finalmente se moveu, passando por Hastings, que o acompanhou com o olhar enquanto ele se aproximava de onde anteriormente a perita havia encontrado a gola descosturada da fantasia de palhaço.

O local havia servido de depósito para vários sacos de lixo, posteriormente rasgados por cães que passaram por ali, e ficava ao lado de um grande container de lixo de tinta já desgastada.

O detetive agachou-se próximo ao local para analisar melhor e procurar por mais evidências, e com a ajuda de uma luva que sempre trazia consigo, retirou os sacos de lixo, colocando-os novamente ao lado.

Desistiu de procurar sobre o lixo assim que notou que tudo que acharia seriam resquícios de uso de drogas no lugar.

Percebeu então, ao se levantar novamente, uma pequena mancha de sangue no container verde, que parecia ter sido parte de uma mão que fora apoiada ali, restando a marca de apenas parte da palma e dois dedos.

— Payne.

Sua parceira aproximou-se e logo viu o que ele encontrara.

— Tem material pra recolher a digital?

— No carro. — Ele suspirou, satisfeito pela descoberta. — Como deixaram isso passar?

Hastings deu de ombros e não o respondeu, esperando que ele concordasse que isso poderia acontecer às vezes.

— Então vamos olhar esse beco inteiro de novo?

— É uma ótima ideia.

Ele sorriu para ela e então se afastou para pegar os equipamentos de criminalística que sempre carregava consigo, visando a coleta de novas provas naquele local.

Capítulo 22

Eliminados

Hastings sempre lidara melhor com as provas quando as tinha à sua frente, dispostas de forma fácil de se visualizar, montadas em um quadro com tudo o que já tinha e os possíveis suspeitos do crime. Isso a colocava um passo à frente para encontrar o assassino.

Pegara fotos de todas as pessoas com quem já havia tido contato naquela situação e dispusera ao lado dos bilhetes, provas e anotações numa pequena lousa de madeira que John a ajudara a encontrar.

Ele ainda a analisava quando ela finalmente terminou de ajeitar suas evidências com tachinhas no quadro.

— Então, quem você acha que pode ser nosso suspeito? — Ela disse enquanto afastava-se um passo para o lado, liberando o quadro para que seu parceiro analisasse melhor.

Com a ajuda de tachinhas, ela ligara algumas das pessoas envolvidas com fios coloridos, que indicavam alguma ligação familiar ou de trabalho entre duas pessoas.

Na lousa ele encontrou, no canto superior esquerdo, fotos de Kellan, Phillip e Michael e seus pais, próximos a dados sobre o desvio de verbas do circo, e um pouco mais embaixo havia uma foto de Pietro, ligada por um fio azul à imagem de Moore, e por um vermelho à foto de sua esposa Stella.

À direita encontravam-se fotos de Spencer e Nicole, unidas à do juiz e também entre si mesmas.

No centro de tudo, Payne completara com fotos dos cinco desaparecidos, tendo feito um X com canetão vermelho nos rostos de Austin e Lily, o que deixava a informação contida nas fotos um pouco mais chocante, mesmo para quem já até havia se acostumado com o ocorrido e não tinha ligação com nenhum dos dois.

Eliminados.

Perderam a vida de forma precoce e não poderiam estar ali para ajudar os tenentes a descobrir quem os ferira.

Mas seus corpos falavam.

A cena do crime falava.

E o assassino também.

— Hiver.

— Por quê?

— Não pareceu se importar com a morte de Austin.

— Ele tinha motivos, John?

Ele ficou calado e buscou relembrar as duas conversas que tivera no dia anterior com o homem, para encontrar algum motivo para tal crime.

— Por que Pietro Hiver, um condecorado juiz criminal de Houston, ainda jovem e com carreira próspera, que de tão bem de vida atualmente, reside no bairro mais abastado da cidade ao lado da casa do nosso prefeito...

— Ela fez uma pausa. — Mataria seu enteado e a filha de seu melhor amigo, depois de sequestrá-los juntamente com mais três amigos, que incluíam seus próprios filhos? — A detetive ainda tinha o canetão em mãos, usando-o para apontar no quadro algumas anotações que fizera sobre tudo que citara no pequeno discurso.

As palavras foram todas retiradas da boca de Hale ao ouvir a explicação da parceira, e tudo que ele podia fazer naquele momento era concordar, já que como ela havia explicado, o juiz não poderia ter cometido o crime.

— Não temos um suspeito. — Ele disse baixo, e ela sorriu, satisfeita com a concordância do parceiro.

— Não ainda. — Ela olhou para o quadro. — Não temos ninguém que nos tenha dado motivos para estes assassinatos em série.

Seu parceiro olhou para o relógio, ainda parecendo nervoso pela proximidade do fim do dia.

— Ainda acredita que ele pode voltar a matar hoje?

— Não podemos descartar a hipótese.

O relógio já apontava 20h13 e até o momento o assassino não voltara a dar sinal. Os canais de jornalismo exibiam sobre o Artista de Houston de hora em hora, mesmo sem novas notícias, e os dois tenentes não conseguiam deixar de rir ao ouvir o apelido que fora dado ao serial killer.

— Temos a pista sobre o bilhete. — Ela apontou para as fotos das mulheres que havia disposto no quadro, primeiro para Joanne Moore, a mãe do artista que fugira, depois para Stella Hiver e então Nicole Delancey. — Uma destas mulheres pode ter ligação com nosso assassino, ou até mesmo ter parte nisso.

— Por que descartou Lily Delancey e Madelin Price?

Ela o encarou, tendo desta vez que concordar com ele. O assassino poderia ter feito com que uma delas escrevesse o bilhete sem que precisasse de muito esforço, já que as mantinha em cárcere em algum lugar dentro ou fora do território do Texas.

— Então temos cinco possibilidades, por enquanto.

— Mande a escrita novamente para Franklin por Godinski. Mas antes consiga algo escrito por estas cinco mulheres para comparação.

— Está falando comigo como se eu fosse sua subordinada. — Ela tapou o canetão e afastou-se do quadro, indo até a mesa e colocando-o de volta com todas as outras canetas. — Sinto muito, meu querido Hale. Não sigo suas ordens. — Ela sorriu, olhando para ele de cima. — Farei apenas porque é meu trabalho.

Ele cruzou os braços, apoiando as costas na cadeira, e fixou seus olhos nos dela.

Sempre trabalhara com policiais de patente menor, e os colocava para este tipo de trabalho de campo. Agora, custava a se acostumar a trabalhar com ela no mesmo nível.

— Faremos isso juntos, tenente. — Ele piscou para ela e levantou-se, se aproximou do quadro que ela havia feito e passou a analisá-lo melhor.

Não queria admitir que nos últimos meses passara a ter dificuldade com a visão a distância, e lutava contra seus próprios olhos, mesmo já tendo sido avisado por Robert quanto à gravidade de postergar uma consulta.

A organização da parceira o surpreendia cada dia mais. Entre post-its coloridos, fotos unidas por fios de linha de crochê, folhas de seu próprio bloco de notas com dados sobre cada um dos envolvidos, ela organizara todo o caso de forma extremamente facilitadora, que ficava clara para qualquer pessoa que analisasse o quadro.

Payne permaneceu próxima à mesa, apoiada com o quadril no móvel

e segurando o tampo com as duas mãos em suas laterais.

— Nunca fez isso?

— Já, mas não tão detalhado. Isso vai nos ajudar muito.

— Sempre ajuda.

Notou então que ela deixara espaços em branco para a colocação das provas e análises que ainda aguardavam a entrega pelo laboratório.

Haviam acabado de voltar do laboratório onde haviam deixado a última prova que conseguiram e Liam prometeu agilizar as coisas, contando com toda sua equipe.

Mesmo reunindo tudo que tinham, ainda era difícil dar sequência no caso, e a espera de três dias por todos os resultados que Liam prometera entregar poderia atrasá-los e resultar em maior abertura para novas vítimas.

— Acho que é melhor que voltemos ao teatro.

— Você tem razão.

Ela já se aproximava da porta, e assim colocou a mão na maçaneta, pronta para que saíssem em busca de mais provas, mas o olhou antes de abri-la.

— Tem sido tão submisso e concordado tanto. — Ela sorriu.

Ele revirou os olhos e aproximou-se, enquanto ela abria a porta para que os dois passassem.

— Ah, John! Um dia você me permite que eu aperte estas tuas bochechas? Você fica fofo demais quando te contrariam.

Payne riu, andando de costas pelo corredor, ainda o encarando enquanto ele fechava a porta e tentava esconder o riso, de bochechas já avermelhadas pela situação em que ela o deixara.

Assim que ela virou as costas, ele riu, meneando a cabeça enquanto a seguia.

Capítulo 23

The Hobby Center

Havia muito mais pessoas naquela noite no Hobby Center e suas intermináveis fileiras de cadeiras estavam completamente lotadas, desde a área superior até as mais próximas do grande palco. As luzes agora estavam acesas por todo o grande teatro e pessoas com iluminados sorrisos em seus rostos levantavam-se, fazendo fila para sair pelas várias portas do local.

Os tenentes foram autorizados a entrar pelos fundos — depois de algumas ameaças —, e agora aguardavam por trás do palco, enquanto observavam o fluxo de pessoas.

Artistas andavam por todos os lados, alguns despindo-se de parte de suas roupas antes de entrarem em seus camarins e outros apenas concentrados na palavra de seus colegas enquanto andavam lado a lado.

O espetáculo era o mesmo que seria apresentado na noite em que ocorrera o achado da segunda vítima e que naquela ocasião fora cancelado. O cenário ainda se encontrava da mesma forma, o que fez com que os dois relemberrassem exatamente como Lily fora exposta no local.

Aguardavam um companheiro de trabalho dela, com quem falariam em busca de novas pistas sobre o caso, e algumas pessoas que passavam, cruzavam os olhos com seus distintivos presos no cinto e os olhavam curiosos.

O local começava a se esvaziar e ali permaneciam agora apenas os técnicos que trabalhavam por trás das cortinas, e alguns organizadores.

Já estavam esperando há quarenta minutos desde que chegaram, ainda antes do fim da peça apresentada.

Um casal totalmente trajado de preto e parecendo ter seu próprio estilo finalmente saiu da sala de sonorização em direção aos detetives, provavelmente já tendo sido avisados da visita dos dois.

O homem, que aparentava ser o mais velho dos dois, estendeu a mão para um de cada vez, falando primeiro.

— Trabalhávamos com Lily. Ainda não acreditamos que ela morreu.

A mulher que o acompanhava, que parecia muito mais nova, colocou uma mecha de seu cabelo ruivo tingido curto atrás da orelha e os encarou em silêncio. Parecia abalada, Payne notou. Provavelmente eram muito próximas.

— Podem me informar seus nomes, por favor? — John solicitou, retirando seu bloco de notas do bolso.

— Donna Shey. — A ruiva respondeu baixinho, encarando o bloco de notas.

— Jordan Simmel. — O homem disse, parecendo tranquilo. Tinha as mãos nos bolsos e olhava para os policiais como se já tivesse passado por aquele tipo de situação.

— Há quanto tempo conheciam Lily? — Foi Payne quem começou com as perguntas.

— Cerca de três anos. Ela começou a trabalhar conosco logo no início da faculdade. — Ele apontou para a jovem. — Donna e ela estudavam juntas, então Lily conseguiu o emprego por meio dela.

— Passavam muito tempo juntos?

— Várias horas por dia, principalmente nos fins de semana e dias de espetáculo.

— Sabem se Lily tinha desavença com alguém? Viram-na discutir com alguém antes de desaparecer?

— Aqui não. Nenhuma vez. — Ele disse, e olhou para a colega de trabalho, esperando que ela confirmasse e a moça concordou, meneando a cabeça. — Lily era muito boa no que fazia, dentre nós três era a melhor, com certeza, mesmo que eu tenha muitos anos a mais de experiência com sonorização. Mas aquela garota aprendia tudo muito rápido.

— Alguém poderia querer o lugar dela? — John questionou, quando a parceira permaneceu em silêncio.

O homem riu baixo e encarou os dois detetives, um de cada vez.

— Somos apenas técnicos de som. Ninguém quer tomar nosso lugar como às vezes acontece com os atores que apresentam aqui. — Ele apontou para algumas pessoas que passavam ainda por ali, que haviam sido parte do espetáculo de alguma forma.

— Alguém foi contratado para substituí-la durante esse mês? — John

perguntou.

— Não, temos lidado com as coisas sozinhos. E de qualquer forma não nos sentiríamos bem se ela fosse substituída. Ninguém se sentiria.

A moça continuava em silêncio, sendo minuciosamente observada por Payne, ora encarando John enquanto ele falava, ora o chão, parecendo reviver momentos com a colega de trabalho.

— Lily pediu apenas cinco dias de licença para a viagem com os amigos, e achamos que seria bom para ela. — Jordan continuou enquanto o tenente anotava tudo. — Incentivamos ela a isso, porque estava receosa de início, pois naquele fim de semana teria um grande espetáculo. Nunca imaginamos que ela jamais voltaria.

— Nós sentimos muito, Simmel. — Payne disse, num tom calmo de voz, olhando nos olhos do homem em busca de oferecer conforto.

— Tudo bem.

Neste momento ele passou um de seus braços por sobre os ombros da colega, buscando acalenta-la ao perceber que agora uma lágrima corria silenciosa sobre sua bochecha. Donna levou uma das mãos ao rosto e abraçou o colega, escondendo o rosto dos tenentes, que aproveitaram a deixa para encerrar as perguntas.

— Acho que temos o suficiente — disse John, guardando o bloco de notas no bolso da jaqueta novamente. — Se quiserem acrescentar mais alguma coisa, podem nos procurar no departamento.

O homem apenas meneou a cabeça concordando em silêncio, e puxou a colega mais para perto, abraçando-a forte e passando a mão carinhosamente sobre seus cabelos.

Satisfeitos com o pequeno diálogo, John e Payne se afastaram em direção à saída do edifício.

Capítulo 24

Entre Mortos e Feridos

O sedan preto permanecia com um cheiro pútrido de sangue e morte, e era impossível permanecer ali dentro mais um segundo sem passar mal.

Eric bateu a porta após sair e respirou fundo, sugando o ar puro do ambiente para dentro de seus pulmões, que imploravam por isso.

Andou alguns passos, distanciando-se do carro, buscando se afastar ainda mais do odor, incomodando-se com o mato alto em tons de trigo e marrom, que roçava suas pernas nuas nas canelas e as arranhava.

Tirou o telefone do bolso e então parou, direcionando o olhar para o veículo que agora se encontrava a uns vinte metros de distância. Voltou os olhos para o celular e digitou o número que precisava.

Ouviu o som de discagem três vezes antes que a chamada fosse atendida e então alguns segundos se passaram sem que a pessoa do outro lado dissesse algo, fazendo-se ouvir apenas o som de sua respiração.

— Está feito. Como volto pra casa?

— Tem certeza que cumpriu com tudo exatamente como eu disse? — Sua voz era baixa e delicada. Apesar disso, demonstrava a segurança de uma mulher que sabia que estava no controle da situação.

— Sim, estou olhando para o carro. E estou exatamente onde você me pediu pra deixá-lo.

— Ótimo. — Ela pareceu se mover de lugar no outro lado da linha. — Certificou-se de que não é possível vê-lo por quem passa pela rodovia?

— Eu estou no meio do nada e não tenho nem como sair daqui. Como procurarei saber disso?

— É seu trabalho. Você tem que procurar como fazê-lo.

— Eu não queria estar aqui. Você me sequestrou.

— Porque você não cumpriu com sua parte do trato.

O homem respirou fundo e chutou com raiva a grossa e escura areia aos seus pés, que já não tinha vegetação naquela distância. Deixou uma marca de sujeira na ponta do tênis e xingou mentalmente a si mesmo por isso.

— Minha parte do trato era te ajudar com o planejamento, não fazer parte de assassinatos.

— Seu burro! Idiota! — Ela bufou do outro lado da linha, ouviu-se um som de algo sendo quebrado, como um copo arremessado contra uma parede, e então ela respirou fundo. — Eu confiei em você, Eric. Você disse que estaria comigo até o final.

— Agora estou aqui.

Ele havia tomado a decisão de deixar o plano pra trás e ir embora assim que soubera o que ela planejava fazer. E assim o fizera, voltando para casa e seguindo com sua rotina normal de estudante de engenharia e professor de karatê. Mas isso durou apenas três dias, até que ela mandou que o sequestrassem.

— Se me abandonar de novo, eu não vou pensar duas vezes antes de cortar sua garganta. — O tom de ameaça dela era real, e gelava sua espinha como todas as outras vezes em que ela fizera o mesmo.

Levou a mão até a garganta de forma involuntária, passando os dedos onde antes ela havia pressionado sua pequena faca, depois de tê-lo levado novamente até ela.

Eric havia fugido, pois entrara em algo que exigia muito mais do que ele achava que poderia fazer.

Ela o procurara para ajudá-la com o sequestro, e assim ele fizera, arquitetando e planejando tudo ao seu lado por meses, até o início de outubro, quando finalmente colocaram todo o plano em ação.

A mulher deixara sempre claro que não passaria de um sequestro em busca de um resgate, com o dinheiro dividido entre os dois em partes iguais, e como ele precisava do dinheiro para investir no dojô e pagar as mensalidades da faculdade, não pensou duas vezes, até porque já havia participado de transgressões parecidas.

Mas no vigésimo primeiro dia — depois de diversas desculpas sobre não ter pedido o resgate ainda —, após deixar todos presos, Eric voltou para o lugar onde eles se encontravam e a pegou encarando Austin, que estava amarrado numa cadeira de ferro, e em seu rosto ela havia cortado um sorriso de orelha a orelha.

Ele agonizava e chorava, e parecia prestes a desmaiar, tamanho

sangramento que sofria.

Eric permaneceu parado na porta por longos momentos, em pânico e sem saber como agir naquela situação, apenas ouvindo o que ela dizia, enquanto sorria encarando Austin.

— Agora você consegue sorrir. — E então uma pausa. — Agora você consegue me obedecer, não é!?

O jovem revirou os olhos uma última vez, tendo convulsões ao se engasgar com seu próprio sangue, e então desmaiou, e Eric poderia jurar a si mesmo que nunca mais o veria acordado de novo. E assim aconteceu.

— O que você fez? — Ele perguntou, se aproximando e pressionando os dedos na jugular de Austin, respirando aliviado ao sentir que o rapaz ainda respirava.

Tirou sua camisa e limpou superficialmente os sangramentos do rosto do rapaz, suspirando e dando-se por vencido quando percebeu que aquilo não estava dando certo.

Atrás dele, a mulher deixou a faca cair no chão ao seu lado e então saiu andando em direção à porta, devagar e como se nada tivesse acontecido, parecendo estar completamente fora de si.

Naquele momento ele soube que fizera a pior escolha de sua vida ao aceitar ajudá-la.

— Você é completamente louca. — Eric disse para o telefone, encarando ao redor, procurando a forma mais fácil de chegar até a rodovia para sair do meio do lugar deserto.

Ela riu alto do outro lado da linha, deixando-o ainda mais furioso com toda a situação.

Da mesma forma ela havia rido quando ele questionara sobre o que ela fizera com Austin. Naquele momento, Eric sabia que já era tarde pra qualquer coisa, pois não conseguira estancar o sangramento e nem dar pontos — como havia aprendido no curso de primeiros socorros — no grande ferimento que ela havia causado, tamanho nervosismo em que se encontrava. Mas ainda assim, a perguntara o porquê do que ela havia feito.

Ao ver que o rapaz não sobreviveria, mas agonizaria de dor por mais algumas horas, estrangulou-o até a morte com sua camiseta, antecipando o fim e cessando o sofrimento. Sentou-se no chão e encarou o jovem pelo que

pareceram horas, depois do ato, culpando-se pela morte do rapaz.

— Pensou mesmo que eu planejei tudo isso apenas para um sequestro? — Fora a única frase que ela dissera, e depois riu dele, de forma tão debochada que ele notou que ela não pararia por ali.

Pensara em desistir naquele mesmo momento, mas prometeu a si mesmo que ficaria para tentar lidar com a situação e fazer com que ela não continuasse com seu plano.

Foi para o local bem mais cedo na manhã seguinte, esperando chegar antes dela e soltar todos os jovens.

Deparou-se com o corpo de Austin dessa vez deitado sobre uma maca, e a mulher estava de pé ao lado, com o corpo ligeiramente inclinado sobre o jovem, não permitindo a visão do que ela fazia.

Aproximou-se devagar, tomando cuidado para ser silencioso, e teve ânsia, vomitando no chão ao se deparar com a pior cena que já vira na vida.

— Ah! Que merda, Eric!

Ela o encarou depois de parar o que fazia, deixando o rosto todo de Austin à mostra, o que fez com que ele vomitasse ainda mais.

O rosto do rapaz não tinha mais pálpebras, e um círculo de carne viva levemente queimada era tudo que restara ao redor de suas órbitas.

— O que está fazendo? — Eric perguntou quando finalmente conseguiu falar, encarando as mãos da mulher, com as quais ela segurava um bisturi na direita e, na esquerda, uma espécie de aparelho que ela provavelmente usara para provocar as queimaduras na carne, que ele não reconhecia.

— Fazendo parecer com que isso seja um trabalho de um serial.

— E isso é necessário?

— Você quer que eu esteja ligada a tudo isso?

Ele ficou em silêncio. A cada dia percebia um pouco mais que, apesar de louca, a mulher era extremamente sagaz.

— Então é necessário.

Ela voltou o olhar para o jovem, passando devagar a mão no peito dele, onde agora Eric conseguia perceber que ela desenhara com marca-texto um Y que chegava até seu abdômen.

Ele assistiu de perto, paralisado pelo pânico, quando ela estendeu o bisturi e cortou profundamente por toda a extensão do Y.

— Preciso que você procure uma serra para mim. De preferência elétrica. — A mulher disse após terminar.

— Por quê?

— Apenas faça, Eric.

E então ele saiu, aliviado por não ter que assistir quando percebeu que ela abriria o peito de Austin.

Foi até sua picape, que deixara parada próxima ao albergue abandonado e isolado onde se encontravam, e partiu em direção à cidade em busca de uma loja de ferramentas. Nervoso, quase bateu o carro diversas vezes, por conta de seus pensamentos todos voltados para as cenas que vira nos últimos dois dias.

Entrou numa loja de departamentos na entrada da cidade e passou pelos corredores à procura do que precisava, olhando por cima dos ombros, desconfiado a todo momento de que estava sendo seguido.

Respirou fundo assim que sentou na picape novamente, deixando a sacola com a pequena serra elétrica ao lado, e direcionou o olhar para o retrovisor, assustando-se ao encontrar os olhos de uma idosa que o encarava, parada na porta da loja.

Não pensou duas vezes e ligou o carro, indo o mais rápido que era permitido sem que fosse contra as leis de trânsito, chegando no albergue em pouco tempo.

Parou o veículo de qualquer jeito e desceu, levando a sacola e parando na porta que dava para a sala onde a mulher ainda se encontrava.

— Trouxe o que pediu — disse baixo e se aproximou, dessa vez já preparado, não se assustando ao se deparar com as costelas e órgãos expostos de Austin.

— Me ajude a serrar as costelas.

— Eu não vou fazer isso.

Ela o encarou e, mesmo olhando de baixo pela pouca altura que tinha em relação a ele, poderia colocar qualquer um aos seus pés com aquele olhar.

Sem conseguir questionar, tirou a serra da sacola, ligando-a.

Aproximou-se da maca e pegou-se fazendo algo que nunca imaginara que teria coragem na vida.

De início teve ânsias e achou que vomitaria aos pés da mulher. Depois que pegou o jeito, acelerou os movimentos, terminando o mais rápido possível.

Olhou para ela novamente, desligando a serra, e a pegou encarando o peito aberto do jovem com um grande sorriso diabólico no rosto.

A mulher aproximou-se novamente e afastou Eric para o lado, estendendo a mão onde ainda segurava um bisturi, para começar então a cortar as artérias que uniam os pulmões e coração ao restante do corpo.

Ela parecia embriagada, perdida em seu próprio mundo e não restava nada da pessoa que sempre fora.

Depois de retirar os pulmões e deixá-los num balde que se encontrava aos seus pés, estendeu as duas mãos para o coração de sua vítima e o retirou com cuidado, levantando-o na altura de seu próprio rosto e o encarando, ainda com um sorriso estampado na face.

Ela parecia ter acabado de encerrar um ritual, e ostentava sua conquista, que derramava sangue por seus braços.

O homem a encarava assustado, enquanto ela admirava o coração, vidrada.

— Isso é só o começo, irmão.

— Você não deveria ter feito isso.

Ela sorriu e saiu da sala, levando o coração consigo, sem deixar de olhá-lo mesmo durante o caminho, deixando Eric a sós mais uma vez com o corpo sem vida do rapaz.

E ela estava certa, aquele seria só o começo para ela.

No mesmo dia, mais tarde, ela pediu para que ele tirasse Lily do quarto onde ela se encontrava, e ele — já exausto com a situação — o fizera sem questionar, colocando-a na cadeira onde anteriormente Austin estivera, como lhe fora pedido.

Ali, ele assistiu enojado enquanto a irmã cortava o mesmo sorriso na jovem e em seguida arrancava seus olhos, fazendo-a agonizar até a morte.

Naquele dia tivera pesadelos, e acordou assustado quando a imagem

da mulher aparecera em sua frente, com a mesma roupa ensanguentada, e o bisturi em sua mão direita.

Por sorte fora apenas um sonho.

Mas na manhã seguinte, não voltou a aparecer no albergue, e começou a ignorar as ligações dela.

— Preciso que volte logo, Eric. Você tem trabalho. — Ele a ouviu dizer do outro lado do telefone, e olhando ao longe, viu que se seguisse reto por onde viera, não demoraria a chegar à rodovia novamente, mas o sol queimava sua pele, e não havia árvores naquele local. Além disso, sabia que demoraria para conseguir uma carona.

— Me ajude a sair daqui. — Ele pediu, mas ela já havia desligado.

Não lhe restava outra coisa a não ser seguir até a rodovia e torcer para que todo o inferno que sua vida se tornara acabasse logo.

Capítulo 25

Tipos de Relacionamentos

O caso a vinha desgastando muito e as várias horas dedicadas à investigação afastaram-na de casa. Agora Payne mal via sua cama e sua noiva. Sem mais nenhuma prova e ainda esperando os resultados das análises feitas pelo laboratório, os detetives enfim resolveram tirar uma folga para descansar a cabeça. Mas isso não queria dizer que naquela manhã a detetive não trabalharia em casa, pois estava fixada demais em toda a amplitude da investigação.

Foi pega de surpresa em frente ao computador, quando Claire se aproximou devagar por trás e lhe deu um beijo na nuca desprotegida devido ao rabo de cavalo. Achava que não havia denunciado sua presença ao chegar em casa e ir direto para seu escritório doméstico, que nada mais era que um quarto sobrando, transformado numa sala mais confortável para que trabalhasse. Sempre que se mudava, fazia questão que o novo apartamento tivesse dois quartos para que ela preenchesse o que sobrava com o que transformava no seu local de trabalho.

No ambiente, preencheria uma das paredes maiores com estantes que tinha dos mais diversos tipos de livros, indo de literatura estrangeira a volumes que tratavam sobre política e direito. Payne preferia os romances policiais, e quando não estava ocupada demais no trabalho, passava horas e horas mergulhada nas páginas daquelas ficções.

— Não deveria trabalhar em casa. — A mulher sussurrou e Payne sorriu, feliz por ouvir o som da voz que mais amava no mundo.

— Me desculpe. — Ela então levantou-se e se virou para a loira, alguns centímetros mais baixa que ela, passando os braços por trás de seu pescoço e acariciando sua nuca de cabelos curtos. — Estou empolgada demais com esse caso.

— E cansada. — Claire sorriu e deu um beijo rápido no queixo da noiva, fechando os olhos logo em seguida e a abraçando pela cintura, enquanto a tenente a puxava pra mais perto.

— Deixarei o trabalho para quando estiver no Departamento.

— Isso é uma promessa?

— Isso é uma promessa.

Afastou seu corpo alguns centímetros, desfazendo o abraço e levantando seu dedo mínimo, esperando que a noiva cruzasse com o seu. A mulher o fez, sorrindo enquanto tinha os olhos agora nas mãos das duas, unidas.

Permaneceram ligadas pela promessa por alguns segundos e então Claire afastou-se.

— Vi na televisão sobre o caso em que está trabalhando. — Ela disse, e apoiou seu corpo na mesa de trabalho de sua noiva.

— Artista de Houston. — Payne sussurrou de volta e sentou-se na cadeira atrás de sua mesa novamente. Ofereceu o colo para a mulher que se aproximou e sentou, abraçando-a pelo pescoço mais uma vez.

— Eu conhecia as vítimas. — Ela pareceu triste ao dizer a frase e surpreendeu a outra com a confissão.

— Por que não me disse?

— Você estava trabalhando. Não veio pra casa desde que eu soube no que tem trabalhado.

— Me desculpa.

— Tudo bem. — Ela falou baixinho enquanto brincava com a gola da camiseta da mulher, não encarando seus olhos. — É seu trabalho.

— Creio que tenho muita informação que pode ajudar você e John.

— Quão bem conhecia Lily e Austin?

— Estudamos juntos no meu último ano. — Ela finalmente olhou nos olhos da tenente e acariciou seus cabelos. — Já te falei sobre eles.

Então Payne lembrou-se do último ano de faculdade de sua noiva, quatro anos atrás. Já era o terceiro curso superior de Claire, que vinha procurando desde mais jovem o conhecimento que finalmente a encantaria. Sempre fora apaixonada pelas artes, então começara pelas cênicas em Dallas, onde conheceu Payne. Cursou-o completo mas, não satisfeita, foi para a Flórida, onde viveu durante cinco anos. Apenas tempo suficiente para cursar Música e então voltar para o Texas e estudar em Houston, onde conheceu as cinco vítimas e se reaproximou de Payne que, na época, trabalhava na cidade.

Os últimos três anos de Claire na faculdade foram também seus últimos por tanto tempo numa cidade só. Assim que terminou o curso, decidiu que se dedicaria à pintura e, por conta de Payne, nunca mais parou de viajar. Começaram por Victoria, no sul do Texas, onde viveram por pouco tempo antes de mudarem-se novamente para Dallas e então para a capital, Austin, antes de voltarem para Houston.

Agora que estava de volta onde se conheceram, esperava permanecer ali, onde tanto amava morar e Payne já havia lhe prometido que o faria, além de que parecia estar gostando do novo trabalho e de seu parceiro.

— Não sabia que havia mantido contato com eles. — Payne disse ao perceber que a noiva permaneceria em silêncio e não continuaria a contar sobre o que sabia.

— Sempre mantive, principalmente com Lily.

Foi então que percebeu que sua noiva se encontrava de luto e dedicara tanto tempo ao trabalho que não dera atenção a ela.

— Me perdoa. — Payne sussurrou e a puxou para um abraço, sabendo que a noiva não cederia e seguraria suas lágrimas até o último minuto.

Claire apenas ficou em silêncio e a tenente percebeu que sua futura esposa fazia um grande esforço para segurar as lágrimas, enquanto acariciava os expostos cabelos de sua nuca, buscando concentrar-se em algo para que não chorasse.

O que Payne não sabia era que Claire já havia chorado muito anteriormente, quando soube da morte da mulher com quem, apesar da grande diferença de idade, mantivera uma ótima amizade por quatro anos.

— Estou aqui. — A detetive sussurrou.

Sua noiva afastou-se um pouco e a olhou nos olhos, beijando seus lábios rapidamente, demonstrando da sua forma que aceitava as desculpas dela.

— Lily sofreu muito, né? — Ela ainda tinha o olhar triste, mas o abraço parecia tê-la aliviado um pouco da dor momentânea.

— Infelizmente sim.

— Obrigada por ser sincera.

— Sempre sou. — Ela deu um sorriso de lado.

— Acho que devo testemunhar formalmente no departamento para ajudar vocês.

— Podemos fazer isso de uma maneira menos formal. — Payne encarava os olhos da noiva e admirava o castanho profundo que sempre amara. — Vamos jantar hoje... eu, você e John. Assim você nos conta tudo que puder ajudar e o conhece melhor.

— Ótima ideia. — Ela sorria agora, mas não de forma totalmente sincera, pois ainda não parecia ter afastado de sua mente os pensamentos sobre os recentes acontecimentos.

— Mas acho que agora poderíamos tomar um café da manhã reforçado e aproveitar que estamos juntas.

Claire se levantou sem dizer nada e pegou a mão da noiva, olhando-a e esperando que ela levantasse e a acompanhasse até a cozinha, para que pudesse se distrair por algumas horas dos pensamentos perturbadores sobre o que ocorrera com a amiga.

Payne a acompanhou, ainda sorrindo e a olhando nos olhos, mais uma vez lembrando-se do quanto era apaixonada por aquela mulher e tudo que viveram juntas.



Sentir-se sozinho era, para John, o pior dos sentimentos. Tanto quando sentia-se sozinho, mesmo rodeado de pessoas, quanto quando estava mesmo precisando de alguém para dividir um jantar, uma conversa ou até mesmo sua cama. A carência o corroía, mas ele nunca deixava abater-se por ela.

Na noite passada, mesmo cansado, chamara uma velha amiga para seu apartamento, para que apreciassem juntos a comida congelada que ele comprara e dividissem um vinho.

Conhecera Emma Wander há alguns anos, num bar para onde havia ido com uns amigos em uma de suas folgas, e desde então dividiam a mesma cama em busca de esquecer juntos por uma noite o lado ruim de ser solteiro.

Quando acordou e olhou para o lado, encontrando as costas brancas e

bonitas ao seu lado, cobertas por seus cabelos castanhos escuros longos até certa altura, percebeu que, mesmo gostando de se deparar com aquela imagem ao amanhecer, já não era mais a vida que queria.

O sonho de finalmente encontrar a mulher que o desestabilizaria, faria seu coração bater mais forte e o provocaria o desejo de casar e ter filhos, insistia em fazer morada em sua mente. Talvez pelos seus quase quarenta anos e a quase certeza de que, se isso não acontecesse logo, poderia continuar sozinho e sem herdeiros para sempre.

Olhou para o teto branco imaginando como sua vida mudaria se isso tudo acontecesse.

É claro que ele e Emma se davam bem de uma forma quase única, e possuíam uma grande química, mas nem ao menos consideravam um namoro, porque sabiam que as risadas ao lembrar de bons momentos, o sexo quente e as noites de vinho e comida congelada já não seriam as mesmas se o que tinham se tornasse mais do que uma amizade colorida.

Nas ocasiões em que saíam juntos com alguns de seus amigos em comum, sempre eram rotulados como um casal perfeito e muitos achavam realmente que os dois namoravam, mas eles não faziam questão de mostrar o contrário, pois estavam bem como estavam e adoravam curtir juntos.

Só que a ideia de um relacionamento bom e sem títulos nem nada muito sério, só importava para eles, que sabiam que nunca sentiram nada um pelo outro e sempre estariam livres para quando finalmente encontrassem a pessoa que os fizesse felizes.

John sempre esperou que isso acontecesse logo, não apenas com ele, pois a amiga era uma pessoa incrível e merecia o melhor dos homens ao seu lado. Mas por enquanto, aproveitavam seus momentos, dos quais talvez sentissem falta um dia, mas que sempre se lembrariam apenas como uma simples amizade com alguns benefícios.

A mulher mexeu-se na cama e ele coçou os poucos pelos de seu peitoral moreno antes de abraçá-la novamente em busca de fazer sexo mais uma vez antes de se levantar.

Capítulo 26

O Jantar

Emma já havia ido embora há algum tempo quando Payne ligou convidando-o para o jantar, e é claro que depois de receber a notícia de que, junto à oportunidade de sair com a parceira e comer fora, teria em mãos novidades em relação ao caso, não pensou duas vezes e aceitou.

Chegou ao restaurante dez minutos atrasado, como de costume. O tenente não era bom com horários marcados e sua mãe sempre lhe dizia que ele gostava de "fazer a noiva".

Payne e Claire já estavam sentadas numa das mesas no canto do restaurante, onde haviam marcado de se encontrar e conversavam alegremente de mãos dadas sobre a mesa, nem parecendo se importar com os olhares lançados por pessoas ao redor, que pareciam incomodadas com o relacionamento homossexual.

Ele sorriu quando se aproximou e sentou na cadeira que restara à frente das duas, cumprimentando Payne com um aceno primeiro.

— Bom vê-la de novo, Claire.

Ela sorriu, mas parecia nervosa, demonstrando que tudo que acontecera realmente havia mexido com seu emocional e talvez ela não estivesse tão preparada para dizer tudo que sabia.

As duas estavam muito bem vestidas e principalmente Payne parecia diferente da imagem que passava todos os dias. Seus cabelos, normalmente soltos de forma descuidada ou presos num rabo de cavalo, agora haviam sido escovados e caíam em ondas sobre os ombros, onde encontravam-se as finas alças de seu vestido casual. Claire também estava de vestido, e seus cabelos curtos estavam todos penteados para trás e pareciam úmidos.

John sentia-se deslocado com sua jaqueta jeans e cabelo rebelde de sempre, que vez ou outra caía sobre sua testa. Seu jeans estava velho e seu coturno — único que não usava para trabalhar — também já passava da hora de ser substituído. Ele passara a infância e adolescência não tendo tudo o que queria, muito menos as melhores roupas, e agora, mesmo com uma boa renda como tenente, não ligava para o que o dinheiro pudesse lhe dar.

Um silêncio constrangedor pairou sobre a mesa por alguns instantes, com Claire apertando a mão da noiva e John olhando ao seu redor na busca que sempre fazia por rostos conhecidos. A quietude só foi quebrada quando o garçom se aproximou da mesa e lhes deixou os menus, além de avisá-los que poderiam chamá-lo a qualquer momento para fazer o pedido.

Assim que a loira pegou o cardápio, olhou-o apenas superficialmente e deixou sobre a mesa novamente.

— Eu os conheci há cerca de cinco anos.

Os dois tenentes alternaram o olhar para ela imediatamente, incentivando-a a continuar.

— Havia começado meu segundo curso de música, dessa vez na Universidade de Houston, e logo eu e Lily simpatizamos uma com a outra.

Payne apertou a mão da noiva entre as suas e a acariciou, dando apoio à mulher.

— Logo me aproximei de Austin e Madelin também. — Ela fez uma pausa antes de continuar. — Austin era o melhor amigo de Lily e Madelin namorava o rapaz. Apesar de nossa diferença de dez anos de idade, nos dávamos bem e tínhamos as mesmas indecisões sobre o que queríamos para nossas vidas... Nós três.

Ela olhou para a noiva e, depois de respirar fundo, deitou a cabeça em seu ombro, aconchegando-se ainda mais quando a mulher passou o braço mais próximo sobre seus ombros.

— Madelin está bem?

— Ainda não conseguimos encontrá-la, amor.

A tenente parecia triste ao dar essa notícia para a mulher e buscava o olhar de John, como se este conseguisse fazer algo para que Claire se sentisse melhor. Como noiva da loira, Payne é quem deveria saber o que fazer, mas Hale percebeu que a mulher também travava uma luta interna devido às novas notícias.

— Mad e Austin formavam um casal tão lindo quando os conheci... Hoje em dia ainda se dão muito bem, os dois têm uma química forte e sempre podem contar um com o outro, mas...

Ela parecia nervosa e confusa sobre revelar ainda mais do que sabia. Olhou para a noiva, que assentiu incentivando-a a prosseguir, mas eles foram

interrompidos mais uma vez pelo garçom impaciente que lhes convidava a fazer o pedido.

Assim que o funcionário se afastou novamente, Claire inclinou-se, ignorando todas as regras de etiqueta quanto a cotovelos sobre mesas e fixou o olhar por uns instantes em Hale, que acariciava sua barba imerso em pensamentos e concentrado na história, de costas apoiadas na cadeira. Ela desviou o olhar para a mesa e seus dedos, que brincavam traçando os desenhos da toalha.

— Não julgo Lily, mas incentivei-a várias vezes sobre acabar de vez com aquela situação.

— Que situação? — Foi a primeira vez que John falou desde que as cumprimentara.

— Ela e Austin estavam tendo um caso.

Os dois tenentes ficaram chocados com a nova revelação.

Ainda em casa, Payne tentara diversas vezes e de muitas formas arrancar as informações que Claire possuía sobre os cinco desaparecidos. Ela não tivera bons resultados, mas não julgava a noiva por não querer falar naquele momento. O meio-termo entre uma conversa casual entre amigos e um depoimento para a polícia parecia ser o ambiente ideal para que ela colocasse tudo para fora.

— Alertei-a diversas vezes que isso poderia acabar com a amizade de todo mundo. Mas ela dizia que Austin estava apaixonado por ela e que era recíproco. — Claire sorriu, parecendo lembrar de algo bom naquele momento. Ela então olhou para a noiva e continuou sorrindo; foi então que John percebera que ela parecia um pouco melhor por pensar na reciprocidade de seu próprio relacionamento. O homem virou o olhar para a televisão numa das paredes do restaurante, mesmo que disperso do som que saía do aparelho. — Os dois eram melhores amigos e isso é comum acontecer. Viram um no outro o que todo mundo procura: um lar.

— Por que Austin simplesmente não terminou com Madelin? — Payne perguntou levando a mão até à da noiva novamente e a segurando.

— Dava mil e uma desculpas sempre, principalmente dizendo que Madelin não aceitaria o término.

— Há quanto tempo isso acontecia?

— A traição?

Payne assentiu.

— Uns cinco meses. Mas eu descobri há uns dois, quando fui almoçar com Lily, lembra-se? — Ela olhou para a noiva e desviou o olhar novamente para a mesa quando a mulher assentiu novamente.

A tenente, que sempre tivera memória boa, principalmente pelas horas em que a exercitava com jogos ou leitura, agora estava decepcionada por não ter lembrado da amizade de Lily com sua noiva. É claro que as duas pouco se viam, e nessas raras ocasiões, Payne deve ter visto o rosto da jovem, agora morta, apenas uma vez.

— Mas Madelin sabia que era traída?

— Não, de forma alguma. Ela nunca soube, e provavelmente não saberá mais. — Claire entristeceu-se novamente e encolheu-se contra si mesma.

O garçom finalmente trouxe os pratos e Payne sorriu a ele. Os três comeram em silêncio, principalmente John, que permanecia absorto em seus devaneios, e em seus olhos quase podiam ser vistas as engrenagens enquanto encaixava as novas informações sobre o caso.

Só voltaram a falar quando Claire deixou o prato de lado depois de ter comido apenas metade de sua comida, deixando o resto remexido de lado.

— Tudo bem? — Payne perguntou assim que terminou de mastigar e limpou sua boca.

— Vou ficar. — Ela endireitou-se na cadeira e fitou Hale, que a encarava curioso. — Quantas vezes já perdeu alguém que amava?

— Apenas uma me marcou. — Ele também parou de comer, lembrando-se do pai, mas logo balançou a cabeça, dispersando as memórias. — Mas foi quase vinte anos atrás.

— Sinto muito. — A loira sussurrou e respirou fundo.

— Tudo bem.

Voltaram a silenciar, sem mais palavras que pudessem ser ditas para consertar aquele momento constrangedor.

— Acho que já contei tudo que sei. — Claire disse finalmente, quebrando o silêncio.

— Melhor irmos pra casa. — Payne disse, tocando o ombro da namorada e olhando para John.

— Levo vocês, se quiserem.

— Estamos de carro.

John não respondeu, mas pareceu decepcionado por não poder passar mais tempo com as duas e conseguir mais informações. Seu instinto policial sempre falava mais alto.

Despediram-se rapidamente e o tenente recusou quando Payne quis deixar o dinheiro para que ele pagasse. Ele as observou enquanto saíam de mãos dadas do restaurante, não como as outras pessoas que as olhavam enojados ou chocados com a demonstração de afeto, mas contente por saber que a parceira tinha alguém que lhe fazia feliz.

Permaneceu sozinho e pediu um drink enquanto anotava em seu bloco tudo que conseguira naquela noite. Agora que sabia do triângulo amoroso entre os amigos, tudo parecia ainda pior e mais confuso.

Capítulo 27

De Volta Para Casa

Austin sabia que todos já se preparavam para partir, então se aproximou de Lily uma última vez, tomando seu rosto entre as mãos e tocando seus lábios nos dela. Ela não recuou, não parou o beijo e, ao contrário disso, pressionou seu corpo contra o do rapaz, aprofundando o beijo intenso e se concentrando na sensação que sua proximidade causava em seu corpo e tudo que ele despertava nela.

Afastaram-se depois de um longo tempo e Lily encarou os olhos castanhos profundos do melhor amigo, levando a mão até seu maxilar, que tinha a barba por fazer, e logo depois encarando sua boca de lábios finos que agora estavam avermelhados.

Sorriu e desvencilhou-se de seu corpo, saindo do quarto onde ela dormira e indo em direção à porta da frente da casa, levando sua bolsa numa das mãos e tentando concentrar-se para lembrar se havia esquecido algo, mas Austin não saía de sua cabeça. Passou pela amiga, que guardava sua mala com a ajuda de Martin, e entrou no banco de trás.

O rapaz saiu da casa logo em seguida carregando a última mala que dividira com Madelin, guardando-a, abraçando a namorada logo depois e ajeitando seus cabelos rebeldes.

— Max! Anda logo! — Madelin gritou, agarrada ao namorado ao lado do carro, enquanto esperavam pelo amigo que era o último na casa, terminando de pegar todas as coisas antes que pudessem partir.

O fim de semana havia sido ótimo e uma boa escapatória da rotina da faculdade e dos estágios que enfrentavam todos os dias. Fora uma ideia de Martin, que convidara todos para uma casa do pai em Longview, onde passariam noites regadas a bebida longe dos olhos dos pais.

Lily fora a única que contestara de início, mas Madelin logo a convenceu para que não a deixasse sozinha na viagem com três homens. Era claro que a amiga tinha o namorado, então não haveria problema algum ao ir sozinha, mas Lily fazia parte do grupo de amigos e não poderia ser excluída de uma viagem que prometia tanto. Mesmo que acompanhá-los significasse

ter que assistir Austin o tempo todo agarrado a Madelin.

— Calma, amor, não precisa ter pressa. — Austin a olhou e aproximou-se para beijá-la na testa, mas seu olhar foi desviado quando Lily voltou a sair do carro, impaciente pela espera. Seus cabelos castanhos escuros balançavam com a brisa daquele dia e seus olhos pareciam ainda mais claros refletindo a luz do sol.

Desconfortável ao ver os dois amigos no momento íntimo, o olhar que fora cruzado logo foi desviado e ela aproximou-se de Martin, passando a conversar baixo com o rapaz.

O outro gêmeo finalmente saiu da casa, e depois de deixar a última mala no porta-malas, trancou a casa e aproximou-se da porta do motorista, enquanto Lily já voltava para o lugar onde estava, no banco de trás.

Dessa vez, diferente da ida, em que Austin dirigira, sentado ao lado da namorada, Max é quem teria o comando do carro de volta para casa. Madelin já havia se ajeitado no meio por ser pequena e se encolheu mais ainda quando o namorado entrou e ela pôde deitar sua cabeça com longos cabelos ruivos sobre seu ombro.

A morena olhou de soslaio seu melhor amigo, por quem era apaixonada, nos braços de sua amiga, e logo desviou os olhos para seu celular, colocando os fones e imergindo no som de Follow You, da banda Bring Me The Horizon, que invadia seus ouvidos. Fechou os olhos e adormeceu em instantes. Só acordou horas depois, quando ouviu a risada da ruiva.

Quando olhou pela janela, percebeu que haviam acabado de cruzar o rio Trinity, então encontravam-se próximos à cidade de Shepherd e ainda faltavam alguns quilômetros para que chegassem à Houston, mas Lily sabia que não conseguiria voltar a dormir.

— Estou precisando abastecer. — Max disse mais para si mesmo do que para os amigos e olhou para o irmão, sentado ao seu lado, que conhecia muito mais do local.

Martin inclinou-se um pouco sem encostar no irmão, e olhou o ponteiro, voltou a se ajeitar e passou a mão na cabeça raspada, coçando os curtos fios de cabelo que ainda tinha.

— Tem um posto na entrada de Shepherd.

Madelin e Austin assistiam algo dividindo o fone do celular e riam periodicamente. Mais uma vez, Lily evitou encarar os dois.

Não se afastou da amiga, nem ao menos agia de forma estranha com algum dos dois, mas depois que se descobrira apaixonada por Austin e provara do que ele podia causar na sua mente e no seu corpo, sentia-se desconfortável ao se ver dividindo o rapaz com sua amiga. Ou seria o contrário, mesmo que a outra não soubesse?

Desistir de tudo estava fora de questão. Já haviam se passado cinco meses desde o primeiro beijo que o amigo lhe dera, e agora já não conseguia voltar atrás porque não se imaginava mais sem as noites em que ele fugia de casa e desaparecia para a namorada, em busca de dividir a cama com ela.

Não se importava com o poliamor da parte dele. Estavam no século XXI, ela era uma mulher moderna e decidida e só queria curtir sua melhor época e provar de todas as sensações que podia ter, até porque também não se privava de nada por ele.

Isso não queria dizer que não chegaram a conversar sobre ficar juntos, mas o término dele com Madelin estava fora de questão e Lily nem alimentava as esperanças.

Logo chegaram ao posto e pararam para abastecer. Max desceu para encher o tanque e Lily resolveu acompanhá-lo, parando ao lado do carro apenas para esticar as pernas depois das quase três horas de viagem desde Longview.

Martin chamou sua atenção brincando com a barra de sua camiseta pela janela e a puxando para perto, incomodando-a ao perceber sua inquietação.

— Ei, gata, tá tudo bem? — Ele mascava um chiclete e com seus olhos azuis serrados por conta da luz e a cabeça raspada, parecia ainda mais um ator de Hollywood. Apesar de serem gêmeos, Martin era muito mais bonito que o irmão e com certeza o tipo de cara com quem sairia, mas não passava de um grande amigo.

Lily aproximou-se sorrindo e inclinou-se para perto dele, apoiando os braços na janela e o fitando enquanto ele sorria de volta.

— Só estou cansada. O fim de semana foi exaustivo.

A garota percebeu que por um momento Austin havia tirado os olhos

do celular e da namorada e os encarou, então aproximou o rosto ainda mais do de Martin e permitiu que ele lhe desse um selinho, de forma despreocupada, sentindo por um segundo o gosto de menta em seus lábios.

— Vou voltar para meu lugar. — Deu um tapinha de leve na bochecha lisa de barba bem feita do rapaz e, sorrindo, afastou-se, entrando no carro novamente ao mesmo tempo em que Max pagava o abastecimento.

Sentou-se novamente no banco de trás, o mais pressionada contra a porta possível, evitando o contato com Madelin, esperando que ela não percebesse. Colocou os fones novamente assim que Max deu partida, mas mal teve tempo de programar seu celular para inundar seus ouvidos.

Quando o carro se aproximou novamente da estrada para darem continuidade à viagem, foram surpreendidos por dois homens vestidos de preto e com armas nas mãos.

Um deles tinha uma pistola pressionada na têmpora de Max que, dessa forma, foi impedido de dirigir, sendo obrigado aos gritos a descer do carro. O outro homem deu a volta no carro e abriu as duas portas, e com a arma apontada para o rosto de Lily, fez com que Martin e a moça descessem do carro e deitassem no chão quente e áspero da estrada. A mulher lançou um olhar para o posto onde haviam estado, buscando pelo olhar de algum curioso que acompanhasse o assalto e pudesse ajudá-los, mas de lá ninguém parecia ter a visão do ocorrido.

Numa sequência de acontecimentos rápidos, Austin foi colocado atrás do volante do carro e um dos homens sentou-se ao seu lado, mantendo a arma apontada para a cabeça do jovem, que suava frio e tremia, deixando transparecer seu nervosismo pelos cabelos suados ao lado da testa, que começavam a grudar em sua pele. Lily e Max foram colocados de volta no carro também e, de tempos em tempos, tinham à frente de seus olhos a visão do cano da pistola e por trás o homem de cabelos louros acobreados, que agora revelava seu rosto limpo e de nariz anguloso, que os ameaçava exigindo silêncio e cooperação.

Lily encolheu-se contra Max e deixou que suas lágrimas corressem pelas bochechas enquanto via, pelo vidro do carro, sua amiga e Martin sendo arrastados pelo outro homem até uma van na qual não havia reparado anteriormente.

O rapaz ao seu lado parecia muito mais nervoso do que ela e tinha os

olhos fixos no assaltante. Poderia implorar pela liberdade a qualquer momento se não fossem por seus lábios, idênticos aos que Lily beijara momentos antes, que tremiam incontrolavelmente.

As horas que se seguiram àquela mal foram vistas passar pelos cinco amigos, que permaneciam em pânico e rezando silenciosamente pelo momento em que poderiam se ver livres.

Os rapazes acreditavam que seria apenas um roubo de carro, enquanto Lily não conseguia pensar em mais nada além de que poderia morrer a qualquer momento.

Capítulo 28

Rota 59

Era início de novembro e a região ficava próxima ao Golfo do México, mas as temperaturas do deserto texano nas cidades ao redor de Houston permaneciam próximas aos 30°C, fazendo com que os passeantes reclamassem sempre do calor ao cruzar as longas rodovias do estado. A rota 59, que cruzava o país todo e também o Texas do sul até o norte com seus mais de 3000 quilômetros, passava exatamente pelo centro de Houston e seguia caminho para Shepherd, uma cidade mais ao norte, logo depois de Cleveland, onde um mês atrás cinco amigos haviam desaparecido, e agora, com a reabertura do caso, as buscas por ali haviam sido retomadas.

Apesar do clima úmido do sul do Texas, quando se viajava por esta rota era possível encontrar um solo seco e acinzentado, recebendo um tom esverdeado apenas por pequenos arbustos e cactos.

Mas, naquele dia, foram presenteados com uma decoração a mais encontrada no meio da paisagem ligeiramente desértica. Um carro preto de luxo, que fora presente de Pietro para Max no seu aniversário de 20 anos.

Os dois policiais rodoviários que encontraram o carro, deixaram a viatura no acostamento da US-59, preparando-se para ter que cruzar parte do deserto a pé. Ao descer do carro, o policial Wiltshire avisou pelo rádio a localização do carro suspeito e logo seguiu o parceiro, que já se encontrava mais à frente e tinha de volta na cabeça o chapéu que sempre usava.

A pouco metros do carro, tiraram suas armas do coldre no quadril, empunhando-as e aproximando-se devagar do veículo, de olho pelas janelas, à procura de algum movimento suspeito.

— Confere a placa — pediu Acker ao seu parceiro, tocando a aba do chapéu enquanto o outro andava até a traseira do carro com os olhos fixos no para-choque.

Ele ficou em silêncio enquanto observava a placa e parecia tentar relembrar e combinar a sequência que havia sido lhe passada.

— É o carro.

Os dois trocaram um olhar e se aproximaram ainda mais, ao mesmo

tempo em que Acker pegava seu rádio e comunicava mais uma vez a central, dessa vez confirmando o achado. As botas de Wiltshire tinham agora a cor da poeira clara e acinzentada do deserto e ele ainda andava vagorosamente. Ao chegarem mais perto, perceberam o cheiro que saía de dentro do veículo e logo invadiu suas narinas, transformando o semblante de satisfação pela descoberta em uma distorcida careta.

O mais velho, ainda com seu chapéu que o protegia do sol forte naquele dia e cobria seus cabelos que já se tornavam grisalhos, olhou pela janela com seus olhos cerrados e as sobrancelhas escuras e grossas franzidas, em busca de algo dentro do carro que chamasse a atenção, mas não encontrou nada.

Aquele cheiro, que parecia a cada minuto mais insuportável, acabou por afastar os dois policiais, que esperaram pela chegada de reforços mais distante dali, sem tirar os olhos do veículo.



John odiava viajar, mas sempre que tinha que fazer isso, era por alguma oportunidade de prova nova e relevante sobre o caso em que trabalhava. Sendo assim, já viajara diversas vezes pelos arredores de Houston e até mesmo pra mais longe. A trabalho, conhecera Dallas e até mesmo a famosa Rota 66, que ficava no norte do estado.

Essa era a vez da Rota 59, que não era nada desconhecida para quem morava em Houston.

Já estava próximo ao rio Trinity quando deparou-se com o movimento da polícia rodoviária. Payne permanecia adormecida, desde que saíram do território da cidade onde moravam. Demonstrava cansaço e Hale tinha certeza que, ao invés de descansar, ela havia passado os dois dias de folga estudando o caso novamente.

Como não o informara sobre nada novo, provavelmente o caso permanecia na mesma situação em que estava quando se encontraram pela última vez.

Tocou com cuidado o braço que descansava sobre a perna dela assim que parou o carro.

— Payne — sussurrou.

A mulher resmungou e levou a outra mão até o rosto, escondendo os olhos enquanto os abria. Bocejou e olhou em volta, só então reparando na paisagem ao redor e nos vários carros de polícia acompanhados de um guincho, enquanto John colocava sua arma de volta no coldre.

— Por que sempre guarda a arma? — Ela questionou sem olhar para o parceiro e levou as mãos até os cabelos para arrumá-los novamente num rabo de cavalo.

— Porque não é a única que carrego. É mais fácil escapar de sensações perigosas quando o perigo acha que você deixou a arma no carro. — Ele sorriu e apontou acima da bota, onde havia um volume por baixo do jeans, no lado de dentro da perna.

Payne riu silenciosamente e meneou a cabeça quando viu o coldre escondido, desacreditada da inteligência que John insistia em esconder a maior parte do tempo.

— Acho que venho te subestimando, Hale.

— Certamente isso é um elogio, Hastings.

— Certamente você está enganado. — Ela abriu a porta e deu as costas a ele, de olhos focados na rodovia, tomando cuidado com o movimento enquanto saía do carro.

O homem a acompanhou, colocando as mãos no bolso do jeans enquanto atravessavam a rodovia para se aproximar dos policiais rodoviários que se encontravam do outro lado.

O policial de chapéu de cowboy foi o primeiro a avistar os dois tenentes que se aproximavam e estendeu a mão para cumprimentá-los, começando por Payne.

— Sou Acker, tenentes. E este é meu parceiro Wiltshire. — O policial apontou para o outro presente.

— É a primeira vez que vejo um sulista de chapéu. — Hale brincou, sorrindo para o policial que devolveu o sorriso por baixo do bigode volumoso. — Belo chapéu, aliás.

— Talvez porque não sou sulista. — Ele estendeu a mão para John. — Nasci em Miami, próxima a Amarillo.

— Outra Miami. — Payne disse, também sorrindo para os dois policiais rodoviários, enquanto era cumprimentada pelo homem mais novo, que parecia mais antipático e calado.

— Outra Miami — confirmou Acker, acostumado com a reação das pessoas ao saberem sobre sua cidade natal. — Mas, estamos aqui pelo carro, não é mesmo!? E ali está ele. — O homem apontou com a mão aberta para onde o veículo se encontrava.

Em meio à baixa vegetação do terreno, um carro preto chamava a atenção, apesar de não ser visto com facilidade da rodovia. Era preciso que focasse o olhar por alguns momentos naquela planície rebaixada, para que fosse visto o carro atrás de um grande rochedo.

Sem dizer nenhuma palavra, Hale começou a andar em direção ao local e foi seguido pelos outros três. Andaram pelo acostamento e logo tiveram que atravessar a vegetação rasteira do local, tomando cuidado por entre a areia e as pedras para que não deslizassem. Como em tudo que fazia, Payne era habilidosa também naquela caminhada dificultosa e acabou passando os três homens e chegando na parte plana primeiro.

John respirou fundo, frustrado por mais uma vez ser superado pela parceira.

Chegaram ao carro em poucos minutos e foram informados pelo jovem policial de que já haviam analisado o carro e nada suspeito havia sido encontrado.

Assim que se viram perto o suficiente, os tenentes calçaram suas luvas de forma rápida. John aproximou-se da porta do motorista e quando Payne deu a volta e parou ao lado da porta do passageiro, os dois se encararam e abriram as portas ao mesmo tempo.

Payne abriu o porta-luvas logo em seguida e se deparou com documentos e objetos que não precisou ao menos verificar para ter a confirmação de que eram dos cinco amigos desaparecidos. Dentro de uma carteira, encontrou a carteira de motorista de Max, assim como o registro do carro em seu nome.

O tenente ainda procurava por baixo do banco e analisava o que poderia estar no chão, mas nada encontrou. Deixaria este trabalho para o pessoal do laboratório de Liam, que provavelmente desmontaria o carro todo para analisar cada detalhe que poderia ser interessante para a investigação.

Foram interrompidos pelo telefone de John, que tocava, mas depois de trocar um olhar com o parceiro, Payne continuou sua procura e análise dos documentos, dessa vez de ouvidos mais apurados para saber do que se tratava a ligação que Hale recebera.

— Tenente Hale.

— Hale, aqui é Lockwood. — Ele fez uma pausa, do outro lado da linha, passando a mão pelos cabelos e começando a andar de um lado para o outro. — Estou ligando de um telefone diferente, me desculpa.

— O que houve, chefe?

— Como estão as coisas aí? — Ele perguntou, rebatendo a questão do outro.

— É o carro. — John fez uma pausa. — O mandaremos para Houston, vai nos ajudar muito.

— Hale, está preparado para pegar esse assassino de uma vez por todas?

O detetive se surpreendeu com a pergunta do comandante e sorriu, apesar de nervoso. Agora sabia que as notícias não eram ruins. Sabia que Nicola Lockwood também tinha algo novo para o caso. Provavelmente algo grande.

— É claro que estou. — A ligação pareceu falhar, mas ele foi ouvido do outro lado.

— Madelin e os gêmeos foram encontrados. Vivos. — O comandante disse antes que a ligação caísse e John olhasse para a parceira, mantendo seu sorriso e comemorando em silêncio.

Capítulo 29

O Reencontro

Se a vida fosse um filme, aquela seria a típica cena em câmera lenta, em que cada detalhe deve ser apreciado sem que se perca ao menos um segundo de movimento de cada um de seus personagens. E quando Hiver abriu seus braços para receber os dois filhos que deixavam suas lágrimas rolares, tal como ocorria com o pai, o tempo pareceu parar. Era a primeira vez que o juiz parecia humano para os tenentes e havia se despedido da armadura que sempre trazia consigo, para esquecer a si próprio no abraço dos herdeiros.

Madelin já se encontrava abraçada à mãe, que Hastings ainda não conhecia, mas se tratava de uma mulher ruiva, de face jovial e tão bonita quanto a filha. Em seus braços, a filha pedia perdão à mãe por motivos que apenas elas sabiam, enquanto a senhora Price repetia inúmeras vezes que sim.

A garota estava perdoada.

A presença mais marcante no ambiente era a das lágrimas, fazendo com que por um momento até mesmo Payne tivesse seus olhos umedecidos, desejando que ainda tivesse sua família para um abraço como aquele.

Lockwood encontrava-se num canto da sala e tinha os braços cruzados e os olhos úmidos, como os demais presentes. Seus cabelos, bem penteados para trás, ressaltavam as mechas grisalhas com as quais o tempo lhe presenteara. Havia conversado com os tenentes poucos minutos antes, contando a eles sobre o aparecimento dos três jovens e passando o trabalho à frente; no entanto não conseguira se afastar, tamanha a emoção do momento.

Fora Madelin quem conseguira contato com a família primeiro. De alguma forma que ainda não tinha sido detalhada, conseguiram escapar e chegar novamente ao posto de gasolina que, segundo eles, havia sido o lugar de origem do sequestro. De forma rápida, Edina Price, a mãe de Madelin, informou a polícia, que foi em busca dos três e os trouxe, acabando no reencontro.

Hale sabia que, nos próximos dias, receberia informações dos três jovens e muito possivelmente um deles saberia a identidade do sequestrador,

ou ao menos saberia informar a aparência de algumas das pessoas envolvidas. Isso se realmente existia mais de uma pessoa envolvida.

Segundo o comandante, nenhuma informação havia sido dita por nenhum deles e o mesmo ainda pediu um tempo para que os jovens pudessem estar novamente na casa dos pais para reencontrarem um conforto que os tirasse toda a tensão do ocorrido.

Nada seria esquecido, é claro.

Eventos traumatizantes poderiam ser recebidos de diversas formas por diferentes pessoas, mas seria difícil que algum deles lidasse com tudo sem sofrer pelos pesadelos, noites maldormidas e lembranças que teriam nos dias que se seguiriam àqueles. John até sentia pena dos três.

Todos os dias, no momento temporal em que se encontravam, era possível encontrar a notícia de alguma pessoa que sofria com os problemas do estresse pós-traumático. E a geração daqueles garotos era ainda mais sensível a tudo, pensou Hale.

Por sorte, seja pelo governo do estado do Texas ou pelo dinheiro dos pais — principalmente do juiz para com seus filhos gêmeos —, facilmente teriam acompanhamento psicológico para que lidassem com tudo e expurgassem seus medos.

Naquela sala, o tenente lembrou-se de quantas vezes já passara por situações parecidas. Como tenente de Homicídios que sempre fora desde que conseguira uma promoção e saíra das ruas, lidava poucas vezes com sequestros, mas a volta de alguém para casa, independente de classe, religião ou quantia de tempo em que a pessoa havia ficado desaparecida, era sempre marcante.

— Então, o que acha? — Hastings perguntou, dando um tapinha no braço de John para chamar sua atenção e voltando a cruzar os braços.

O tenente deu de ombros. No momento não conseguia pensar em nada, apenas esperava que de alguma forma o reencontro dos jovens ajudasse no caso.

— Isso tudo vai mudar a vida deles drasticamente. — Ela voltou a dizer, baixo o suficiente para que apenas ele ouvisse, enquanto observavam ainda a conversa entre as famílias agora unidas.

— Sim — sussurrou o tenente de volta, sem saber onde a parceira

queria chegar com aquele diálogo.

— Eram cinco amigos e estavam sempre juntos, dá para se notar pelo que Claire nos contou e pela viagem que fizeram. — A mulher fez uma pausa, desviou os olhos para o chefe e voltou a olhar para Madelin e sua mãe, agora sentada enquanto conversavam. — A garota agora já não tem mais o namorado e é com certeza a que mais sofrerá. Espero nunca passar pela dor de perder alguém com quem tenho um relacionamento romântico.

Por um momento, John notou, os olhos castanhos claros de Madelin cruzaram-se com os escuros de Payne, que ainda mantinha a postura e observava atentamente cada detalhe do que estava acontecendo, como uma boa policial. A jovem então voltou a fechar seus olhos e deitou sua cabeça no ombro de sua mãe, mesclando seus cabelos aos dela.

Perguntou-se se as outras pessoas enxergavam sua parceira da mesma forma que ele.

Conhecendo Payne, vinha percebendo sua visão diferente do mundo e o modo como ela enxergava tudo de forma minuciosa, detalhista e buscando sempre os porquês de todos os problemas que lhe eram impostos. Ela levava a sério o princípio da presunção da inocência sobre ninguém ser culpado até que se prove o contrário, e antes de conhecê-la, Hale até considerava que quem via o mundo dessa forma raramente era uma pessoa inteligente. Mas a mulher se mostrara pronta para defender qualquer pessoa com unhas, dentes e uma garra digna de uma super-heroína.

A sorte de John é que viviam no mundo real e superpoderes não existem para que o fizessem se sentir ainda mais inferior àquela mulher.

Ao conhecer Payne, seus medos foram colocados à sua frente para que os enfrentasse sozinho. A parceira, incrível em tudo que fazia, determinada e que não aceitava nada que ele dizia e nem abaixava a cabeça, de certa forma o fazia se sentir mais humano e imperfeito.

Primeiramente, por ter perdido o pai, John achava que seu problema poderia ser superior aos de muitos. Crescera na carreira muitas vezes passando por cima de quem era colocado no mesmo nível que ele, os usando como degraus. Até então, não havia encontrado motivos para não se orgulhar disso, mas agora se deparara com alguém que carregava problemas ainda maiores que os dele e que conseguira o mesmo usando nada além de humildade e inteligência.

Nunca admitiria em voz alta, mas orgulhava-se de Hastings e, mesmo com poucos dias trabalhando ao seu lado, já não se imaginava mais tendo que dividir a viatura com outra pessoa que não fosse ela.

Já aprendera muito com a mulher e sabia que ao seu lado se tornaria um detetive ainda melhor.

Quando voltou a focar na situação que tinha à sua frente, percebeu que ninguém mais chorava. Lockwood havia se aproximado dos pais dos jovens e os dispensava para que descansassem suas mentes e corpos. Deixariam seus testemunhos outro dia.

Os tenentes nem ao menos poderiam contestar. Fazia exatamente um mês que os jovens haviam sido sequestrados e não havia dúvidas de que, neste meio tempo, sofreram psicologicamente o suficiente para anos de mentes perturbadas por imagens desagradáveis.

John ainda pôde ver quando o comandante deixou instruções para quatro policiais que deveriam montar guarda na residência das vítimas do sequestro e vigiar cada movimento suspeito que pudesse ocorrer.

Ninguém estava a salvo ainda.

Hastings mantinha a dúvida sobre algum deles ter presenciado o assassinato de Lily ou Austin, esperando que a resposta para sua interrogação fosse “não”, pois o evento já tinha lembranças ruins o suficiente para os três.

Mesmo quando todos haviam ido embora, acompanhados de Godinski e seus passos mancados e ao mesmo tempo — incrivelmente — rápidos, Hale e Hastings permaneceram parados lado a lado, próximos à saída de sala de espera da delegacia, divagando sobre como o caso havia avançado tanto apenas naquele dia.

— Bom, agora é só esperar para finalmente colocarmos as mãos nesse assassino. — Payne disse, quebrando o silêncio e descruzando os braços. Caminhou até o balcão da recepção, onde o magrelo vizinho de posição de Godinski trabalhava avidamente. A mulher observou concentrada o jovem trabalhar enquanto enchia um copo de café.

— O que fará depois, Hastings? — John perguntou, agora com as costas apoiadas na parede, esperando a parceira para que voltassem à sala no andar superior.

— Hum?

— Depois do caso. Vai continuar em Houston?

— Sim. Eu acho.

O homem soltou o ar que mal notara que havia prendido enquanto esperava a resposta, e postou-se ao lado da parceira ao caminharem de volta à sala que ele mesmo não via há alguns dias. A resposta incerta já era o suficiente para seu alívio.

Alguns segundos antes de alcançarem a sala de Hale, seu celular emitiu um bip e acendeu a tela, anunciando a chegada de uma mensagem de Liam, que o fez sorrir com o conteúdo ao perceber que as notícias boas do dia ainda não haviam acabado.

* Os resultados dos testes estão prontos *

03/11/16

Capítulo 30

A Ciência Explica

Payne sempre odiara os laboratórios de criminalística.

Enquanto ela passava horas na rua, sob o sol desesperadamente quente de Houston, enfrentando os demônios que existiam dentro de assassinos e tendo que lidar com pessoas que não colaboravam com suas investigações, peritos criminais viviam em seus casulos de vidro, abaixo de um ar-condicionado, lidando com suas máquinas de última geração e ainda assim mantinham sempre um ar cansado.

Algumas pessoas pareciam não saber o que realmente seria um trabalho cansativo.

Tudo ao redor reluzia e através das inúmeras paredes de vidro bem lustrado, era possível ver diversas máquinas de análise emitindo sons irritantes quando não eram totalmente silenciosas, comandadas por cientistas diferentes, todos com seus jalecos brancos.

Tiveram que andar por vários metros e virar esquinas de corredores idênticos, até chegar na sala mais distante do elevador, de onde Harrison comandava toda a equipe forense.

Era a primeira vez que se encontrava com Liam e não se surpreendeu quando viu sua aparência de pessoa abastada, mesmo sendo muito provavelmente mais novo que ela. Fizera a fortuna cedo e nem precisara de muito esforço para tal feito.

Seus cabelos acobreados estavam bem penteados para trás e salientavam seu bico de viúva. As entradas demonstravam um início precoce de calvície. Os olhos castanhos do técnico tinham o mesmo ar cansado que o restante do seu rosto e corpo, que permanecia de ombros claramente caídos ao cumprimentar os dois tenentes. Fosse o seu problema causado pelas várias horas diante dos equipamentos ou por cansaço físico — teoricamente sem motivo —, sua postura precisava ser ajustada.

— Toda a areia, poeira ou grama encontrada é exatamente do mesmo local onde desapareceram. — Ele lia o resultado em seu computador e de pouco em pouco mostrava algo na tela para os dois outros presentes ali, que

pouco entendiam do que o homem falava. — As linhas e restos de tecido encontrados com Austin são partes pertencentes da mesma roupa que ele usava. Ou que, segundo li nos relatórios entregues a mim, aparentemente fora vestida no jovem pelo próprio assassino.

— Aparentemente, sim. — John concordou, ainda parado ao lado da parceira, com a lateral direita do quadril apoiada na mesa do cientista.

— Cada item que listo para vocês, como Hale bem sabe — disse o homem, olhando diretamente para Payne e passando a mão por seus cabelos, um hábito narcisista que a mulher já notara no homem —, é analisado por um técnico diferente aqui, mas eu verifico tudo assim que os resultados estão prontos.

A tenente meneou a cabeça, assentindo e incentivando-o a prosseguir. Já sabia como as coisas funcionavam nos laboratórios de criminalística das cidades grandes.

— A gola que encontraram também faz parte da vestimenta de palhaço. — Ele prosseguiu. — Mas a roupa não tem uma etiqueta e parece ser de fabricação caseira.

— Parece? — John questionou. — Quantas informações vagas, Harrison.

— Sinto muito, nem mesmo a ciência é cem por cento certa sobre tudo, tenente.

— Prossiga.

— Sobre a roupa de Lily, também me passaram a mesma informação. — Ele ainda tinha os olhos fixos na tela do computador e lia atentamente cada um das informações que lhe foram enviadas pelos outros cientistas. — Certamente o assassino costura, ou tem alguém que faça isso para ele. — Desviou os olhos para os tenentes, olhando para cada um por alguns segundos e repetindo a sequência.

— Verificaremos isso — disse Payne, irritada pela forma como o técnico falava, como se quisesse ensiná-los a fazer seu trabalho.

— As pegadas, bitucas de cigarro e substâncias recentes encontradas no local não nos deram nenhum resultado relevante. Alguns DNAs subtraídos nem ao menos constam no sistema. — Liam continuou. — As toras de madeira e linhas usadas para a disposição do corpo de Lily não têm nenhuma

marca de fabricante ou distribuidor. Sinto muito.

— Já esperávamos isso. — John observou, sabendo que mesmo um resultado positivo em relação a aquelas provas não os levaria a um avanço notável no caso.

— Todo o sangue encontrado próximo ou no corpo de Austin e Lily, são apenas dos dois. — O técnico voltou o olhar para John e cruzou os braços, recostando-se na cadeira. — Ou pelo menos todo o sangue que recolhemos.

— Quer me dizer que de tudo que sua equipe recolheu, nada nos deixa mais próximo do serial?

— O Artista de Houston é muito cuidadoso, Hale.

— Não deveria chamá-lo assim. — Payne disse, ainda mais irritada com o cientista.

— Toda a cidade o chama assim, tenente Hastings. — Ele abriu os braços e deu de ombros, lançando um olhar de ironia à detetive, acompanhado de um sorriso.

Os três ficaram em silêncio, se encarando, com a mesma expressão o tempo todo. A tenente olhava o cientista com desprezo e Hale tinha os olhos nos dois, curioso. Payne não gostara de Liam e John já havia percebido isso. Não tirava a razão da mulher, o homem realmente era detestável.

— Uma última coisa, tenente. E essa, sim, pode ajudar muito no caso.

— Apenas diga logo, Harrison. Temos trabalho a fazer e você sempre soube que odeio que me enrolem.

— É sobre a digital com sangue que encontraram na lixeira. — Ele agora mexia no computador novamente.

— Obteve algum resultado?

— O sangue também era de Austin, mas a digital não. E pelo que entendi do relatório de vocês, unido ao que encontrei, o resultado é bastante intrigante.

Os dois tenentes permaneceram em silêncio, esperando que o cientista falasse sobre o resultado de uma vez.

— A impressão na lixeira — disse devagar, fazendo uma pausa e olhando para os dois tenentes —, é de Martin Hiver.

Capítulo 31

A Ciência Erra

Nem mesmo gêmeos idênticos permaneciam semelhantes para sempre e os irmãos Hiver eram uma prova clara disso. Sentados do outro lado da mesa em frente aos tenentes, tão próximos um do outro, pareciam ainda mais distantes de serem iguais.

Martin lembrava a John de seus tempos na academia da polícia de Houston, com o cabelo raspado e as feições duras que emolduravam os olhos azuis felinos, adornados por sobrancelhas grossas e uma barba bem-feita, resultando num rosto liso. Vestia-se da mesma forma que o tenente, com jaquetas de couro, jeans velhos e coturnos e tinha um ar despreocupado, sem sorrir e nem ao menos parecer impaciente. Demonstrava-se, na verdade, desprovido de qualquer emoção naquele momento.

Max era totalmente o oposto de seu irmão, tanto nas vestes, que eram formais e pareciam ser feitas sob medida, quanto no cabelo cheio que lembrava o do pai e chegava quase até seu ombro. Seus olhos, de mesmo tom, tinham mais vida, só que por motivos errados. O jovem parecia transbordar medo por todos os poros do corpo, e sua camisa parecia cada vez mais agarrada ao seu corpo suado. Os olhos buscavam pontos inexistentes na sala de interrogatório, evitando o olhar dos detetives à sua frente.

A união dos irmãos parecia improvável e deveria estar mais ligada a algo externo, como a amizade com Madelin, Austin e Lily, do que por sua própria ligação sanguínea.

— Podemos encerrar tudo agora mesmo. A única coisa que tenho a dizer é que não vi rosto nenhum. — Martin disse, com uma das mãos espalmadas sobre o tampo da mesa, que a tenente analisava com cuidado, com seus olhos de visão precisa, tentando encontrar sangue por baixo das unhas bem cortadas do jovem, esperando acabar com tudo ali mesmo.

— Foram sequestrados e passaram um mês presos e não sabem onde estavam, quem sequestrou vocês e nem ao menos notaram quando alguns de seus amigos sumiram? — questionou Payne.

— Não, não e não. — O rapaz respondeu, inclinando-se quase

imperceptivelmente e levantando a voz em um tom. — Estávamos em celas minúsculas em que mal conseguíamos ficar em pé, passávamos fome, tínhamos um copo de água por dia e éramos alimentados apenas quando era conveniente para seja lá quem que estava atrás daquelas roupas pretas e máscaras.

Martin encarava Payne exatamente nos olhos e a mulher retribuía, não demonstrando estar intimidada com tudo o que o jovem dizia, enquanto seu parceiro analisava Max ainda silencioso à procura de um lugar onde pousar seus olhos, parecendo alienado às conversas ao seu redor.

— Máscaras?

— Sim, máscaras. Como aquelas de teatro: tragédia e comédia. — Ele fez uma pausa e recolheu a mão, guardando no bolso da jaqueta. — Eram duas pessoas, eu acho.

Nesse momento o irmão o olhou, como se lembrasse de algo agora que havia ouvido o que o irmão dissera.

— Confirma o que seu irmão disse? — perguntou John, buscando participar do diálogo e incluir também o outro gêmeo.

O rapaz apenas assentiu e permaneceu no mesmo silêncio em que estivera desde que entrara ali, desviando os olhos do irmão e os fixando nas suas próprias mãos sobre a mesa, de um tom de grafite escuro que contrastava com sua palidez.

— Em nenhum momento essas pessoas tiraram suas máscaras, certo? — Payne voltou a questionar.

— Se tivesse visto os rostos delas, estaria dizendo agora a vocês, não acham? — Desviou o olhar do tenente e voltou a encarar Payne.

Parecia desacreditar nas perguntas que faziam e tinha o mesmo pavio curto e a falta de paciência do pai, mesmo que na aparência que criara para si, só tivesse herdado seus olhos, ao contrário do irmão que era uma cópia física do juiz, com cabelos mais longos.

— Quando percebeu que Austin e Lily não estavam mais entre vocês? — Hastings prosseguiu, não dando importância às respostas duras que Martin lhe dava.

— Não percebi. — Ele retirou um chiclete do bolso do jeans e, depois de descascar, colocou na boca e passou a mastigar enquanto falava. O ato

irritou Payne ainda mais, mas a mulher permaneceu em silêncio, com suas mãos cruzadas sobre a mesa, o encarando. — Só notei que havia algo de errado quando me vi fora do albergue e não os encontrei. Meus pais quem me contaram sobre a morte deles, aliás. — Se o jovem sentia algo em relação à perda dos amigos, ele não demonstrava. — De onde estávamos, não tínhamos visão alguma das outras celas ou de quem estava nelas.

— Entendo.

— Não, vocês não entendem! — urrou Martin, batendo a mão na mesa e surpreendendo até mesmo o irmão. — Ficamos um mês isolados naquele lugar passando fome e vocês nunca nos encontraram. Se não fosse por Madelin, jamais teríamos saído de lá. E vocês não entendem, porque nunca passaram por isso!

— Martin — sussurrou a tenente, olhando nos olhos furiosos do jovem à sua frente —, tudo ainda é muito recente. Tem que se acostumar.

— Me acostumar com meus dois amigos mortos e o fato de que vocês ainda nem têm um culpado? — Ele perguntou, ainda mostrando-se violento quanto àquela situação.

— Estamos investigando. Logo teremos alguém atrás das grades — interveio John, tentando controlar a situação. — E estamos muito próximos.

— O que vocês têm? Nem ao menos têm uma descrição. — Ele rebateu. — Sabem tanto quanto nós.

— Temos a digital de um suspeito. — John continuou, parando para beber um gole do seu café entre suas frases. — Como eu disse, estamos perto.

— E quem é esse suspeito? — Seus olhos agora estavam vermelhos e ele parecia prestes a derramar lágrimas, por raiva ou por frustração pela situação em que se encontrava depois do trauma que havia passado.

— Você.

O silêncio caiu sobre todos.

As expressões de John e Payne permaneciam desprovidas de qualquer emoção, enquanto os rostos dos dois gêmeos agora ficaram mais parecidos, com o olhar de espanto com que encaravam os dois tenentes. A boca de Martin permanecia parada, entreaberta, como se tivesse esquecido como falar, e sua palidez se tornava cada vez mais visível, ressaltada por uma veia que agora pulsava em sua testa.

— Não — sussurrou finalmente, incrédulo sobre o que tinha ouvido, meneando a cabeça para os lados e fitando a mesa.

— Achei que hoje em dia a ciência não errava mais o DNA de gêmeos idênticos. — Max falou pela primeira vez, em um tom quase inaudível.

Os olhares voltaram para ele, que tinha uma expressão indecifrável agora, olhando a tenente fixamente nos olhos, parecendo ter mais interesse ou confiança na mulher que havia falado mais durante o interrogatório que já durava mais de meia hora.

— A digital é minha. — Ele respirou fundo e fechou os olhos antes de dizer a próxima frase. — Eu participei do crime.

Capítulo 32

A Verdade

— Eu não tive outra escolha.

Max falava em um tom calmo e ainda encarava seus dedos pálidos sobre a mesa escura, mantendo suas emoções para si, dificultando a análise dos tenentes que buscavam saber se tudo era verdade.

Martin havia sido retirado da sala quando se levantou e agarrou a gola da camisa do irmão, prestes a agredi-lo por ouvir da boca dele, que o mesmo havia cometido um crime, quando Max tinha tudo para seguir os passos do pai.

— Iriam matar Martin se eu não o fizesse.

— Quem iria matá-lo? — questionou Payne.

Os dois tenentes ainda não conseguiam acreditar em como o caso havia tido uma reviravolta tão grande nos últimos dias. Estavam longe de descobrir quem pudesse estar por trás de tudo e agora se viam diante de um dos participantes do crime, alguém que poderia ter todas as informações de que os detetives precisavam para colocar todos os envolvidos atrás das grades.

— A mulher. — Ele suspirou e levou as mãos ao rosto, deixando-as deslizar pela face para depois voltar a pousá-las sobre a mesa. — Ela usava a máscara da comédia e tinha a voz metálica, assim como o homem. Por baixo do capuz usavam alguma coisa que mudava suas vozes. Só discerni que eram um casal, pelo tamanho e formato do corpo dela. — O jovem tinha os olhos fechados enquanto narrava, parecendo reviver tudo que havia visto no albergue. — Usavam roupas pretas de inverno, mesmo no calor que fazia lá dentro daquele lugar. Até me causavam agonia.

— Eram um casal? — Payne continuou, enquanto John anotava tudo ao seu lado, de olhos sempre fixos no bloco de notas que havia retirado do bolso do jeans. — Um par romântico?

— Não. — Ele abriu os olhos e analisou a tenente. — Ela o chamava de irmão.

— Conte-nos o que ela disse a você — pediu a detetive, tentando

esconder a empolgação que sentia com tudo que Max dizia e a possibilidade de finalmente resolver seu primeiro caso em Houston, ao lado de Hale.

— Primeiro disse que precisaria de mim, mas não entendi por que tinha que ser eu. Seu irmão não apareceu naquele dia e como ela estava furiosa e eu havia ouvido uma discussão no dia anterior, logo deduzi que ele devia ter desistido de tudo e ido embora. — Olhou por um momento para John e ajustou sua gravata, desafrouxando o nó e respirando fundo. — Eu disse que não faria parte daquilo e ela rebateu dizendo que mataria Martin. Entrei em pânico. É meu irmão e eu faria de tudo para protegê-lo. Foi então que ela me contou sobre Austin e mostrou-me os olhos... somente os olhos de Lily. — Uma lágrima escorrera de seu olho direito, e seus lábios estavam crispados, enquanto ele olhava para a parede e depois para o teto. — Eu a amava.

Os três permaneceram em silêncio por um momento em respeito ao luto do rapaz, que levou suas mãos ao rosto novamente para limpar a lágrima, e depois afastou seus cabelos, prendendo-os num coque na parte de trás da cabeça.

— Lily saía com meu irmão. Transava com Austin tentando esconder de todo mundo, mas a única que realmente não notava era Madelin. — Cuspiu cada palavra, parecendo sentir nojo pela relação do triângulo. — E eu a amei todos os dias e faria qualquer coisa por ela, ao contrário do meu irmão, Austin, mas nunca consegui nada dela. Nada.

— Quem nos garante que não foi você quem a matou? Ou que até mesmo matou os dois? — John decidiu participar da conversa, parecendo também entusiasmado aos olhos de Payne.

— Mataria alguém que ama, tenente? — Hale meneou a cabeça em negativa. — Eu apenas a deixei ser livre e feliz e estava igualmente feliz por ela.

— O que houve depois de sua conversa com a mulher?

— Na noite seguinte ela me colocou num carro, apontou uma arma para minha cabeça — disse enquanto mostrava em gesto o que ela havia feito, com um dedo apontado para sua têmpora, simbolizando uma pistola —, e me fez dirigir pelas ruas de Houston. Eu tinha certeza que o corpo de Austin estava no porta-malas e percebi que estava certo quando ela me mandou descer e arrastar o corpo até o beco onde o encontraram. — O jovem

fez uma pausa antes de continuar, esperando que os tenentes acompanhassem tudo que ele contava. — Foi ali que deixei minhas digitais sem querer, quando me apoiei na lixeira para dar impulso e carregar o corpo para mais além. Meu irmão era magro, mas eu estava muito nervoso e não sabia como fazer aquilo. Nem ao menos meu condicionamento físico ajudava, enquanto eu o puxava pela gola dos trajes que a mulher havia colocado nele. A gola rasgou e eu a joguei num canto qualquer, deixando o corpo encostado na parede logo depois.

Tudo que Max dizia batia com o que os tenentes haviam encontrado até então, mas ainda não sabiam se poderiam confiar no rapaz e acreditar na versão dele de tudo que havia acontecido.

— Voltei para o carro — continuou ele —, ainda com medo de que ela pudesse fazer algo com Martin se eu fugisse e então ela me obrigou a dirigir novamente, dessa vez me fazendo levar-nos a outro extremo do bairro, onde observamos em silêncio o último período de aulas de karatê que o irmão dela estava oferecendo. Àquela altura já havia visto o rosto do homem, que tinha um nariz anguloso e testa larga, além de ser ruivo, não de uma forma bizarra e que chame a atenção como aqueles cheios de sarda e de cabelo laranja. Seus cabelos eram quase castanhos e sua barba cheia, mas não tão grande, e era da mesma cor. Foquei em sua aparência, pois de alguma forma sabia que precisaria descrevê-lo mais tarde. Seus olhos eram castanhos e ele era não era tão alto, mas ainda assim, musculoso, provavelmente pelas horas que passava no dojô.

Hale escrevia avidamente cada palavra do rapaz, sabendo que tudo aquilo que sabiam agora, levaria os dois tenentes ao casal de irmãos que planejava todo o sequestro e os assassinatos e, por fim, acabaria com as mortes.

— Voltamos a deixar o carro longe daquele local e eu voltei a pé e sozinho até lá, mais uma vez com medo de que se eu não agisse como ela mandava, perderia meu irmão. — A cada momento que falava, Max parecia mais sereno, sabendo que faria bem para si mesmo e para a cidade com a revelação de todas aquelas informações. — Lembro-me que naquele momento quase fugi, mas tentei me manter corajoso e ir até o final para salvar Madelin e Martin. — Agora ele tinha um sorriso, lembrando-se de que conseguira salvar os dois. — Consegui perseguir e sequestrar o homem assim que ele saiu do dojô, porque por algum motivo, naquele momento eu tive

uma explosão de adrenalina e seu medo o impediu de se defender. Deixei-o no mesmo porta-malas onde antes estivera meu meio-irmão, sentei-me ao lado da mulher novamente e dirigi de volta para o albergue, prestando atenção em cada rua que entrava, anotando mentalmente o caminho que deveria fazer ao contrário para sair de lá, mais focado em fugir do que quando iniciara a "missão". — Ele fez o sinal de aspas no ar e pausou o monólogo.

Payne o analisou em silêncio, enquanto Max deixava de ser o jovem perdido e disperso que estivera distante da conversa anterior protagonizada por seu irmão gêmeo, para se tornar alguém que demonstrava sentimentos a cada palavra que dizia em seu relato.

Hale permaneceu anotando, além de tudo que ouvia, notas sobre o que achava das emoções demonstradas pelo rapaz e veracidade de tudo que ele dizia, enquanto a parceira continuava na mesma posição desde que iniciaram o diálogo, com as mãos cruzadas sobre o tampo da mesa e o corpo levemente inclinado para frente, de olhos fixos no corpo e reações de Max.

— Depois que voltamos, ela não me procurou mais. Voltei para minha cela apertada e escura, no primeiro dia sendo premiado pelo que fiz com um pouco mais de água e comida, e logo depois sendo esquecido de novo. — Ele suspirou, em dúvida se a situação tinha sido boa ou ruim para ele. — Creio que o ruivo voltou a ajudá-la, mas depois lembrei-me que eu não tinha visão da cela do meu irmão e não tinha confirmação alguma sobre ele ainda estar vivo. Foi então que, um ou dois dias depois, Madelin apareceu em silêncio na frente da minha cela e abriu o cadeado com um arame que havia conseguido de alguma forma. Ela estava com um cheiro horrível e seus cabelos ruivos estavam tão escuros por conta da sujeira do local que demorei a notar que era mesmo ela, mas... também por conta do meu estado emocional naquele momento. Tiramos Martin da cela e choramos todos juntos por muito tempo, sentados no chão frio e úmido, e logo depois fugimos de lá, tendo a sorte de não encontrar ninguém no caminho.

Os tenentes estavam cada vez mais impressionados com todos os detalhes que Max passava, descrevendo tudo que vivera naquele mês preso pelos dois assassinos. Com a narração dele, conseguiam sentir na pele cada momento e emoção que o mesmo tivera durante tudo o que passara nos últimos dias, desde seus medos até os cheiros e texturas com que se deparara.

— É tudo que sei — completou o jovem, olhando a tenente com

serenidade, aliviado após o testemunho.

— Em nenhum momento viu o rosto da mulher?

Ele apenas balançou a cabeça quase que imperceptivelmente.

— Acha que conseguiria fazer um retrato falado do homem?

— Certamente.

A detetive olhou para o parceiro, que permanecia sentado, com um dos tornozelos cruzados sobre o joelho e o bloco de notas em mãos. Hale assentiu, entendendo o encerramento que Hastings queria colocar na conversa, e pigarreou, voltando o olhar para Max logo depois.

— Agradecemos seu testemunho, Max, será de grande ajuda — disse olhando o rapaz que o encarava de volta, enquanto Payne respirava fundo e bebia um gole de sua água. — Sentimos muito, mas está preso por sequestro e ocultação de cadáver.

— Já esperava. — Ele tentava manter-se calmo, mas agora parecia tão pálido e nervoso quanto o irmão estivera quando o acusaram de ser o culpado.

— Com sorte conseguirá ser inocentado em seu julgamento, se testemunhar assim como fez aqui. Torcemos por você.

Nenhuma palavra foi dita a partir dali e John levantou-se, tocando o ombro do rapaz e o levando para fora da sala, sabendo que não havia necessidade alguma de algemá-lo. Payne permaneceu imersa em seus pensamentos, relembando tudo que ouvira e tentando imaginar quem seria a mulher misteriosa que havia comandado todo o sequestro e os assassinatos. O policial que ficara na porta durante todo o interrogatório logo trouxe mais água para ela, que agradeceu com um sorriso e voltou a esperar pelo parceiro que ela sabia que voltaria em alguns momentos com a última pessoa que deveria testemunhar.

Não tardou e Hale voltou, acompanhado de Madelin, que contrastava ao seu lado por ser muito mais baixa. Cerca de quarenta centímetros, Payne calculou.

A jovem tinha profundos olhos castanhos como um oceano escuro e cheio de segredos, que combinavam com seus cabelos de cores quentes e bastante volume. Seu corpo era magro e pequeno, mas carregava a beleza magnífica daquela moça. Ela não sorria, e seus lábios crispados

demonstravam seu nervosismo e tristeza.

Mais uma vez os tenentes tinham que tomar cuidado com as palavras, pois não tinham noção do quanto a jovem sabia ou mesmo se ela já fora informada da morte do namorado e da amiga. Teriam que contar, mas delicadeza não era uma característica nem de Payne, nem de John.

— Nós sentimos muito por tudo, senhorita Price. — Payne disse baixinho, assim que a jovem se sentou onde Martin estivera anteriormente e olhou a detetive nos olhos, parecendo ter a tristeza estampada em toda sua face.

Ela permaneceu em silêncio, demonstrando não entender sobre o que exatamente os tenentes sentiam muito e por que a mulher falava pelo parceiro. Seus olhos grandes e castanhos brilhavam, prestes a transbordar lágrimas, e suas mãos, postas sobre a mesa, tremiam e tinham todas as unhas roídas até a carne.

— Já sabe sobre Austin e Lily?

A jovem meneou a cabeça negativamente, sem tirar os olhos da mulher à sua frente.

— O que houve com Austin? — Sua voz era suave e baixa e ela chegou a gaguejar no meio da frase.

— Não sei como lhe dizer isso de forma indolor, Madelin. — A detetive levou a mão sobre a mesa e tocou a da jovem, que recolheu rapidamente suas mãos, evitando o toque e demonstrando ainda mais o pânico que sentia. — Eles foram assassinados.

Os olhos marejados da jovem transbordaram suas lágrimas e ela levou as mãos pequenas até o rosto, enquanto sua boca se contorcia num choro acompanhado de soluços silenciosos.

— Sinto muito. — John disse, já sentado ao lado da parceira novamente.

A jovem não respondeu, e continuou chorando por momentos que pareceram intermináveis, repetindo a palavra "não" como se acreditasse que se fizesse isso por muito tempo, toda a situação seria revertida e nada teria acontecido. Em alguns momentos pediu pela mãe, como um bebê que queria voltar para os braços que conhecia, mas Payne ofereceu água a ela e implorou que se acalmasse e os ajudasse a descobrir quem fizera aquilo com os cinco.

Hastings encontrava-se de cócoras ao lado da cadeira da moça, dizendo palavras que esperava que a acalmassem, tocando seu antebraço com cuidado e oferecendo apoio no momento difícil, enquanto eram observadas pacientemente por John.

— Precisamos de sua ajuda, Madelin — dizia Payne baixinho. — Nada vai se resolver se não nos ajudar. — A jovem parecia mais calma a cada palavra, mas ainda chorava e limpava suas lágrimas com os lenços de papel que o policial que guardava a porta havia lhe dado. — Você é uma mulher forte. Você salvou todo mundo.

A detetive jurou ter percebido um ligeiro sorriso de orgulho de si mesma na ruiva e então apenas continuou a fitando nos olhos, esperando que ela dissesse algo.

— Desde que fomos colocados lá, percebi que um fio de arame de um lado das grades da minha cela ou... — Ela fez uma pausa, lembrando. Falava baixo e gaguejava de vez em quando pelos soluços. — Aquilo mais pareciam jaulas — completou —, estava solto e passei aquele mês todo, durante horas por dia, torcendo o arame para que ele quebrasse na parte que estava presa.

— Você foi esperta. — A detetive sorriu e levantou-se, voltando a sentar na cadeira à frente e a olhando nos olhos, enquanto John voltava a fazer anotações, contente com a forma como Payne interrogava os jovens.

— Demorou muito, pensei em desistir muitas vezes, mas naquele dia consegui. Eu nem sabia para onde estava indo ou como abriria aquele cadeado, só que eu consegui e saí dali. Mas então encontrei Max num canto escuro. Ele chorava e estava sujo. — Ela fez uma pausa e voltou a secar as lágrimas que não deixavam de cair. — Depois fomos atrás de Martin e eu mal o reconheci. Seus cabelos tinham crescido muito e a barba escondia o rosto.

— Soltou os dois. — Não foi uma pergunta. Max já havia contado sobre aquilo e os testemunhos batiam.

— Sim.

Ela não prosseguiu e o silêncio mais uma vez pairou sobre a sala de forma quase palpável. Por conta das paredes que isolavam o som, tudo que se podia ouvir naquele momento era a respiração pesada de Madelin.

— Eu só queria que isso tudo não fosse verdade. — Ela disse, com a

voz embargada pelo choro. — Só queria o Austin de volta.

Perderiam Madelin de volta para o choro e o desespero, se permitissem que sua mente fosse invadida mais uma vez pelo luto. Payne respeitava o momento e até mesmo duvidava que a moça sabia mais do que já havia sido dito por ela e por Max, mas ainda queria tentar um pouco mais, em busca da informação que poderia mudar tudo: o rosto da mulher atrás da máscara de comédia.

— Nos ajude, Madelin. O que se lembra do casal vestido de preto que os sequestrou?

Conseguiu a atenção da jovem, que voltou a olhar para a detetive, claramente interessada mais uma vez em oferecer informações aos tenentes.

— Usavam máscaras. Sempre. — Ela dizia tudo muito baixo e os dois tiveram que apurar os ouvidos para não perderem nenhuma palavra. — Não, nem sempre. O homem. Eu vi seu rosto algumas vezes. — Ela fechou os olhos, pressionando as pálpebras como se forçasse sua mente em busca das cenas que vira. — Mas quando nos sequestraram, existia mais um homem. Esse eu nunca mais vi.

— Está me dizendo que eram três pessoas de início?

— Não. — Ela balançou a cabeça negativamente para enfatizar. — A mulher não estava lá no sequestro. Eram apenas os dois. O ruivo, que estava sempre por perto, no albergue, e o outro, que só vimos naquele dia. Martin estava comigo, foi esse homem quem nos colocou na van. O outro levou Max, Lily e Austin no nosso carro.

Hastings começava a ficar ainda mais confusa. Eram muitas informações para absorver. Esperava que mais tarde entendesse tudo ao analisar as anotações de seu parceiro.

— A mulher era magra e baixa, da minha altura, mais ou menos. — Ela continuou. — Estivemos lado a lado apenas uma vez para que eu comparasse.

Ela bebeu um pouco d'água e manteve seus olhos fixos na tenente quando voltou a falar.

— Depois do dia do sequestro, nunca mais saí da minha jaula.

— Não os tiravam para necessidades fisiológicas? — John perguntou, demonstrando-se chocado com as condições em que os cinco jovens

passaram as últimas quatro semanas.

— Nunca.

Ele voltou o olhar para a parceira e percebeu que ela dividia a mesma repulsa que ele vinha desenvolvendo pelas pessoas que mantiveram os cinco amigos em cárcere.

— Só quero esquecer tudo aquilo. — Ela falou depois de algum tempo de silêncio, e os detetives interpretaram aquilo como o fim de seu depoimento.

— Madelin, uma última coisa. — Payne disse, voltando a cruzar as mãos sobre a mesa. — Sabe algo sobre a participação de Max no crime?

A surpresa estampada no rosto da jovem quando a tenente terminou de formular a frase foi a confirmação da resposta óbvia para aquela pergunta. Ela realmente era a que menos sabia sobre tudo que acontecera e não poderia ajudar tanto quanto Max fizera. Os detetives lamentavam, mas o dia fora ótimo e obtiveram pistas o suficiente para que o caso fosse resolvido ainda mais rápido.

Tudo que precisavam agora era descobrir quem era a mulher por trás da máscara da comédia que chocara a cidade toda das mais diversas formas, pela crueldade que fora demonstrada nos corpos de Austin e Lily.

— Max fez parte de tudo? — Ela finalmente perguntou.

— De certa forma, sim. — John disse, interrompendo a parceira para que não desse ainda mais informações à jovem, pois o que acontecera momentos antes naquela mesma sala ainda era recente e não se sabia o que era realmente verdade. Além disso, a garota não precisava de mais notícias ruins naquele dia. — Está liberada, Madelin.

Payne não interveio. Já estava há uma hora naquela sala e agora até mesmo ela precisava de um descanso. A semana estava sendo desgastante tanto para ela quanto para John, que já estava acostumado com o ritmo acelerado de Houston.

A jovem levantou-se e dessa vez foi acompanhada pelos dois tenentes até a porta, que pararam ali, enquanto ela era levada pelo corredor, em direção à saída do prédio, pelo policial que guardara a porta o tempo todo.

— Agora temos três pessoas envolvidas e apenas um suspeito.

— Pelo menos temos alguém preso — respondeu Payne, apoiada no

batente da porta, observando o tenente.

— Bom trabalho, tenente Hastings — disse John, referindo-se ao interrogatório e se afastando, sem esperar pela resposta dela.

— Obrigada, John — respondeu, ainda parada na porta, sabendo que ele não a ouviria, mas mantendo-se ali, observando Hale andando apressado pelo corredor deserto.

Capítulo 33

Prontos Para Decompor

Havia se passado dois dias após os testemunhos dos jovens, quando John recebeu a ligação de Robert avisando que terminara as necropsias dos dois corpos.

Nesse meio tempo, os tenentes haviam tirado uma folga e buscado reunir todas as informações que tinham, encaixando-as para que pudessem conseguir entender quem poderia ser o casal que arquitetara tudo. Em casa, Payne interrogou mais uma vez sua noiva sobre o que ela sabia da relação de Lily e Austin, mas não conseguira nada além do que fora contado no restaurante. Entraram em contato com as vítimas mais uma vez em busca de informações, e tudo que haviam conseguido era uma promessa de ajuda, do outro lado da linha telefônica, na penitenciária onde Max estava quando disse que os levaria ao albergue.

No quadro, na sala de John, haviam alguns rostos novos que não influenciavam em nada e não os levavam nem mais um passo para perto dos assassinos em série.

Ninguém tinha a mínima ideia de quem era o casal e os tenentes haviam voltado ao mesmo ponto em que se encontraram o tempo todo: não havia nenhum suspeito.

Hodges ouviu toda a história com bastante interesse e empolgação, enquanto Lewis organizava os materiais do seu mestre e dizia uma ou duas palavras de vez em quando, participando do diálogo. Ao longo daquela semana e meia, o rapaz veio provando-se mais confiável, ao se tornar menos fechado para os detetives a cada conversa. Perguntava a Payne como ela havia passado e trocava informações com John sobre os últimos jogos de beisebol ou futebol americano.

No fim, todos que de alguma forma ajudaram no caso se tornaram parte de uma grande família, cada um com a sua maneira de ajudar. E isso incluía até mesmo Liam Harrison, apesar de não ser o que todos chamavam de amigo, mas de alguma forma ele contribuía para que chegassem até Max e isso fora o ponto central de toda a investigação até agora.

Como o legista lhe informara anteriormente, as necropsias haviam sido encerradas e assim que Hale e Hastings saíssem daquele necrotério, após ouvir todas as informações que o doutor tinha para eles, os corpos seriam encaminhados para os devidos cuidados da família e de seus planos funerários, para que celebrassem a passagem de Austin e Lily pela vida, mesmo que essa tivesse terminado de forma trágica.

Payne combinara com John de passarem na capela um pouco antes do enterro para que prestassem as devidas condolências aos familiares, mesmo que isso resultasse em dedos apontados aos dois, pela falta do culpado atrás das grades.

Mas aqueles corpos ainda se encontravam ali à frente deles. Deitados sobre aquelas camas de metal, frios e tão pálidos que as veias, por onde já não circulava mais o sangue, ainda eram aparentes sob a pele morta. O casal de amigos nunca mais teria os corações a mil, as emoções combinadas num momento marcante, amassos proibidos longe dos olhos dos outros amigos e não comeriam, ou dormiriam. Nada mais fariam, a não ser estar para sempre em decomposição, assim que saíssem do frio que aquela sala mantinha.

Por algum motivo que os tenentes não sabiam ainda, as vidas daquelas duas pessoas haviam sido tiradas de forma brutal, impedindo que eles se formassem na faculdade e continuassem sua própria história, como todo mundo tinha direito.

Naquele dia, o necrotério já não estava mais decorado com as várias caveiras luminosas acompanhadas de todo o aparato de Halloween, como nas visitas anteriores ao local, e tudo parecia ainda mais frio e genérico.

Por baixo da jaqueta que John pouco usava naquela época do ano, ele sentia seus ossos congelarem e doerem e mantinha as mãos dentro dos bolsos, envolvidas por luvas de lã, além do couro da roupa. Nunca entenderia como Hodges passava tantas horas naquele lugar sem ao menos reclamar, com nada além de um suéter por baixo do jaleco divinamente branco.

— Confirmei a morte de Austin como asfixia — disse o doutor, olhando diretamente nos olhos de Hale, com a cabeça inclinada para alcançar a altura dos olhos do amigo. — Já Lily morreu por hemorragia causada pelo corte longo e horizontal na face.

— O riso da morte. — Payne concordou, lembrando-se de como havia sido esculpido um sorriso no rosto da jovem, assim como no de seu amante.

— Ainda não sei o porquê desse desenho peculiar.

A tenente aproximou-se do corpo de Lily, com as mãos nos bolsos de sua jaqueta bordô, assim como seu parceiro, passando a analisar a face da garota pela última vez, quase como uma despedida. Seus cabelos espalhavam-se em uma cascata negra ao redor de seu rosto sobre a mesa, e o oco, onde anteriormente seus olhos haviam ocupado, causava uma sensação estranha a Payne.

— Acho que não existe exatamente um porquê — opinou John, ainda parado ao lado da porta, imaginando que aquela visita ao amigo não duraria muito.

— Não existem concussões em nenhum dos dois. — Robert voltou a dizer, de braços cruzados e olhos ainda fixos no tenente.

— Não tentaram se defender?

— Nenhuma vez.

— Isso geralmente quer dizer que conheciam o assassino, mas tudo fez parte de um sequestro, então é inconcebível. Como passaram um mês em cárcere e mesmo assim não se defenderam nenhuma vez? — Payne questionou, com sua cabeça funcionando a mil novamente.

Hodges deu de ombros. Todos sabiam que descobrir o que realmente acontecera era papel dos dois. Já fizera a sua parte e infelizmente não poderia mais ajudar os dois detetives.

— Os cortes nos rostos dos dois foram em partes precisamente feitos... — ele continuou —... com o uso de um bisturi e uma mão extremamente delicada e firme.

— A mulher — sussurrou John.

— Oi? — Lewis perguntou, interessado na informação.

— Tudo foi arquitetado por um casal, segundo os testemunhos das vítimas. — John começou a andar, se afastando pela primeira vez da porta. Fazia gestos enquanto falava. — Pelo que entendemos de tudo, a mulher era quem comandava.

— Então foi ela a responsável pelos ferimentos. — Hodges afirmou, contente por tudo estar se encaixando. — A outra parte dos cortes foi feita de maneira despreocupada, o que indica que, ou pessoas diferentes os fizeram, ou foram em momentos diferentes.

— Aposto em momentos diferentes. — Payne disse, voltando o olhar para os três homens na sala grande e fria, rodeada de gavetas onde ninguém gostaria de estar. — O parceiro da nossa serial não parecia querer participar de tudo, segundo Max. Ele chegou a fugir, creio que seu medo era grande o suficiente para que não ousasse praticar um assassinato.

— Sim, tem razão. — John concordou e parou, olhando para a parceira, que voltava a se afastar do corpo de Lily. — Mas continuamos patinando no mesmo lugar. Nada novo, nenhum suspeito.

— Ainda não fomos ao albergue. Lá talvez consigamos algo.

— Mas não conseguiremos isso tão cedo — disse John. — Só Max tem o caminho e não vai ser liberado tão cedo pela justiça para que possa nos ajudar.

— E não podemos conseguir o endereço com ele para irmos sozinhos?

— Talvez. — John voltou para o lado da porta e encarou Robert, depois voltou o olhar para a tenente. — As informações que me passaram sobre isso são muito vagas.

— Ligue para Hiver — sugeriu Hodges ao amigo. — Talvez ele possa ajudar vocês.

— Boa ideia. — Payne concordou.

O legista já havia esgotado suas informações e nada mais tinha a dizer. Lamentava por isso, mas não podia aproximar os tenentes do casal que eles citaram. Depois que os dois olharam para as duas vítimas uma última vez, Robert aproximou-se do corpo de Austin e colocou a mão desprotegida sobre sua testa.

— Descanse em paz, garoto. Espero ter lhe ajudado. — Subiu o lençol sobre o corpo até que estivesse totalmente coberto e repetiu todo o processo com Lily. Payne observava encantada, enquanto John apenas encarava enquanto o amigo encerrava seu trabalho, acostumado com aquela cena.

Logo depois, os tenentes se despediram do legista e de seu auxiliar e seguiram pelos corredores, que se tornavam mais quentes conforme ficavam mais distantes de onde estiveram.

Quando o telefone de Hale tocou, o barulho ecoou pelas paredes e se tornou ainda mais alto e insuportável naquele lugar, fazendo com que

atendesse mais rápido para cortar o ruído e se surpreendesse com a ligação da prisão de Houston, para onde Max havia sido levado.

Esperou na linha enquanto uma voz feminina informava sobre a ligação e perguntava se ele aceitaria pagar por ela, como era tradicional nas ligações efetuadas dentro dos centros de detenção. Após aceitar, foi ouvida a voz impaciente do jovem, enquanto ele parava no meio do último corredor que daria para a saída do prédio e Payne o observava, curiosa.

— Detetive Hale? — Max disse, ansioso e com medo de que o tempo da ligação não fosse o suficiente. — Falei com o advogado do meu pai e ele conseguiu possibilitar que nos vejamos ainda essa semana.

— Ótimo. — O tenente respondeu animado. Era a primeira vez que um participante no crime que investigava se tornava alguém essencial na busca pelo verdadeiro assassino. — Vou levar lápis e papel. Acha que consegue desenhar o caminho?

— Sim. Só não sei se vão deixar que entre com isso aqui. — A ligação era ruim, mas fora isso que o tenente entendera sobre a frase de Max.

— Peço para que o comandante mova uns pauzinhos para mim. — John sorriu enquanto voltava a andar, acompanhado pela parceira. — É importante para o avanço do caso.

— Existe mais uma coisa que gostaria de conversar com você, tenente. — Ele fez uma pausa e Hale esperou em silêncio. — Sei que ter mentido vai piorar minha situação, mas agora que estou aqui, já não faz mais diferença. — Ele disse baixo, provavelmente com medo que mais alguém ouvisse.

— Tem mais alguma informação que possa nos ajudar, Max?

— Sim. — A ligação falhou, mas alguns segundos depois, voltou a funcionar. — Mas preciso dizer pessoalmente.

— Tudo bem, pode me dizer no dia que nos encontrarmos. Pode pelos menos me adiantar do que se trata?

— Eu sei quem é a mulher que você procura.

Capítulo 34

Mais Um

Naquele dia, a dor na perna de Godinski estava sendo dilacerante.

Sentou-se no banco alto por trás do balcão da recepção e não saiu dali o dia todo, parando o trabalho de hora em hora para reclamar da dor ocasional no membro há muito tempo inexistente. Cansara-se de se perguntar ou questionar os médicos do porquê de algo que já não fazia mais parte de seu corpo ainda incomodar tanto.

Seu vizinho de recepção, o policial Jekyll, havia lançado um olhar feio a ele, quando ao sentir-se desconfortável, retirou a perna mecânica, recostando-a ao seu lado. O rapaz era novo, recém-saído da academia, pois não existiam idosos ou inválidos o suficiente para ocupar aqueles quatro espaços por turno da entrada do Departamento, por onde tudo passava antes de chegar aos inúmeros profissionais daquele prédio.

Os dez anos em que trabalhava naquele local fizeram de Richard Godinski o homem mais confiável de todo o departamento e ele ostentava com orgulho o título sempre usado pelos policiais, detetives e demais trabalhadores do prédio para mencioná-lo pelos corredores.

O que não se orgulhava era de onde acabara.

Era fato que ninguém fazia seu trabalho melhor do que ele, mas ali era para onde iam alguns dos que já não poderiam ser tão úteis para o coronel Lockwood e para Houston. Esse mesmo homem informara-o com uma feição triste sobre o único cargo que Godinski poderia ocupar a partir daquele acidente e ele, que sempre fora um bom policial e sonhara em ser detetive, assim como seu superior, aceitara o emprego sem questionar, para que pudesse continuar servindo sua cidade.

Mas aos poucos sua invalidez o desgastara.

Com o tempo, o fato de ser sua única oportunidade de trabalho no lugar que tanta amara desde que saíra da academia começou a pesar, e o policial aposentado começou a se perguntar se não estaria mais feliz em casa, no seu grande sofá-cama, assistindo seus programas favoritos.

Greg Jekyll, seu parceiro há dois meses na recepção, se tornara sua

única diversão nos últimos tempos, ocasionando algumas risadas ao se atrapalhar nos atendimentos com que não estava acostumado. Pelo menos não era tão chato quanto Barbra Oden, a tenente aposentada e mal-humorada que ocupara seu lugar antes de decidir se afastar.

Mas nem mesmo a tenente Oden, que ocupara a banqueta ao seu lado por longos sete anos, soubera como ele havia perdido sua perna, pois essa era uma história que Godinski costumava guardar para si, deixando que soubessem apenas os poucos que não pudera evitar.

Nicola Lockwood fora o primeiro, pois apesar de ser quem dava as ordens a todo o departamento, o chefe era presente para todos e fora ele que estivera próximo de Richard logo após o acidente acontecer.

Na ocasião, em maio de dois mil e seis, Godinski encerrava mais um caso ao lado de um tenente experiente — fora uma grande sorte se tornar seu parceiro por algum tempo —, onde teve papel primordial para que encontrassem o assassino. Tinham o local, o assassino e todas as provas concretas e apontadas para aquele homem que havia esquartejado quatro mulheres nos dois meses anteriores.

A única coisa em que Richard não havia pensado era que o serial killer, um caçador que vivia dentro de uma reserva florestal nos arredores de Houston, poderia ter deixado armadilhas ao redor de sua cabana. Quando acordou novamente, o policial estava numa cama de hospital e sem a perna esquerda. A diabetes fora sua inimiga naquele momento.

Demorou um certo tempo para se reacostumar com o próprio corpo. E depois de muitas sessões de fisioterapia, quando finalmente se viu pronto para voltar a andar com a ajuda das muletas, conseguiu sua nova perna e passou a se denominar um ciborgue. Fazia piada de toda tragédia da sua vida, pois apenas assim conseguiria forças para continuar.

O governo e o coronel tinham sido de enorme ajuda e, menos de um ano depois, Richard encontrava-se bem e de volta ao Departamento.

Uma das coisas boas que conseguira com aquele trabalho na recepção, era que quase tudo de novo passava por ele, exceto o que entrava pelo centro de denúncias. Mas fora o primeiro em muitos momentos: ao receber um novo policial no prédio, ao ser notificado de uma nova testemunha de um crime e nos momentos em que a cidade se deparava com um novo criminoso.

Assim, Godinski ficara também conhecido como o homem que sabia

tudo. Quando algum policial precisava de uma informação que não era do seu departamento, conseguia a mesma com ele, que passava todos os dados que eram permitidos ser transmitidos de um departamento para o outro.

Mas nem tudo eram flores e com o tempo conseguira a fama de puxa-saco por certas ocasiões também. Como quando um detetive de patente superior não autorizava a transição de informações e ele tinha que obedecer, deixando outro policial de mau humor, ou quando escolhia a dedo para quem levaria um caso novo, mesmo que nem sempre o mesmo continuasse trabalhando nele. No entanto, era seu trabalho e no fim das contas só se importava em fazê-lo de forma correta.

Ainda assim, certas informações eram desviadas dali. Como naquela ocasião em que os telefonemas recebidos da penitenciária estavam sendo encaminhados diretamente para o celular do tenente Hale. Ninguém questionara, afinal devido à complexidade do caso, quanto mais rápido as informações chegassem ao detetive, melhor.

Foi exatamente por esta questão que quando o telefone indicou que estava recebendo uma ligação do local, Godinski logo percebeu que havia algo de errado. Atendeu rapidamente, lançando um olhar de soslaio para Jekyll, marcando seu território, já que o policial havia estendido a mão para o aparelho.

Esperou impaciente pelas informações passadas do outro lado, enquanto levava a mão à testa, com o cotovelo apoiado sobre o balcão, de olhos fixos nos desenhos da madeira escura, mas a mente perdida na voz do outro lado da linha.

Sua intuição estava mais do que certa, fazendo com que ele não se surpreendesse ao ouvir o que o Diretor do presídio dizia calmamente.

Desligou o telefone e voltou o olhar para o computador à sua frente. Sua respiração ainda estava normal, mas as têmporas suavam e ele não fazia ideia de como daria aquela informação aos tenentes. Péssimo dia para não poder andar.

Pegou o telefone mais uma vez e discou o número de John Hale. Precisava falar com ele o mais rápido possível.

Max havia sido assassinado.

Capítulo 35

Uma Grande Família

Hastings já não sabia como aquela mesa ainda se mantinha em pé. Depois que o parceiro recebera a chamada de Godinski, o móvel já havia sofrido inúmeras agressões. A mulher já não sabia lidar com a dor de cabeça que ameaçava dominá-la.

— Ok, Hale. Chega! — Ela levantou-se do seu sofá preferido, onde havia até mesmo deitado ao mesmo tempo em que tentava raciocinar sobre o ocorrido, em vão.

A tenente espalmou as mãos sobre a mesa e encarou o parceiro nos olhos, assim como fizera no dia em que os dois haviam se conhecido.

— Destruir a sua sala não vai trazer Max de volta. — Ela rugiu, voltando a demonstrar os mesmos traços quase felinos que eram notados assim que era vista pela primeira vez. Payne não tolerava lamúrias e estava cansada de ver John desesperado, fazendo parecer que a morte do jovem era o fim até mesmo de sua carreira.

Se a mulher não aguentava calada nada que pudesse prejudicar seu desempenho no trabalho, aquela não seria a primeira vez que deixaria a situação piorar sem tentar acabar com o choro guardado do grande homem à sua frente.

Hale suava e seu peito, levemente inclinado para frente enquanto encarava a parceira de volta nos olhos, subia e descia numa respiração pesada e lenta, como se o homem tivesse acabado de terminar uma longa maratona. Hastings nunca o vira tão frustrado e furioso. Aguardou pelo momento em que ele se tornaria um completo bebê chorão e ela tivesse que acalentá-lo em seu colo.

Aquele não parecia o John que ela conhecia e a situação a divertiu muito, mesmo que ela não demonstrasse.

— Max era o único que tinha as respostas. — Ele disse, largando-se na cadeira e suspirando, levando a mão à barba e a acariciando enquanto pensava, mantendo os olhos longe dos da parceira.

— Como pode ter tanta certeza?

— Alguém mais demonstrou saber quem era o assassino? — questionou, ainda com os olhos vagando pela sala, sem olhar para a mulher.

— E por acaso acredita em cada palavra que sai da boca desses jovens? — Payne rebateu e afastou-se, voltando para próximo da janela e parando ali para olhar o movimento na avenida lá embaixo. — Até mesmo Max poderia estar blefando.

— Se ele estava blefando, por qual outro motivo morreria? — John finalmente voltou o olhar para ela, que agora estava de costas. Desceu os olhos pelas curvas de sua cintura e quadril, delineados através da calça preta apertada e a camisa social.

— Porque estava marcado. — Ela fez uma pausa e levantou um dedo acima do ombro, enumerando suas hipóteses de forma que ele visse. Ergueu o segundo dedo. — Sabia demais. — Ergueu o terceiro. — Você nem está prestando atenção, pois está olhando para minha bunda.

Hale corou instantaneamente e perguntou-se como Payne percebera aquilo. Logo viu seu reflexo no vidro da janela junto do sorriso da mulher o encarando.

— Droga, Pay. — Ele desviou o olhar do dela mais uma vez e fitou sua agenda sobre a mesa.

— É a primeira vez que me chama por apelido e escolhe fazer isso logo após olhar para minha bunda? — A tenente sentou-se despreocupada no sofá e cruzou as pernas, encarando o parceiro e lembrando-se da noiva. Ele não era nem de longe o que ela chamava de seu tipo. — Quanta intimidade, John.

Foram surpreendidos por Godinski, que abriu a porta fazendo com que os dois pares de olhos se voltassem para ele, interrompendo John, prestes a responder a parceira após o flagrante. Era a segunda vez que o homem entrava em contato com os tenentes naquele dia, o que fazia com que já esperassem por mais uma notícia ruim.

O policial baixinho dessa vez estava acompanhado pelo Sr. Delancey, que os detetives logo reconheceram por seus cabelos longos, óculos grandes e altura, que o tornava desengonçado de uma forma engraçada. O homem pouco lembrava a linda filha, que não herdara nenhum de seus traços.

Hale logo levantou-se e estendeu a mão para o professor universitário.

Payne continuou no seu lugar, apenas assentindo com um cumprimento e sorrindo, tomando a decisão de fazer o papel de observadora dessa vez.

Spencer foi convidado a sentar-se e Godinski ofereceu-lhe café — que foi recusado. John iniciou uma conversa simpática e amena, mas não sabia o que esperar daquela visita. Questionou a presença do homem assim que o policial se retirou, parecendo preocupado tanto quanto os outros dois.

— Sei que deveria ter sido aberto sobre isso antes. — Ele começou, fazendo com que os dois tenentes trocassem um olhar, recordando-se da frase parecida que Max dissera horas antes de morrer. Não havia mesmo como confiar nas palavras dos que estavam envolvidos de alguma forma. — Mas era algo que nem mesmo Nicole sabia. Decidi contar a verdade assim que tivesse a oportunidade de conversar novamente com vocês. Talvez seja ainda melhor agora, já que Max, Martin e Madelin estão a salvo.

John ouvia tudo atentamente, tentando identificar o rumo que aquelas confissões tomariam.

Anuiu mesmo quando Delancey citou o gêmeo agora morto, já que nada sobre a morte dele havia sido divulgado, por conta da investigação que agora acontecia na penitenciária, organizada pelo diretor do local. O segredo por enquanto era a melhor escolha.

— Entendemos, senhor Delancey. — O tenente disse, empregando em sua voz toda a empatia ainda restante. — Se acredita que sabe algo que possa nos ajudar, não hesite em dizer.

O professor pigarreou e ajeitou os óculos que, como de costume, escorregavam por seu nariz alongado, e voltou a falar.

— Há muitos anos, na minha época de faculdade, tive um relacionamento com Stella Hoffmann. — Ele encarou o tenente, vendo sua confusão, e então explicou-se. — Talvez vocês a conheçam hoje como Stella Hiver. Na época, ela ainda não tinha um relacionamento com Pietro, apesar de que ele já estava perdidamente apaixonado pela moça. Stella sempre foi muito bonita. Chegaram a conhecê-la? — Os dois ouvintes negaram, meneando a cabeça. — Ainda hoje é uma mulher estonteante. Hiver teve sorte, muita sorte. — Ele suspirou e voltou a baixar o olhar. — Mas eu e Nicole já estávamos juntos e até mesmo planejavamos nos casar. Há pouco tempo que finalmente admiti minha traição.

Os tenentes já não sabiam mais quantas vezes ficariam chocados com

informações que recebiam de todos os envolvidos. Sempre que acreditavam que já tinham em mãos tudo que era de alguma forma importante para o caso, alguém aparecia e os derrubava com mais uma revelação daquelas.

Ficaram em dúvida se deixavam que o homem continuasse a discorrer sobre suas relações passadas até chegar a um ponto relacionado ao atual caso, ou se colocavam para fora todas as dúvidas que agora tinham em mente. Hale resolveu permanecer em silêncio e sua parceira também nada disse, mantendo o mesmo semblante de surpresa que ele ostentava.

— Como podem ver, o relacionamento que tive com Stella não resultou em nada. — Ele pausou a fala, ajeitou os cabelos castanhos que atrapalhavam a face e mais uma vez ergueu os óculos com a ponta do indicador. — Exceto por um filho.

A surpresa só fez-se aumentar na face dos dois detetives que nunca haviam lidado com um caso tão complexo e cheios de tramas relacionadas. A cada nova revelação, tudo mais parecia um roteiro de novela que um típico caso de serial killer na cidade mais populosa do Texas.

— Um filho, senhor Delancey? — Hale perguntou, incrédulo, com a caneta pairando há centímetros do bloco de notas que já tinha em mãos há algum tempo, esperando que o homem continuasse o monólogo após o incentivo.

— Um filho — confirmou, ao mesmo tempo assentindo. — Mas eu não pude ficar com Stella. Eu a amava... Ainda a amo. Mas estava noivo e fui covarde demais para admitir para Nicole tudo que havia feito. Pietro recebeu Stella de braços abertos e juntos os dois criaram uma história para quando Austin questionasse sobre a paternidade ausente.

O nome de Austin mencionado no meio do diálogo fora a última palavra que os dois detetives conseguiram absorver. Até aquele momento, o filho gerado por Stella era uma incógnita, mas tudo agora fazia sentido quando comparavam a aparência do jovem com a do professor. O universitário, visto pela última vez ainda naquele mesmo dia sobre uma cama de aço lustrado, tinha os mesmos olhos e nariz anguloso do pai, assim como o cabelo, que os fazia parecer muito mais do que os gêmeos, filhos do juiz.

John nunca diria aquilo em voz alta, mas talvez Spencer Delancey fosse o maior culpado de todos aqueles crimes. Se não tivesse traído sua noiva, não teria gerado o filho bastardo e tudo seria evitado, desde o

sequestro e os assassinatos, até o que já acontecia há algum tempo, como o relacionamento de Lily e Austin que agora revelara-se um incesto, mesmo que desconhecido pelos dois. Provavelmente, Payne concordava com o tenente, pois encarava o homem com um olhar cheio de julgamentos por tudo que ele havia feito.

— Nós sentimos muito pelos seus filhos. — Foi tudo que Hale disse.

O homem apenas fez um gesto com a mão, dispensando as condolências. Desde que os detetives o viram pela primeira vez, Spencer realmente demonstrava ser o mais calmo ao receber as notícias, absorvendo tudo de forma rápida e oferecendo-se para consolar quem mais precisava naqueles momentos.

— Me arrependo apenas de nunca ter dito a verdade ao meu filho. — Delancey levou a mão até o tampo da mesa do detetive e cruzou a perna sobre o joelho, sendo observado em cada detalhe por Hastings. — Nunca tive a oportunidade de ouvi-lo chamar-me de pai.

— Acha que se tivesse sido sincero, poderia ter consertado a relação de vocês?

— Não havia o que consertar, tenente — respondeu o professor. — Eu e Austin nos dávamos muito bem. Tínhamos uma relação muito melhor que a dele com o pai de criação. Disso não tenho dúvidas.

— Então, por que não contar a verdade? — Hale perguntou, interessado em cada palavra que ouvia do homem.

— Para não perder Nicole. — Ele finalmente voltou a fitar o detetive nos olhos, demonstrando que, apesar de tudo, tinha afeição pela esposa, mesmo que possa ter sido desenvolvida depois que já estavam casados. — E também porque tinha que respeitar a escolha de Stella. Eu era apenas o homem culpado, que havia traído a noiva. Não podia tomar decisões naquela situação e nem ao menos escolher quando deveria ou não contar algo. Isso estava nas mãos de Hiver e Stella.

— Apesar de tudo, vocês três são amigos, certo?

— Nós quatro — corrigiu —, sempre fomos. Ainda somos. Entre momentos juntos, almoços, viagens, negócios... Tudo, por algum tempo, fora esquecido. Logo Nicole e eu nos casamos, tivemos Lily e não tardou também para que alguns meses depois do nascimento de Austin, Stella engravidasse

de seus filhos gêmeos. No fim, por fora éramos uma grande família feliz, mas tínhamos um segredo negro que corrompia e tornava-nos todos mentirosos de alguma forma. — O homem brincou com as canetas dispostas sobre a mesa num pote de vidro artesanal feito por Ella Hale, a mãe de John. — Tudo parecia poético, de alguma forma, e eu sempre fui apaixonado pela poesia e a literatura, tanto quanto sou apaixonado por Stella ainda, secretamente... ou não.

— Nicole nunca chegou a desconfiar da traição?

— Nunca. Até alguns dias atrás.

O silêncio permaneceu entre os três, enquanto os detetives aguardavam pela continuação da história cheia de reviravoltas, agora narrada do ponto de vista de Spencer.

— Fui à casa de Hiver há cerca de uma semana, logo após descobrir que ele havia encarregado a esposa da visita ao necrotério para o reconhecimento de Austin. Fiquei irritado com a atitude egoísta de Pietro, mesmo que não me admirasse. — Ele cuspiu as palavras carregadas de ódio pela atitude do amigo. — Assim que voltei para casa, me deparei com Nicole aos prantos, no escuro, fumando e descontando a raiva nos móveis da casa, dos quais só restava inteiro o sofá onde estava sentada. Jogou em mim toda a verdade e eu não pude fazer nada além de admitir. — Tinha culpa em cada palavra que dizia e continuava a livrar-se das palavras de forma rápida, como se cada uma delas fosse um peso que carregava nas costas e o ferira por tempo demais. — Pediu o divórcio logo depois. Levou consigo só o quadro da nossa família e o dinheiro herdado de seus pais.

— Espera que ela o perdoe? — Payne perguntou, levantando-se e caminhando até onde o parceiro estava, parando ao seu lado.

— Não. E creio que assim será melhor para ela — respondeu, erguendo o olhar para a detetive. — Nicole merece um homem de índole melhor que a minha. Não concorda, tenente?

— Talvez se culpe mais do que deveria, senhor Delancey. — Payne respondeu, de forma sincera. — Talvez já seja hora de esquecer os erros do passado, não acha?

O homem não respondeu e tirou os óculos, passando a mão pelo rosto e logo depois ajeitando o cabelo mais uma vez. Analisando o professor, Payne havia percebido que esses gestos nele eram muito semelhantes ao

acariciar na barba que John costumava fazer quando estava pensativo.

— Onde sua esposa está morando agora? — Ela perguntou e ele voltou a colocar os óculos antes de respondê-la.

— É provável que Nicole esteja com o irmão, Tom. Os dois são muito próximos e ele ainda reside na casa que era de seus pais. — Ele explicou.

— Tom por acaso é ruivo, Delancey? — John questionou, lembrando-se então da aparência de Nicole, que tinha os cabelos escuros da filha, mas a pele sardenta e extremamente clara. Lembrou-se também do casal de irmãos que praticara os crimes, torcendo para que os dois se encaixassem na descrição. Não tinham ideia de como era a mulher, mas tinham em mãos algumas características do homem.

O professor pensou por longos segundos, de olhos fixos na parede, perdido nas suas próprias lembranças, e então seu semblante pareceu se acender pela clareza de uma memória resgatada.

— Creio que ele pode ser definido assim. Não é aquele típico ruivo sardento ao qual estamos acostumados a associar a palavra, é claro, mas Tom tem os cabelos e a barba acobreados — respondeu finalmente. — Desculpem-me, há muito tempo não vejo meu cunhado. Nunca me dei muito bem com nenhum dos Adams — esclareceu.

— Muito obrigado. — John respondeu, anotando em silêncio em seu bloco, ao mesmo tempo em que tentava esconder sua satisfação com a resposta, sabendo também que Payne entendera onde ele queria chegar com a pergunta.

— Spencer, creio que temos uma informação que certamente é interessante a você. — Hastings disse e o parceiro notou em sua voz o tom satisfeito, mas agora estava curioso sobre onde a mulher queria chegar, usando da sua insistente mania de chamar os interrogados pelo primeiro nome. — Pode deixá-lo chocado e nós entenderemos, mas são seus filhos e merece saber a verdade.

O tenente finalmente entendeu.

Era necessário que Spencer saísse dali sabendo que seus dois filhos haviam se relacionado amorosamente e talvez até mesmo sexualmente. Seria doloroso e com toda certeza o homem se sentiria ainda mais culpado, mas aquela informação não poderia permanecer escondida da família dos jovens.

— Sou todo ouvidos, tenente Hastings. — Lembrou-se do nome dela e resolveu usá-lo para demonstrar que não se importava com a intimidade com que ela falara com ele.

— Algumas testemunhas, amigos de seus dois filhos, nos contaram há pouco sobre a verdadeira relação deles. — A detetive tentou não ser tão direta, sendo essa uma tarefa extremamente difícil para ela, que costumava ir sempre direto ao ponto. — Austin namorava Madelin, mas demonstrava-se apaixonado por Lily. Os dois estavam se relacionando há cinco meses antes de morrerem.

Ela não sabia se havia usado as palavras certas, mas a expressão do homem mudou de imediato, voltando a se tornar repleta de culpa e tristeza, fazendo com que ele não dissesse mais nada além do necessário. Pediu para se retirar de volta para casa e os tenentes consentiram, sabendo que a notícia não havia sido boa e atingira o professor de forma avassaladora.

Quando o homem já se retirava, John chamou sua atenção e fez apenas mais uma pergunta, esperando que com aquela questão respondida, o caso pudesse se encerrar ali mesmo.

— Apenas mais uma coisa, senhor Delancey. — Ele fez uma pausa, cruzou as mãos sobre a mesa e encarou o homem. — Nicole sabe costurar?

— Sim, claro. — Ele respondeu rapidamente e sorriu ao lembrar-se de uma parte de Nicole que talvez um dia ele houvesse amado de verdade. — Ela sempre amou costurar.

Hale meneou a cabeça positivamente e o dispensou, feliz com a resposta recebida, observando enquanto o homem desaparecia pela porta da sala.

Payne recostou-se na porta e respirou fundo assim que ele se retirou, e então voltou o olhar para o parceiro e sorriu.

— Está pensando o mesmo que eu, certo?

Ele devolveu o sorriso e assentiu, cruzando os braços atrás da cabeça e recostando-se na cadeira, satisfeito com o caso se resolvendo finalmente, sem que eles nem ao menos precisassem sair daquela sala.

— Um caso incestuoso, dois triângulos amorosos, duas mulheres traídas. — Payne continuou. Sem resposta do parceiro, voltou para seu sofá.

— Só sei que já não me resta dúvida alguma de que Nicole Delancey

e Tom Adams são nossos assassinos. — Ele finalmente disse e ela assentiu, concordando.

Tudo apontava para eles.

Capítulo 36

Ganância

A casa dos Adams era o retrato exato de uma grande herança de várias gerações de uma família que vivera da hotelaria por décadas.

Em meio a uma sociedade tão capitalista, aquela família pouco diferia de tantas outras estirpes ricas. Criaram sua própria forma de procriação e sucessão para que a fortuna se mantivesse nas mãos de poucos. Tinham suas próprias leis e costumes, mantidos por seis gerações.

Cada geração tinha apenas dois filhos, exatamente. O primogênito, desde sua geração, estava predestinado a ser o administrador de tudo o que os Adams possuíam, além de tomar conta para que os costumes fossem respeitados. O segundo filho se tornava o responsável por dar continuidade à família. Assim, casava ao atingir a maioridade, tinha seus dois filhos e os educava para a continuidade dos hábitos dos antecessores.

Mas, pela primeira vez em cerca de cento e cinquenta anos, tudo fora por água abaixo.

Nicole, que deveria ter dado continuidade à família, casou-se tarde com alguém que seus pais não aprovaram enquanto vivos. Infelizmente, depois de ouvir seus desejos sendo negados por meses, o destino lhe deixou problemas de saúde que só lhe permitiram ter uma filha em toda a vida.

Mas a jovem, que tinha um grande propósito nas mãos, e teria que ter filhos e administrar o dinheiro das gerações anteriores, mudara o destino e os costumes de forma ainda mais drástica.

Lily, que tentara fugir do fardo a vida toda, morrerá, e a família Adams estava agora designada a ter um fim.

O único que ainda tinha o poder de contornar a situação era Tom, mas tudo que o homem conseguia fazer naquele momento se resumia em andar de um lado para o outro na sala de estar da mansão onde morava, em busca de respostas que não conquistaria. Sentia seus antepassados se contorcendo em seus túmulos, levando em conta onde tudo havia chegado e sabia que tudo havia sido culpa dele, por ter perdido o controle da irmã e permitido que ela se casasse com Spencer e deixasse de perpetuar os costumes. Sua tia, que

tanto se dedicara aos negócios enquanto pôde, morreria de desgosto se estivesse viva.

Enquanto isso, Nicole o observava sentada no sofá e já havia desistido de chorar. O irmão era tudo que lhe restava agora e não poderia fazer nada se ele insistisse em continuar apontando o dedo a ela para lhe culpar pelo que acontecera à família, mesmo que soubesse que era o único culpado por prolongar os ideais ridículos.

Quando a campainha tocou, Tom tinha os olhos fixos mais uma vez nos da irmã e gritava com ela, após ter recebido a notícia do tão esperado pedido de divórcio. O homem passou a mão na barba, lançou um último olhar à irmã, ajeitou a gravata da camisa escura e se dirigiu para a porta, logo depois de lembrar-se que havia dispensado os empregados de suas obrigações naquele dia.

Abriu a porta bruscamente e surpreendeu-se ao se deparar com o distintivo estendido do tenente John Hale, o qual já havia visto nos noticiários em dias anteriores. Não permitiu a passagem dele nem da mulher que o acompanhava, que era notadamente uma detetive também.

— Pois não? — perguntou.

— Temos um mandado de busca para sua residência, senhor Adams.
— O grande homem à sua frente disse, com um sorriso de lado, demonstrando divertir-se com a situação. Tom arregalou os olhos ao ouvir as palavras do tenente.

— Um mandado?

A mulher atrás do detetive deu um passo à frente e desdobrou um papel que tinha em mãos, entregando ao dono da casa. O homem passou a mão nos cabelos bem penteados e leu as informações com atenção. Assustou-se ainda mais quando no final da página encontrou a assinatura de Pietro Hiver, confirmando que o juiz fora responsável pela autorização que os tenentes tinham em mãos.

— Nicole! — gritou para dentro da casa, ocultando parte de seu corpo novamente, ainda impedindo que os tenentes entrassem.

Sua irmã, que muito lembrava a filha assassinada, principalmente pelos cabelos longos e negros e os olhos claros, apareceu ao seu lado e pegou a folha de papel que ele lhe estendia.

— Maldito Hiver. — A mulher disse, ao ler o mandado. Dirigiu o olhar para os tenentes e depois voltou a face para o irmão, que tinha um pouco além de sua altura. A família era agraciada com dinheiro e beleza, mas lhes faltava estatura. — Deixe-os entrar, não podemos impedir.

O ruivo abriu a grande porta de madeira lustrada e deu espaço para que o casal de detetives entrasse, insatisfeito com a visita no momento inoportuno em que tentava resolver os negócios da família. Reparou que, como seus títulos demonstravam, eram pessoas de muita experiência em suas carreiras, além de que a mulher parecia ter bastante dinheiro, aparente em suas roupas que Tom logo viu que eram caras, apesar de usá-las para um trabalho de rua. Hale não se equiparava, pois tinha o mesmo senso de moda que um morador de rua. Admirador da arte, da moda e dos bons costumes, Adams enojou-se com o contraste gritante dele em sua casa tão bem cuidada.

— Eu acabei de me mudar, tenentes. — Nicole disse, entendendo que a investigação se tratava de uma perseguição à sua pessoa, segundo o mandado, que informava a busca por fantasias feitas à mão, botões e outros materiais de costura, assim como bisturis, serras elétricas e facas. — Não encontrarão nada. Ainda assim, acham mesmo que matei minha filha?

Ela tinha os braços abertos e os olhava incrédula, enquanto os dois caminhavam pela sala e olhavam ao redor, ainda sem tocar em nada, provavelmente admirados com a amplitude do ambiente.

John finalmente a encarou e tirou suas luvas do bolso do jeans e as calçou, fazendo com que suas mãos se tornassem cobertas de branco e contrastassem com a pele dourada de seu braço forte. Ignorou o que a mulher dizia e desviou o olhar para o homem.

— Tem uma máquina de costura, senhor?

— Mas é claro! — Ele disse, como se a resposta fosse óbvia. — Vou levá-los até o meu cômodo de costura, mas estejam cientes de que sou o único que o usou nos últimos vinte anos.

— Veremos. — John sorriu, mostrando todos os seus dentes muito brancos. — Hastings conversará com você mais uma vez, Sra. Delancey. Espero que colabore conosco.

O tenente já não mais impediria que Payne conduzisse os interrogatórios, sabendo que a parceira se mostrara melhor que ele nos últimos dois. Sentia-se derrotado, mas isso era o melhor para que os casos se

concluíssem de forma mais rápida.

Assim que o irmão se retirou ao lado de John, Nicole resolveu convidar a tenente a sentar-se, já que não havia mais escolha a não ser responder todas as suas perguntas. Admirava que não tivessem uma equipe no auxílio das buscas. Certamente não tinham tanto apoio do departamento naquele trabalho, mas o que realmente não lhe saía da cabeça era a traição de Pietro para com ela. A amizade já não mantinha o mesmo nível de vinte anos atrás.

— Quanto tem de altura, Sra. Delancey? — Payne começou, ajeitando-se no sofá rústico e nada confortável e pegando seu bloco de notas.

— Um metro e cinquenta e nove. Mas o que isso muda, tenente? — A mulher parecia confusa. Sentou-se à frente da detetive e cruzou as pernas.

— Muito. E seu irmão, quanto mede? — perguntou mais uma vez, de olhos fixos no bloco.

— Um e sessenta e cinco, ou sessenta e oito. Eu não sei. Que diferença faz nossa altura?

— Onde esteve no último mês? Saiu da cidade alguma vez?

— Não. Não viajo há mais de cinco anos.

— Não foi a Longview? Dallas? Talvez Shepherd?

— Nem ao menos pisei os pés para fora do território de Houston, tenente Hastings. Sua investigação é inútil e não vai te ajudar a encontrar quem fez isso, pois está procurando no lugar errado — falou com rispidez, apesar de manter um tom calmo sem que gaguejasse nem ao menos uma vez.

— Contratou alguém para ajudá-la a sequestrar, matar e esquartejar sua filha em busca de vingar-se de seu marido, senhora Delancey? — Payne agora tinha os olhos fixos no rosto da mulher e sabia que a atingira com a pergunta.

Boquiaberta, Nicole não respondeu. Meneou a cabeça negativamente diversas vezes, não acreditando que ouvira aquela pergunta da boca da detetive, que permanecia serena como se aquela fosse uma conversa amena entre duas velhas amigas num chá da tarde.

— Não me admira que a polícia de Houston já não tenha tanto êxito nos casos investigados nos últimos tempos. — Ela disse finalmente, ignorando a questão.

— Está completamente enganada. — Hastings sorriu de lado e esperou por mais um momento, ainda com esperanças de que houvesse uma resposta para sua pergunta anterior.

Levantou-se do sofá e mudou totalmente de expressão, quando seu parceiro apareceu na porta, com um olhar de derrota, movendo a cabeça em negativa ao mesmo tempo em que tirava as luvas.

— Nos desculpem pelo incômodo, senhores. — Hale disse, com uma pontada de ironia, olhando para Nicole e depois para o homem que o acompanhava. — Agradecemos a colaboração.

— Agradeceremos também se não voltarem mais à minha casa. — Tom sorriu, rebatendo a ironia e indo até a porta com os detetives, fechando-a assim que os dois saíram.

— O que lhe perguntaram? — Dirigiu-se à irmã enquanto caminhava de volta ao centro da sala.

— Coisas irrelevantes.

Tom sabia que ela mentia, mas resolveu ignorar. Se a irmã considerava que ele não necessitava saber, deixaria para o momento em que ela própria quisesse contar o que se passara ali.

— Como conseguiu, Nicole? — Ele perguntou, considerando que a mulher sabia do que ele falava.

— É claro que me livrei de tudo, Tom — respondeu e levantou-se finalmente, encarando o irmão. — Já esperava que poderiam conseguir um mandado e vir até aqui e não sou tão burra a ponto de deixar todas aquelas coisas ao dispor da polícia. — Ela sorriu. — Agradeça-me me perdoando pelo que me acusava uma hora atrás.

Capítulo 37

Meus Pêssames

Chuva.

Água que cai do céu de forma dançante e lava a alma dos seres que ainda sofrem na Terra pelos que, por conta do destino, já deixaram o mundo dos vivos. Também pode ser sinônimo de destruição, mas naquele dia era calma. Tocava a grama e a acariciava como um encontro romântico inevitável. Nem mesmo as poças enlameadas que se formavam no chão tornavam o lugar menos que belo, pois nada arrancava de todos os presentes a ideia de que o infinito azul-cinza do céu derramava um pranto torrencial pelos jovens que se foram. Ou talvez fossem as lágrimas de cada corpo sob aquele solo.

Capas negras e guarda-chuvas eram das presenças de maior número no ambiente, disputando protagonismo apenas com as lágrimas que se misturavam à água da chuva, logo esquecidas e apagadas, após sangrar a alma de quem as derramava e deixar cicatrizes que se perpetuariam. O luto era notável no preto que vestia todos os presentes, fazendo da paisagem uma cena ainda mais desoladora. As árvores ao redor estavam secas após o fim do outono e a única cor do ambiente era a da grama esmeralda que era esmagada pelos pés pesados dos presentes soturnos.

Se existe mesmo uma missão para cada ser no mundo, aquelas duas almas tão jovens tiveram sua incumbência interrompida por outro ser de alma tão negra quanto as nuvens que cobriam o céu naquela data carregada de desesperança.

O pé d'água atingia com força a madeira escura e avermelhada dos caixões e as gotas bailavam conforme os respingos se igualavam a pequenas explosões que, juntas, tornavam inaudível a fala do padre, único trajado de branco. Trégua. Paz. As flores também brancas acima dos caixões brilhavam com o reflexo das gotas sobre as pétalas e escorregavam para o chão, empurradas pela chuva.

Nada aniquilava a lamúria do céu.

A grande aglomeração de pessoas e a cascata da chuva impediam que

rostos fossem discernidos no tumulto de curiosos, familiares e amigos. Dessa forma, Payne e John não haviam sido notados por ninguém ainda.

Com seus sobretudos pretos e as mãos nos bolsos, os dois tenentes facilmente seriam confundidos com agentes secretos infiltrados. Mas naquele momento estavam ali apenas pelo apego que desenvolveram pelas duas vítimas e para que deixassem seu apoio à família Delancey e aos Hiver.

Payne, com seu olhar aguçado e inteligente, buscava na multidão as pessoas que lhe interessavam, enquanto andava ao lado do parceiro. Já avistara Nicole, com quem haviam se encontrado no dia anterior e que agora tinha um olhar mais calmo e triste. Ao seu lado estava Tom e, numa proximidade ajustada, Spencer parecia tentar disfarçar o término do casamento. Stella também estava próxima dos três, mas extraordinariamente sozinha.

Após darem a volta ao redor do círculo que se formara em torno dos caixões e do padre, notaram que Martin e Pietro não estavam presentes.

A chuva começava a se abrandar.

O padre finalizava sua fala.

Os olhares se voltaram para um botão de rosa branco, segurado por uma mão igualmente pálida, que era deixado sobre o caixão.

O caixão de Austin.

A mão de Madelin.

Uma demonstração franca e sincera de um amor que se encerrara ali para ele e continuaria fazendo morada e dilacerando o peito da jovem. Ninguém conseguiria ampará-la, levaria muito tempo para que ela voltasse a amar e nunca alguém tomaria o lugar de Austin em seu coração.

Payne suspirou, emocionando-se com a cena que mais parecia saída de tela de cinema, principalmente quando uma lágrima escorreu pela bochecha da garota ruiva. Um filme de drama, pausado numa cena triste.

A jovem abraçou a si própria, puxando seu casaco para envolver ainda mais seu corpo magro, e começou a falar, ao mesmo tempo em que o último pingo de água caía do céu.

— Austin foi pra mim como cais que abriga o barco e o segura em meio à tempestade. Durante anos, ele me protegeu, me fez crescer. Fez de mim a pessoa mais feliz dessa cidade. Me presenteava com um sorriso e eu

ganhava o dia. — Ela sorriu tristemente, levando as mãos ao rosto e ajeitando os cabelos que lhe caíam sobre a face. — Certa vez, disse que se casaria comigo, prometeu que teríamos uma família grande, com alguns filhos adotados também, moraríamos no Reino Unido e o mundo teria inveja da nossa alegria. — Ela fez uma pausa, esperando o fim do burburinho entre os presentes, que suspiravam com o relato da personalidade do jovem. — Ele era sempre muito romântico. Me levava a jantares, dizia e mostrava o tempo todo o quanto me amava, pois nada o impedia de ser verdadeiro comigo. Era o que ele dizia, seria sempre sincero, porque assim nada me tiraria dele.

— Droga. — Payne murmurou, arrancando a atenção de John do discurso da namorada do jovem. Ao direcionar a visão para o lado dela, percebeu que Pietro andava diretamente até eles.

— Boa tarde, detetives. — Ele não os olhou, apenas parou ao lado deles e voltou o olhar na direção dos caixões e de Nicole, agora parada ao lado do caixão da filha, com a mão sobre a madeira escura. — Vejo que não obtiveram êxito mesmo com minha ajuda.

— Não encontramos nada, Hiver. — Hale disse, sem medo do homem ao lado da parceira.

— Espero que consigam resolver isso logo. — Ele pigarreou, levou a mão até a boca e depois ajeitou a gravata preta, assim como o terno. — Tem policiais por todo meu terreno, Martin corre perigo e vocês ainda não têm ninguém atrás das grades. — Seu tom não oscilava em nenhum momento, demonstrando seu controle vocal. — Podem continuar contando com minha ajuda.

Uma rajada de vento desalinhou seus cabelos naquele momento, deixando fios caídos nas laterais de seu rosto quadrado, fazendo com que ele lembrasse muito seu filho agora morto, ao qual ele não havia mencionado nenhuma vez aos detetives.

— Sinto muito por Max. — Payne disse e respirou fundo, desviando os olhos de Pietro, que finalmente tinha mudado a expressão para algo muito parecido com o que era encontrado na face dos enlutados ali presentes.

— Max era tudo pra mim — respondeu e sua voz falhou de uma forma quase imperceptível. — Éramos parecidos demais e ele era um garoto muito inteligente.

— Ele salvou o irmão, ia contar a verdade a nós. — John se colocou

no meio da conversa. — Admiro a coragem dele.

— Obrigado, tenentes — sussurrou e depois calou-se, certamente lembrando-se do filho. — Aham que o assassino pode ser uma dessas pessoas aqui presentes?

— Sim.

Hale respondeu de forma sincera e então os olhares dos três repousaram sobre os principais ligados ao caso. Nicole ainda discursava e Spencer a admirava com um olhar triste, ao contrário de Tom, que tinha uma expressão impassível. Stella agora encarava os três servidores da lei e por vezes parecia buscar o olhar do marido, que provavelmente queria sentir sozinho sua dor. Donna e Jordan também vieram prestar suas homenagens, principalmente a Lily, e encontravam-se distantes, quase imperceptíveis atrás de uma grande árvore. Talvez por desconhecerem o restante dos rostos ali, ou também porque não queriam que ninguém os visse.

Na outra extremidade do círculo, Claire estava sozinha e de vez em quando lançava um rápido olhar à sua noiva. Payne sorria de volta, como se dissesse que estava tudo bem. Ela viera acompanhando sua namorada, mas também precisava ajudar o parceiro, pois aquilo era muito mais que uma presença para a família dos mortos, tratava-se de trabalho.

Surpreendentemente, Kellan Sulliwán também estava presente, sentado sozinho num lugar distante, provavelmente apenas por ter estado envolvido de alguma forma no caso. De cabeça baixa, fitava o gramado, parecendo estar presente ali apenas em corpo.

No fim, cada rosto claramente escondia algo, apenas restava aos tenentes descobrirem o segredo de cada um por trás das amarguras e ausências de sentimentos ocasionais.

— Sim, tenho certeza — repetiu, agora com um meio sorriso no rosto e a vontade de descobrir o serial por trás das mentes daquelas pessoas.

Capítulo 38

A Última Esperança

Depois daquelas horas buscando analisar a reação de cada um dos envolvidos no enterro de Austin e Lily, saíram da multidão amargurada para voltar para a multidão que cruzava os corredores e saguões do departamento e seus sons constantes e conhecidos.

— Vai folgar?

Payne perguntou assim que entraram juntos no prédio da polícia de Houston. Ela pretendia esticar-se um pouco no sofá da sala de John e pensar, talvez tirar uma soneca, mas não iria para casa.

Fora difícil despedir-se de Claire no fim do velório. A mulher parecia ainda mais triste que antes e claramente pedia em silêncio que a noiva a acompanhasse até em casa. Hastings apenas a abraçou e disse que precisava encerrar o caso e, assim que o fizesse, ficaria mais tempo com ela.

— Só preciso comer algo e... — respondeu John e fez uma pausa, andando ao seu lado e perguntando-se como ela agiria sabendo de seus vícios. — Fumar um cigarro. Depois vou voltar a trabalhar.

— Você fuma? — Ela questionou, surpresa com a revelação.

Ele deu de ombros e tirou seu casaco quando já se encontravam nos corredores quentes do prédio, carregando-o na mão e sentindo o peso da água que se acumulara no tecido depois dos vários minutos debaixo de chuva. Hastings fez o mesmo, revelando a blusa vinho colada ao corpo que usava naquele dia. Na altura das costelas, o coldre lateral que ela sempre usava.

Subiram as escadas em silêncio, segurando seus respectivos casacos e de olhares fixos nos degraus mal-iluminados. Quase trombaram no policial do departamento de narcóticos que descia apressado. Estavam quase no terceiro andar quando foram surpreendidos por Godinski, no fim do lance da escada, arfando e apoiando-se na parede, quando tentava chamar a atenção dos dois tenentes com sons estranhos. Payne foi a primeira a olhar para trás e voltou a descer alguns degraus para verificar se o colega de trabalho estava bem.

— Tudo ótimo. Foi só a corrida. — Ele respirou fundo e voltou a se

equilibrar de forma ereta. Apontou para a perna mecânica e fixou os olhos na tenente. — É horrível correr com isso aqui, acredite.

— Eu acredito — disse Payne, sorrindo para o policial, enquanto John já se aproximava dos dois, ajeitando as mangas da blusa, sentindo o calor que fazia dentro da delegacia.

— O que houve, Godinski?

— Martin está aqui — respondeu, agora já com mais fôlego. — Parece estressado, mas veio acompanhado de um policial.

— Ele aprontou algo?

— Não. — O policial balançou a cabeça em negativa, dando ênfase. — Quer que o levem à Shepherd. Acha que pode encontrar o albergue.

Payne trocou um olhar com John, não deixando de sorrir e, sem pensar duas vezes, começou a descer a escada de volta ao térreo, em busca de mais uma aventura pela Rota 59. Hale ficou logo atrás, igualmente contente com a boa notícia, enquanto ajudava Godinski.

Δ

Estavam já bem próximos à cidade de Shepherd e o sol começava a se pôr.

Dessa vez, ninguém pregara os olhos durante a viagem e todos pareciam a cada momento mais ansiosos para o encontro do lugar onde os cinco jovens estiveram encarcerados.

Logo atrás da viatura que Hale dirigia, os dois policiais rodoviários, Wiltshire e Acker, os acompanhavam. Resolveram ajudar desde que lhes informaram que estavam voltando para aquele condado em busca de novas informações. A ajuda dos dois seria muito útil, principalmente por conhecerem melhor os arredores do rio Trinity. Assim que encontrassem o albergue, ligariam para o departamento que com certeza enviaria uma equipe de coleta de provas para o local.

Mas por enquanto, eram apenas os quatro policiais e Martin, um civil que tinha o poder de mudar tudo. Tudo agora dependia da noção de direção do jovem e do quanto ele se lembrava do caminho que haviam feito anteriormente.

Enquanto dirigia, Hale conversava com o rapaz sentado no banco de trás. Martin disse que teve medo em alguns momentos de que nunca saíssem daquele lugar e havia tentado se matar dentro da jaula, deixando de comer e beber água, mas não conseguiu suportar a dor que causou ao próprio corpo. Temeu novamente quando estavam fugindo do local e suas pernas fraquejaram, seu corpo já não tinha os movimentos tão firmes quanto um mês antes. Sons de lamúria foram emitidos durante a fuga e, em muitos momentos, acharam que seriam pegos fugindo.

Ouvir mais uma versão dos acontecimentos estava sendo bom, pois Max não havia sido tão claro quanto à fuga.

— Ali. — Martin disse, apontando para um posto de gasolina, aproximando-se da janela contrária a que estava. — Foi ali que tudo aconteceu, onde fomos sequestrados.

O tenente desacelerou, abaixando seus óculos escuros e observando o local onde o crime havia acontecido, esperando por mais informações do jovem.

— Nos pararam logo ali, na saída — disse, indicando o fim da pequena estrada que ligava o posto à rodovia. — Eram dois homens e estavam armados. Eu e Madelin fomos colocados numa van e depois eu só voltei a ver meu irmão no dia em que saímos de lá. — Ele fez uma pausa e seus dedos deslizaram pelo vidro, perdido na antiga cena do filme de sua própria vida, como se quisesse voltar para aquele momento para tentar mudar a forma como as coisas haviam acontecido. — Continua. O lugar onde estávamos não fica muito distante daqui.

Hale afundou o pé no acelerador de novo e seguiu pela Rota 59, dessa vez olhando tudo ao redor com mais atenção. Existiam matas na região e trilhas que, a cada vez que apontavam ligadas à rodovia, arrancavam um pouco mais da pouca esperança que restava aos dois detetives.

— Cervo. — Martin disse de repente e em voz alta, fazendo com que o outro homem freasse, achando que havia se distraído e estava prestes a atropelar um animal na estrada. Por pouco, a viatura atrás não bateu no carro da polícia de Houston. — A imagem de um cervo não me sai da cabeça. Deve estar querendo me dizer algo.

Martin parecia concentrado em pontos por entre as árvores, a cada momento mais inquieto no banco de trás, movendo-se de uma janela para a

outra, procurando o local.

— Isso pode dizer algo. — Payne disse, de olhos fixos à frente e o cotovelo apoiado na janela aberta, usando a mão como apoio pro rosto. Incrivelmente, a mulher conseguia demonstrar tédio num momento de extrema concentração.

Os quilômetros continuavam a rodar no visor do sedan preto de Hale. A cada número, uma gota a mais de desesperança.

Sabiam que mais uma vez voltariam à estaca zero se não encontrassem a casa abandonada, porque mesmo com equipes de busca e vários condados unidos na busca, poderia levar muito tempo. A região era recheada de casas, fazendas, cabanas e estradas desertas.

— Hale — disse Payne, fazendo com que o parceiro olhasse para o que ela havia visto, parando o carro no acostamento. A expressão de Martin foi o suficiente para confirmar que aquele era o local.

Uma estrada de terra despontava por entre as árvores e cruzava a rodovia, deixando um rastro de terra quase branca e arenosa sobre o concreto. Ao lado da estrada, uma placa tinha o desenho da silhueta de um cervo pulando, indicando a presença de animais na estrada e solicitando o cuidado dos motoristas.

Desceram do carro e cruzaram rapidamente a distância que os ligava à estrada, seguidos de perto pelos outros dois, que estacionaram logo atrás. Sobre a estrada de terra batida, marcas de pneu eram facilmente vistas, indicando a passagem de algum carro por ali diversas vezes nos últimos dias.

Olharam ao longe e lá estava a casa, não muito distante, escondida por trás de algumas árvores.

Parado atrás dos detetives, com as duas mãos sobre a cabeça e um olhar de choque, Martin se mostrava transtornado pela primeira vez desde que fora encontrado. Ele ainda não estava preparado para reviver os momentos de tortura pelos quais havia passado no último mês.

Não estava preparado agora e não estaria em momento algum.

Pouco tempo depois, o jovem voltava para casa no carro dos policiais rodoviários e uma van da equipe de Liam vinha de Houston para que iniciassem o trabalho.

John sabia bem que tudo naquele lugar estaria marcado pelas mãos

dos assassinos.

Capítulo 39

Paredes de Sangue

A visão do coração de Austin mergulhado num líquido transparente dentro de um pote de vidro arrancou o olhar curioso de todos os que chegaram até aquela sala da casa abandonada.

Payne estava mais próxima da parede onde a exposição se encontrava e tinha a cabeça inclinada e o olhar perdido na coloração desbotada do que um dia fora o músculo mais forte do corpo do jovem. Aquele era o único objeto aparente que parecia ter algum valor para o assassino e poderia estar repleto de digitais. Se quisessem encontrar algo que identificasse as duas pessoas por trás da máscara, sem a espera do laboratório, teriam que revirar cada centímetro da casa.

Juntos da equipe, que chegara cerca de duas horas e meia depois, já haviam vasculhado toda a casa e encontrado o lugar onde aparentemente os cinco jovens haviam ficado trancados. No chão de madeira havia um alçapão quase imperceptível e, passando por ele, era possível encontrar um porão grande, com diversas divisórias, onde sete jaulas pareciam ter abrigado animais anteriormente. Deduziram que algum dia aquele lugar abandonado havia pertencido a um caçador e mais tarde fora utilizado pelo assassino. Pelo chão do porão, restos de comida e animais pequenos eram encontrados, deixando o local num estado deplorável e com um cheiro insuportável ao nariz de qualquer um.

A simples presença no local causava repugnância e trazia desconforto, acompanhado de imagens do que poderia ter acontecido no local.

Tudo estava sendo varrido pelas mãos hábeis dos cientistas e policiais, que procuravam por digitais ou qualquer coisa que pudesse aproximá-los dos criminosos.

Com tudo isso, o mais assustador ainda estava na sala do primeiro andar, onde as paredes — além de todo o resto — haviam sido pintadas de sangue.

No centro de uma das paredes, a prateleira e o coração.

No centro da sala, uma cama alta de ferro.

No centro do peito de Austin, um vazio e um bilhete.

Assim que pisaram os pés sobre o cômodo sangrento, souberam que aquelas paredes de sangue sabiam muito mais do que todos os profissionais presentes juntos. Cenas de um filme de terror foram gravadas ali pelos olhos de um casal que não ligava para a dor dos que sobreviveram.

Uma mulher alta e de origem oriental foi a primeira a dar um passo à frente e, com a ajuda de um de seus colegas, o recipiente foi colocado dentro de um grande saco de provas, para depois ser analisado por todos os olhares ainda curiosos. Todos se surpreendiam com a visão de um órgão humano, mesmo que trabalhassem naquele meio há anos.

Mas o que não saía da cabeça de Payne era a dúvida sobre a presença daquele objeto ali, depois de todo o ocorrido. Perguntou-se se os assassinos pretendiam voltar ao local, mas sua questão era contraposta pela ausência de outros objetos naquela casa. Nenhum móvel além da cama e da prateleira, nenhuma decoração além do coração.

Conseguiu chegar apenas à conclusão de que os assassinos mais uma vez estavam um passo à frente e já esperavam que encontrassem a casa.

— Eles sabem que estamos aqui — sussurrou, e todos os olhares se voltaram para a tenente. — Os assassinos sabem que estamos aqui. Deixaram isso para que encontrássemos. — Ela falou mais alto e procurou o olhar do parceiro em meio às quase dez pessoas ali. — Isso pode ser uma emboscada.

— Como assim? — questionou Hale, fitando os olhos da mulher.

— Não há nada aqui além desse órgão. — Ela explicou, passando as mãos pelos cabelos e fechando os olhos por um momento enquanto pensava. — O serial levou tudo, menos isso. Mas parecia tão ligado às vítimas, por que não levar o coração de Austin?

— Não sabemos se é mesmo o coração dele.

Hastings abriu os olhos e o fitou incrédula, enquanto alguns peritos andavam até outros cômodos e os demais olhavam de um tenente para o outro, interessados na discussão.

— Você ainda duvida, Hale? — perguntou. — Droga, ainda duvida que esse é o coração dele?

— Não sei. — Ele fez uma pausa e virou as costas, andando até a porta que dava para a cozinha. — Não dá pra ter certeza.

— Deduza. — Ela disse e foi até a única janela do cômodo, que dava ampla visão do terreno frontal da propriedade. — Nossos seriais tiraram o coração de Austin e até agora não o tínhamos encontrado. Encontramos então a casa onde os cinco jovens estavam presos e damos de cara com esse coração.

Um caminhão passou pela rodovia. Além daqueles sons, apenas as conversas entre os cientistas dentro e fora da casa. Payne voltou o olhar para o parceiro que agora a encarava.

— Se não é o coração de Austin, de quem seria?

John apenas balançou a cabeça negativamente e desapareceu pela porta da cozinha.

Como todos os cômodos da casa, ali também não havia nenhum móvel, e alguns canos que não estavam ligados a lugar algum pingavam uma água suja sobre o chão igualmente imundo.

Apenas um homem da equipe forense estava no local e suas roupas brancas tinham vestígios da sujeira da casa. John não sabia o que procurava, mas andara por toda a casa e nada ainda chamara sua atenção.

Lançou um olhar ao outro homem e se aproximou do cano anteriormente unido à pia. Já havia calçado as luvas, mas não pretendia tocar naquela água esverdeada.

Um brilho chamou sua atenção no chão onde caía água perto do cano e fez com que ele pegasse sua lanterna para uma visão mais clara do que era, iluminando a poça de água intragável. Percebeu, assim que bateu os olhos mais uma vez, que o brilho se tratava de uma joia.

Levou sua mão até a água esverdeada e desviou o olhar, evitando a visão de seus dedos tocando no lodo.

Levantou-se quando já estava segurando a corrente fina enfeitada por um pingente de pedra azul. Admirou o adorno sujo assim como a ponta de seus dedos e caminhou com ele nas mãos até o cômodo anterior, esperando encontrar a parceira.

Payne estava agachada, observando de perto algo no chão, mas ergueu o olhar assim que ele despontou pela porta e levantou-se, de olhos fixos na joia que ele segurava.

— Olha o que eu achei. — Ele sorria, encarando o olhar da mulher.

Em silêncio, a tenente continuou encarando o enfeite com o olhar assustado e fez com que Hale já não parecesse tão contente com o achado.

— Você conhece isso?

Ela continuou calada e deu um passo à frente, desacreditada do que via nas mãos de John. Levou a mão à boca num instinto e instantes antes de tocar os lábios, lembrou-se que tinha as mãos sujas pelo trabalho.

John não sabia o que era aquilo. Para ele e para todos os outros presentes ali, aquele pingente e sua corrente não tinham significado algum, mas Payne já vira a joia tantas vezes que a reconheceria em qualquer estado. Nem precisou se aproximar para ter certeza.

Dera aquela corrente de presente de noivado para Claire havia dois anos.

O único pensamento que invadiu sua mente foi o de que sua noiva mentira a vida toda e ela não era nem um pouco diferente dos assassinos que estava sempre procurando.

Capítulo 40

A Traidora

Adrenalina.

Era a palavra que melhor definia o que era produzido em Payne naquele momento e que era a causa certa de tamanha agilidade que corria por suas veias e impulsionava seus membros. Ao mesmo tempo, parecia que estava sendo consumida por dentro pela ansiedade.

Bateu a porta da viatura e aproximou-se de seu prédio, passando rapidamente pelo porteiro e indo em direção ao elevador que já se encontrava no térreo, onde apertou os botões em busca de seu andar sem nem ao menos esperar por John.

Fixou os olhos na imagem que tinha de si mesma no espelho do elevador e respirou fundo.

Como fora fácil de ser enganada. Tudo se tornava muito mais doloroso por Claire ser a mulher de sua vida e em quem mais confiara no mundo até então, mas era também quem teve a coragem de olhar em seus olhos e mentir por anos com a mesma facilidade com que dizia que a amava.

Seus olhos grandes e cansados pelas noites maldormidas refletiam-se no espelho, mostrando a ela a enxurrada de sentimentos que haviam aflorado em seu corpo nas últimas horas. Todos eles esmagados pelo medo da verdade.

Parou para se perguntar quais os motivos da loira para matar aqueles jovens. Talvez para que Payne tivesse motivos para ficar na cidade, para chamar atenção para si depois dos diversos dias em que a deixara sozinha em casa enquanto trabalhava, ou até mesmo por um motivo próprio relacionado apenas aos cinco estudantes. Nada parecia se encaixar na personalidade de Claire, mas já não sabia se a conhecia de verdade.

Aqueles cinco andares pareceram se tornar cinquenta e o coração da mulher poderia saltar a qualquer momento por sua boca. Quando as portas finalmente se abriram e ela se viu no corredor por onde tanto passara outras vezes, não o reconheceu. Tudo parecia diferente e estranho. Pensou na vez anterior em que olhara para Claire e transbordara de amor pela noiva, como

era ocasional desde que se apaixonaram.

Enquanto caminhava pelo corredor, sacou a arma do coldre da costela, mas logo perguntou-se que tipo de situação ela esperava encontrar atrás da porta. Não conseguiria usar a pistola contra Claire e sabia que a entrada naquele ambiente, para a mulher, seria como todas as outras anteriores.

Se Claire era mesmo a assassina — e disso não restavam dúvidas —, ela não fazia ideia de que Payne já sabia disso.

Voltou a guardar a arma no coldre, respirou fundo e agachou-se, levando a mão até a bota para verificar se a faca que sempre carregava ainda estava ali. Ergueu-se assim que passou a mão sobre a lâmina. Se houvesse uma luta contra sua própria noiva, seria a arma branca que usaria, pois Payne realmente a amava e não importava o que a mulher verdadeiramente era, ela não queria feri-la mortalmente.

Dentro de si, travava uma luta interna, inundada por inúmeros pensamentos e incertezas. Questionava-se como seria dali para frente se Claire fosse a mulher que ela desconfiava que fosse. "Será que a visitaria na prisão ou ainda a amaria?" Payne perguntou-se.

Recostou sua testa na parede ao lado da porta do apartamento que por pouco tempo chamara de lar e iniciou respirações lentas enquanto contava até dez, tentando acalmar-se antes de entrar no local. Havia se adaptado muito bem de volta a Houston, pois tudo ali naquela cidade lhe era familiar. Na ocasião anterior, também morara em South Union, um bairro na região sul da cidade que decidiram que seria o melhor lugar para finalmente se estabilizarem e casarem.

Poucos minutos se passaram, mas parecia uma eternidade do ponto de vista da tenente Hastings, que agora perdera a patente e as conquistas na carreira e na vida, para voltar a ser a garotinha acanhada e sozinha que vivera por tanto tempo num orfanato em San Antonio. Por mais que ela lutasse para vencer tudo que havia passado na vida, obstáculos insistiam em derrubá-la, tirando dela toda a sua estabilidade.

Respirou fundo uma última vez e colocou-se em frente à porta, levando a mão à fechadura dourada e redonda, girando-a devagar. Evitou olhar para frente, pois não sabia o que esperava ver ou se estava preparada para olhar nos olhos da mulher que dividia a casa com ela, mas não pôde

deixar de erguer o olhar quando deparou-se com quatro pés sobre seu tapete.

Claire tinha os olhos brilhantes e a olhava com a mesma ternura e paixão de sempre, mas agora tinha medo em sua face distorcida pela dor, enquanto seu ar era roubado pelo braço da mulher que estava atrás dela e a enforcava enquanto pressionava uma pistola sobre sua têmpora.

A tenente permaneceu estática enquanto seu olhar ia do rosto da mulher com quem pretendia se casar, para o da ruiva de olhos castanhos profundos que sorria ao encará-la de volta, por cima do ombro de Claire.

Madelin já não era mais a jovem inocente e desesperada com quem tivera que lidar pacientemente no departamento. Suas expressões de surpresa e medo ao ouvir o que os tenentes diziam foram substituídas pelo olhar psicopata e desafiador que Payne já esperava encontrar na assassina, quando estivessem frente a frente.

E ali estavam.

Mas Madelin estava armada e tinha todas as chances de sair ganhando naquela situação, à medida que Payne tinha as mãos livres e a derrota estampada na face.

— Ora, ora. — Seu sorriso era tão intenso que podia ser ouvido em sua voz enquanto falava, parecendo se divertir com a situação. — Olha só quem finalmente chegou para assistir minha última obra de arte, Claire.

Ela pressionou ainda mais o pescoço da mulher, que fez uma careta e fechou os olhos, abrindo a boca para buscar ar. Desviando o olhar rapidamente para os pés das duas outra vez, Payne percebeu que a ruiva estava quase nas pontas dos pés, esforçando-se para conseguir alcançar a mulher que antes fora sua colega na faculdade.

Claire Waitley nunca fora alta perto de Payne, o que a fazia parecer ainda mais atraente e apaixonante. Depois de se descobrirem apaixonadas, veio o momento de carinho e a vontade que a tenente teve de cuidar e proteger a mulher que começava a amar. Era seu pequeno tesouro e até então havia obtido sucesso em sua proteção.

— Encontrou o presente que deixei para você, tenente Hastings? — Madelin continuou a dizer, fazendo com que a mulher voltasse a atenção para seu rosto novamente, ao notar o tom de repulsa com que dizia seu título acompanhado do nome.

— Por que fez tudo isso, Madelin? — Payne perguntou. Não sabia que outra coisa dizer, mas queria chegar devagar ao momento em que poderia saber o que a mulher queria ali e por que machucava Claire.

Queria tirar sua pistola do coldre e atravessar a testa da ruiva com uma bala, para que pudesse abraçar sua noiva e lhe pedir perdão por ter desconfiado do que ela dissera ao longo do tempo em que estavam juntas, mas estava dominada pelo medo de que Madelin fosse mais rápida e tirasse a vida de Claire.

Apesar de tudo, nenhum músculo de Payne parecia querer se mover e ela sentia como se seu corpo fosse desmanchar no chão a qualquer momento. Arrependia-se de não ter entrado de arma em punho.

— Típico de uma policial rebater uma pergunta com outra — disse a mulher, e pareceu relaxar o braço ao redor do pescoço de Claire por um momento. — Você não desconfiou mesmo de mim em nenhum momento, não é mesmo?

Respondeu apenas meneando a cabeça negativamente e começou a estudar a situação, buscando um ponto fraco ou alguma forma de salvar sua noiva e ainda sair ilesa.

A ruiva estava a mais de dois metros de distância, o que dispensava a ideia de que pudesse correr para tentar desarmá-la. Se Payne se movimentasse para retirar a pistola do coldre ou a faca da bota, com certeza a arma de Madelin seria disparada. Focou o olhar na trava da arma da assassina e percebeu que já estava destravada. Um movimento em falso e Claire morreria.

— No fim das contas, artes cênicas serve pra alguma coisa — disse e sorriu. Seu olhar parecia estudar a tenente, passeando pelo rosto e pelos braços, em busca de um movimento em falso.

— O que quer com a gente? — questionou a policial, mais uma vez.

— Com você? — Ela cuspiu as palavras e riu. — Não me importo com você, tenente. Mas sua noiva sabe demais.

— Então por que me fez vir até aqui?

— Você achou o colar, não é? — Seu sorriso se alargou e ela voltou a apertar seu braço ao redor do pescoço da loira. — Queria que a visse morrer, tenente. Assim como eu vi Austin perder a vida. — Desviou o olhar para

Claire por milésimos de segundo e voltou a encarar Payne. — Tive o coração dele pela primeira vez em mãos. Viu como é lindo? — perguntou, referindo-se ao órgão que deixara na casa. — Era meu. Por um momento eu tive controle total sobre a pessoa que eu amo e nada supera o que senti naquele instante. Te darei a emoção de sentir o mesmo.

Hastings escutava atenta, tomando cuidado para manter-se estática, com os braços caídos nas laterais de seu corpo. O medo de perder a noiva fraquejava suas pernas e a mulher tinha que fazer um certo esforço para não chorar.

Em diversos momentos, a investigação apontara para Madelin. Era uma mulher traída, de origem ruiva, que se mostrou desesperada demais em relação a tudo. Foi quem libertou todo mundo e seu heroísmo não combinava com as cenas dramáticas que os tenentes assistiram ao encontrarem com a moça anteriormente. A mulher à sua frente fora inconstante demais, mas Payne não desconfiaria de alguém que parecia a vítima, pois fugia da lógica normal dos casos em que trabalhara.

Max sabia que havia sido ela. De alguma forma ele havia descoberto e então ela o matou.

Ao longo daquelas duas semanas, a assassina deixara provas claras da raiva que sentia por Austin e Lily. A ocasional história da mulher que matava após descobrir que havia sido traída.

Dispusera Lily de forma que a moça parecia manipulada, quando na verdade Madelin achava que ela mesma havia sido. Austin brincara com os sentimentos da ruiva e depois ela o vestira como o artista de circo que fazia com que as pessoas rissem. Todos pensaram que ela não sabia nada sobre o caso dos dois, mas como sempre, a jovem estava um passo à frente de todos.

Todo o quebra-cabeça finalmente encaixava-se peça por peça à sua frente, e uma imagem grotesca era revelada.

De repente lembrou-se de John, que havia ficado no carro, mas ela duvidava que ele fosse deixá-la sozinha, pois no caminho de volta para Houston havia lhe contado sobre a situação, então em poucos minutos ele estaria ali e tudo estaria acabado, pois Madelin teria uma arma apontada para sua cabeça e teria que se render.

— Como se chama seu irmão, Madelin? — Payne teve a ideia de distraí-la.

— Meu irmão? — Ela continuava a sorrir, mas a cada momento seu sorriso parecia mais alegre e grande. — Eric foi tão idiota, não é? Max deve ter lhes contado. Ele fugiu no meio de tudo, de tão fraco e covarde que é.

— Por que o obrigou a isso?

— Não obriguei ninguém a nada. Ele acreditou que eu lhe daria dinheiro se me ajudasse — disse e deixou de sorrir, continuando a mover o olhar pelo corpo da policial. — Eric nem me conhece, tanto que nem ao menos sabia quem eram meus amigos até o momento do sequestro. — Fechou em punho a mão com que segurava Claire. — Apenas deduziu que sua irmã começara a praticar crimes para ganhar dinheiro, assim como ele.

— Deve ter sido horrível para você quando não teve mais o apoio dele — falou a tenente, com um tom baixo de voz.

Madelin voltou a sorrir e pressionou um pouco mais a têmpora de Claire com a arma.

— Conheço seu joguinho, está tentando me distrair.

— Acha mesmo que isso vale a pena? Continuar com isso?

— O que mais eu tenho a perder?

— Bom, assim que você sair daqui, vai pegar pena de morte e tudo terá sido em vão.

— Não, tenente. Ninguém sabe que você está aqui e serei a única a sair viva desse apartamento. — Ela sorriu, demonstrando que já havia planejado como tudo aconteceria. — Mas ninguém nunca vai saber que fui eu.

Payne suspirou e trocou um olhar com a noiva, tentando fazer com que ela entendesse que ficaria tudo bem. A outra apenas fechou os olhos e assentiu de forma discreta.

— Você tem razão. — A tenente olhou para a ruiva novamente. — Acabou para mim.

Δ

John xingou a si mesmo quando, ao parar o carro, sua parceira saiu correndo e entrou no prédio sem que o esperasse.

O portão foi fechado contra ele, então teve que apertar a campainha diversas vezes — perdendo muitos minutos —, até que uma senhora, que provavelmente era a moradora do andar de baixo, abrisse o portão depois de ter contestado e ser necessário que ele mostrasse o distintivo.

Ele agradeceu com um aceno e disparou pela escada, vendo que o elevador estava ocupado. O prédio era pequeno, portanto não era Payne que estava no elevador ainda. Imaginou que ela já havia chegado no apartamento que era o destino dos dois e poderia estar em apuros.

Sem tirar a arma do coldre e já tendo guardado o distintivo novamente, disparou pelos degraus acima, aproveitando de suas pernas longas para subir vários degraus de uma vez pelos cinco andares até o topo do prédio onde a tenente morava.

Finalmente no corredor, encontrou todas as portas fechadas e lembrou-se que nem ao menos sabia qual era o apartamento de Payne.

Tirou finalmente sua pistola do coldre e, com ela em punho e apontada para baixo, começou a dar passos lentos em direção ao fim do corredor, apurando os ouvidos para buscar por algum sinal de que a parceira estava por trás de uma daquelas portas.

Na última porta à direita, ouviu um burburinho e parou por alguns segundos atrás da porta, prestando atenção por mais um momento até ter certeza de que ouvira a voz de sua parceira.

Abriu a porta sem pensar duas vezes, mas já era tarde demais.

De costas para ele, sua parceira estava estática, encarando a noiva, que tinha o braço de Madelin ao redor do pescoço. Deu dois passos à frente, parando ao lado de Hastings e apontando sua arma para a testa da jovem ruiva, que agora parecia assustada.

— Não se mexa. — Ela disse, e apontou sua arma para a detetive, pressionando ainda mais o pescoço de Claire, que agora tinha as mãos ao redor de seu braço.

— É melhor se render, Madelin. — Ele lançou um olhar para a parceira e voltou a focar os olhos no ponto em que mirava. Sua vista embaçava. — A polícia está vindo e já não seremos mais um contra um.

Payne engoliu em seco e respirou fundo, fechando os olhos. Parecia sentir o toque da arma em sua frente.

— Você está blefando — respondeu, de olhos fixos na pistola bem equilibrada entre as mãos do tenente.

— Como tem tanta certeza? — Ele franziu o cenho e semicerrou os olhos, tentando focar a visão e enxergar melhor naquela pequena distância.

— Saia daqui, detetive. — Ela disse e olhou por um momento para Payne. — Saia, ou eu atiro. Eu mato as duas.

— Não vai ter tanto tempo de atirar nas duas antes que eu te acerte, Madelin.

Ficaram em silêncio. Hastings percebeu que uma gota de suor escorria pela têmpora da serial killer. A jovem tão corajosa e confiante de minutos atrás agora parecia ter perdido o controle da situação.

— Deixe sua arma cair e chute ela para perto de mim. — John disse, num tom baixo e calmo. — Acabe com isso, Madelin. Chega de matar.

A jovem o encarou e suspirou.

Soltou devagar o pescoço de Claire, que hesitou e se manteve parada por um momento. A arma de John continuava apontada para a ruiva e esta mantinha a mira na testa da tenente.

Seus olhos fecharam, mais um suspiro.

Suas mãos se moveram num piscar de olhos.

Um sorriso.

Um tiro.

Mais um corpo caiu.

Capítulo 41

A Artista de Houston

Um hospital não chegava nem perto de um bom lugar para um interrogatório.

Madelin permanecia deitada naquela cama de lençóis brancos há dois dias e tinha um dos pulsos algemados à barra de ferro da lateral da cama. Atirar na perna de Madelin fora a única escolha de John, e agora ela tinha a coxa enfaixada, após uma pequena cirurgia para a retirada da bala. Não haveria sequelas. Seu olhar estava perdido na janela ampla e em momento algum ela olhava para o detetive sentado na lateral de sua cama, enquanto a interrogava. Sabia que depois que saísse dali, seria para nunca mais ver sua casa.

Já esperava sua sentença de morte.

Mas não se culpava.

Max morrera num impulso dela, por ter ameaçado dizer a verdade. Não morrera por suas mãos, mas Eric tinha seus contatos em todo lugar e mais uma vez lhe ajudara, depois de algumas ameaças.

Austin e Lily tiveram o que mereciam e ela não faria diferente se fosse possível mudar o passado. Soube há pouco que os dois eram meio-irmãos, o que só ressaltara em sua mente que ela havia feito um favor à sociedade.

Agora só lhe restava responder às perguntas do tenente, pois nada mudaria o fato de que em breve ela morreria pelas mãos do estado.

— Vai me dizer o nome de todos os envolvidos? — John questionou, mantendo um tom de voz suave e neutro, apesar da raiva que lhe corroía, juntamente da vontade de enforçar aquela mulher.

— Achei que Max já havia lhe contado tudo. — Sua voz tinha o peso de quatro corpos, mas era desprovida de culpa. Calma. Serena.

— Eric já está sob custódia. — Hale disse, ajeitando o bloco de notas sobre a coxa vestida de jeans e cruzando uma perna sobre a outra. — Mas não quis nos dizer nada. Ele ainda é fiel a ti.

— Pelo menos isso. — Ela suspirou. — No sequestro, o homem que nos ajudou é apenas um qualquer, que ajuda Eric sempre nesse tipo de coisa. Talvez vocês consigam o nome dele, talvez não.

— Você não o conhece?

— Não — disse e recostou a cabeça no travesseiro grande e fofo, fechando os olhos. — Não cheguei a vê-lo. Apenas Eric pode lhe dar essa informação.

— Por que fez isso, Madelin? — Olhou para o rosto repleto de pontos amarronzados, um emaranhado de estrelas que o faziam lembrar-se de Corinne.

— Pelo alívio que causa. — Ela sorriu, de olhos fechados.

— Você o amava. Por que simplesmente não o deixou livre quando descobriu a traição?

— Ele era meu, tenente.

— Somos todos seres humanos, ninguém pertence a ninguém. — Ele começava a irritar-se, mas foi ignorado. Respirou fundo e continuou. — O departamento deve ter conversado com você. — Ele disse, desviando os olhos para a poltrona vazia no canto da sala, onde anteriormente a mãe de Madelin havia se sentado. — Você vai ter acompanhamento psiquiátrico e logo será julgada.

Ela meneou a cabeça em concordância e desmanchou o sorriso. Pensava em Austin, lembrando-se de seu sorriso ao dizer que a amava e questionava-se pela primeira vez se havia agido de maneira correta.

— Nicole me ajudou — disse, depois de um silêncio de minutos. — Ela costurou as roupas, achando que se tratava de um projeto da faculdade. Depois deve ter se tocado do que se tratava, mas nunca me entregou. — Desviou os olhos para o detetive pela primeira vez desde que ele entrara no quarto e percebeu que os olhos do homem estavam tristes. — Ela vai ser presa?

— Não sei — respondeu, sincero.

Encarou-o por mais alguns segundos e voltou a desviar os olhos para o lugar onde a mãe ocupara.

— Sei que você não entende, tenente Hale, mas eu mataria de novo, se pudesse. — Ela disse e então mordeu o lábio inferior e voltou a afogar-se

em seus próprios pensamentos. — No fim das contas, Lily nunca foi minha amiga e Austin nunca me amou de verdade.

— Você foi cruel.

— E eles não foram comigo?

— Por que os matou daquela forma? — rebateu o tenente, coçando a barba e desviando os olhos para seu bloco.

— Riram da minha cara o tempo todo, me manipularam, brincaram comigo e com tudo que eu sentia. Apenas me portei da mesma forma. No fim, ainda tratei Lily melhor do que ela merecia, porque a deixei no lugar que ela mais amava no mundo. Já Austin, não merecia nada além do fim que teve. — Pausou a fala, respirou fundo e continuou. — Terminaram sorrindo. Austin exatamente como o palhaço que sempre foi, sem coração... e Lily, manipulada assim como eu, em pedaços, como havia me deixado.

Hale escreveu tudo que ela dizia, tomando nota de cada reação da jovem às suas próprias palavras. O caso estava encerrado, mesmo que sem o fim que haviam esperado. Parecia existir um vazio, faltava algo e talvez esse algo fosse a última vítima de Madelin.

— Em alguns momentos, Eric foi mais inteligente que eu, como quando tomou a decisão de que escrevêssemos bilhetes para despistar você. — Ela voltou a olhar em sua direção, dessa vez para seu bloco de notas e sua mão, que trabalhava célere. — Apenas um foi ideia minha e você deve saber de qual se trata.

"O que os olhos não veem, o coração não sente", lembrou-se Hale. A frase fora um desabafo público.

— Achei que se encaixava muito bem para definir o que eu sentia naquele momento. — Ela continuou. — Eu fiz coisas aos corpos, como a retirada do coração, que só fazia parte da minha tentativa de fazer parecer que tudo fora feito por um assassino em série. Eric sugeriu os outros bilhetes, para desviar a atenção. — A mulher olhou nos olhos do tenente. — Poderia abrir a cortina?

John levantou-se, deixando a cadeira pela primeira vez e indo até a janela. Puxou a cortina devagar e a luz natural invadiu o quarto, tocando o rosto do homem e a pele muito clara da jovem, mas não trouxe a serenidade comum do dia a dia.

O mal ainda habitava aquele quarto.

— Eu não me arrependo, tenente. — Olhou para o topo dos prédios que despontavam na janela. — Max sabia demais e não sabia segurar a língua. Lily e Austin também não tinham controle sobre suas bocas, mas de forma diferente. — Ela riu e aquele som invadiu o ambiente e o preencheu. Por um momento, a temperatura até mesmo pareceu cair.

— Aplicou anestesia em Austin e Lily? — perguntou o tenente, sabendo que aquela era a última questão que faria.

— Apliquei em todos, mas isso foi enquanto presos. Não se comportavam, entende? Tentaram abrir as jaulas, batiam em Eric. Tive que fazer isso.

Não, ela não teve que fazer isso, mas o fez, pois era uma sádica e não tinha sentimento algum pelos outros jovens, pensou o detetive, com amargura.

— Obrigado por colaborar, apesar de tudo.

— Não tenho mais nada a perder.

Ele andou ao redor da cama novamente, pegou a cadeira, levando-a até um canto de forma que não ficasse no caminho, e caminhou até a porta para se retirar. Voltou o olhar mais uma vez para a jovem quando já estava saindo do quarto.

— Por que nos levou até você através de Claire?

— Vocês nunca deixariam isso morrer. Em algum momento, poderiam prender mais um inocente como Max. — Ela sorriu e o olhou de cima a baixo. — Eu posso ter meu lado monstro, agora, mas ainda sou em parte humana, tenente. — Sua voz era firme e não oscilava. — Não sinta pena, apenas está na hora de pagar pelo que eu fiz e sou covarde demais para tirar minha própria vida.

Hale assentiu. Não sentia pena daquela mulher.

Sabia que ela queria que tivessem piedade da mulher traída e com raiva que ela era, começando por ele, para depois ser a vítima aos olhos de toda a cidade, mas John sabia muito bem que por trás dos olhos castanhos brilhantes e as feições harmoniosas, existia uma mente psicopata de uma assassina que não pensaria antes de praticar todos aqueles crimes de novo.

— Tenente.

— Sim?

— Peça à minha mãe que me perdoe.

— Não — respondeu, secamente. — Vai ter a chance de pedir isso a ela, em seu julgamento, quando estiver na cadeira do réu. Tenha um bom dia, senhorita Price. — Usou o sobrenome para quebrar o vínculo que ela achava ter criado com ele. O tenente sorriu e se retirou, aliviado.

Epílogo

— Nossa cidade sofreu uma grande perda nesse último mês. — Lockwood dizia, de pé atrás de um palanque instalado em frente ao prédio da delegacia. Do seu lado direito, o prefeito de Houston; do lado esquerdo, John Hale completamente uniformizado, com direito a quepe, farda e diversas medalhas no peito.

O microfone ligado a um amplificador transmitia a voz forte do coronel em volume suficiente para que todos os presentes na praça o ouvissem. Mais próximos da escadaria, repórteres tinham seus gravadores erguidos e câmeras eram apontadas para as autoridades acima. Logo atrás, curiosos cidadãos de Houston ouviam em silêncio as novas informações sobre o caso do Artista.

A Artista.

— Apesar de tudo, demos nosso melhor e temos todos os responsáveis atrás das grades nesse momento — prosseguiu o coronel. — Nós, do departamento de homicídios, tivemos um grande trabalho até essa resolução, mas como todos vocês já devem saber, chegamos à Madelin Price. Aquele rosto angelical que viram muitas vezes na televisão tem por trás uma mente diabólica, que praticou quatro homicídios em pouquíssimo tempo e de formas muito cruéis.

Hale encarava as mãos grandes do seu chefe, espalmadas sobre o palanque, enquanto ele observava a multidão e falava.

— Houston está mais uma vez segura, tudo graças a John Hale. — Ele olhou para o lado, encarando o tenente nos olhos.

O detetive assentiu e se manteve estático, com as mãos em suas costas e a posição ereta. Nunca se acostumaría com aquelas cerimônias ou as coletivas de imprensa, quando era mencionado com tamanha gratidão por seu superior, uma pessoa que tanto admirava.

Todas as próximas palavras ditas pelo coronel foram esquecidas. Ouvia sua voz, como um plano de fundo dos próprios pensamentos que cantavam uma melodia frustrada. Por fim, um curto discurso do prefeito, que agradeceu o bom trabalho da polícia e recebeu, pelas costas, olhares irritados do coronel, que não gostava nem um pouco do político. O monólogo foi

seguido de uma salva de palmas e um burburinho.

Não conseguiu segurar o suspiro de alívio quando viu que finalmente estava liberado. Resolveu não esperar por ninguém. Tirou o quepe, desalinhou os cabelos com seus dedos longos e baixou a cabeça, enquanto seguia pelos corredores repletos de portas dentro da delegacia.

Em sua mente pairava uma nuvem de desapontamentos. Nunca sentira nada parecido ao encerrar o caso. Estava tudo pronto na ficha do caso, o carimbo em vermelho onde se lia encerrado, e na sua cabeça a ideia de que fizera um trabalho mal feito, pois não conseguira impedir mais mortes antes de ter Madelin atrás das grades.

Esperava agora que o júri não sentisse pena da jovem e que ela fosse para o corredor da morte, onde deveria estar, pois não fizera nada por impulsos. Hale vira em seus olhos: Madelin matara por puro prazer.

Mas o tenente já não poderia fazer mais nada, pois seu trabalho estava encerrado. Investigara diversas pessoas, usara de seu raciocínio por muitas horas — o que resultara numa forte dor de cabeça — e, por fim, conseguiu chegar ao serial, ou talvez tenha sido levado até ele.

Tudo que John pretendia agora era ir para casa e dormir suas 48 horas de folga. Já havia perdido as contas do tempo trabalhando naquele caso.

Surpreendeu-se quando, ao entrar em sua sala para pegar sua jaqueta, encontrou Payne, sentada no sofá e de olhos focados naquela janela que ela tanto gostava.

— Você não deveria estar em casa descansando? — perguntou, assim que entrou, lançando um olhar a ela e indo até sua mesa para desligar o computador. Sua vontade era abraçar a mulher e deixar que ela chorasse em seu ombro, mas não tinham intimidade o suficiente para isso.

— Tudo lá me lembra ela. — Ela suspirou e o encarou. Tinha lágrimas secas marcando suas bochechas. — Não consigo dormir, não consigo comer e nem ao menos ficar naquele apartamento.

— Eu imaginei. — O tenente a olhou, triste pela situação em que a parceira se encontrava.

— Se importa se eu ficar aqui? — Ela levou as mãos ao rosto e passou os dedos de unhas bem-feitas pelas lágrimas, recolhendo-as.

— Fique à vontade. — Ele disse, mas depois pensou um pouco

melhor. — Eu sou péssimo para consolar alguém que está num momento delicado como o seu, mas eu tenho um quarto de hóspedes em casa... e um sofá, se é isso que prefere para dormir. Bom, você poderia ficar lá até que encontre um novo apartamento. Imagino que é esse seu plano.

Ela o encarou por um momento e depois deu um sorriso triste apenas com os lábios. Então levantou-se e se aproximou da porta.

— Só por hoje, já que estou realmente cansada — respondeu. — Depois ficarei num hotel.

— Ah, duvido muito. — Ele sorriu para ela e passou o braço por seu ombro, puxando-a para mais perto, enquanto andavam lado a lado de volta para a saída do prédio. O toque era a única coisa que poderia oferecer para uma possível melhora de Hastings. — Duvido que vá conseguir desapegar do meu sofá depois que experimentar o quão delicioso ele é. E o melhor é que tem meu cheiro.

Payne riu pela primeira vez desde que tudo acontecera.

— Então, vou mesmo preferir o quarto de hóspedes. Lá provavelmente tenha um cheiro melhor.

O homem semicerrou os olhos e a fitou, incrédulo, mas riu, mantendo o braço ao redor dela e apertando seu ombro por um momento com sua grande mão.

— Pode me contar sobre o fim do caso? — Ela questionou, levando as mãos aos bolsos da frente da sua calça social e baixando a cabeça. Não sentia vontade de desvencilhar-se do contato físico com o parceiro. — O que Madelin disse?

John ocupou os minutos seguintes com uma narração detalhada das frases mais importantes ditas pela assassina e acrescentou outros detalhes, como a inocência confirmada de Nicole em relação ao caso, a investigação do roubo do circo, que prosseguia, e a notícia nova sobre a cremação de Max.

A tenente era uma ótima ouvinte, assentindo de vez em quando e demonstrando que acompanhava e concordava com os pontos de opinião própria do detetive.

Ao entrarem no carro, o silêncio os acompanhou, mas já no meio do caminho para o bairro onde o homem morava, ele pigarreou e chamou a atenção de sua parceira, que o olhou, enquanto arrumava seus cabelos

anteriormente soltos num rabo de cavalo alto.

— É bom trabalhar com você — disse, de olhos fixos na avenida e nos carros à sua frente, mas com um meio sorriso nos cantos dos lábios, sabendo o quanto ela esperara ouvir isso.

Ela sorriu satisfeita e voltou o olhar para a avenida, deixando o silêncio reinar por mais uns segundos antes de dizer algo.

— Poderia dizer o mesmo, mas chega de inflar seu ego por hoje. — Continuou sorrindo ao ouvir a risada do tenente e recostou-se no banco, planejando mentalmente o que faria nos próximos dias e tentando livrar-se das memórias ruins das datas anteriores.

Mentalmente, ambos percebiam que, a partir dali, só poderiam confiar um no outro.

AGRADECIMENTOS

Essa parte dos agradecimentos é uma das mais complicadas, pois já não me restam palavras depois de escrever o livro todo. Lembro-me de toda a jornada até aqui, tantos desafios, e temo me esquecer de alguém ou até mesmo inverter a ordem e colocar depois, alguém que deveria vir antes. Então, espero que entendam se eu deixar algum nome importante de fora ou mesmo colocar os nomes na ordem errada. O importante mesmo é que cada um tem um espaço importante na construção dessa história e a minha eterna gratidão.

Então, dessa vez, para não correr o risco de já começar errando, quero agradecer primeiramente a mim. Isso pode ser um tanto egocêntrico, mas preciso fazer isso, pois nunca fui dedicada ou persistente, e ao menos uma vez, consegui dedicar seis meses da minha vida à escrita deste livro e outros seis meses para lutar para que ele chegasse às suas mãos.

Mas essas longas jornadas nunca são feitas sozinhas, e desde o início tive ao meu lado uma pessoa que com certeza é a mais importante da minha vida: a Katia Lisboa, minha noiva. Devo a essa mulher tudo que conquistei durante esse ano em que estamos juntas e é por isso que este livro é dedicado à ela.

Além dela, houveram outras pessoas que fizeram parte de tudo isso de forma muito presente, principalmente a Gabriella J. Moreira, uma das minhas melhores amigas (com quem, logo depois, tive a honra de escrever um livro que foi premiado com um Wattys) e minha irmã, Alice de Mello. Essas duas, ao lado da Katia, ouviram minhas ideias, torceram pelos personagens e me ajudaram a corrigir cada linha.

Antes delas, alguns amigos me apoiaram, leram rascunhos de histórias nunca publicadas, e foram essenciais para que eu não desistisse de escrever. Obrigada Stefany Marques, Caio Moraes, Catarina Prado, Manicy Nunes, Larissa Souza e minhas primas, Heloisa Campiolo, Tayani Pitta e Fabiane Sales.

Em meu tempo no Wattpad, conheci muitas e muitas pessoas, que me apresentaram novos mundos, que me ofereceram amizade (Stefani P. Paludo e Roberta Sell obrigada por tudo), que leram meu livro e me fizeram a escritora mais feliz do mundo com comentários maravilhosos. Preciso incluir aqui, um agradecimento especial a todos os que leram o Riso da Morte dentro

da plataforma, e também a todos do Projeto Semear e do Projeto Jardim Literário. Obrigada à todos meu parceiros, aos professores que um dia me incentivaram e me colocaram um passo para mais perto disso, ao pessoal do grupo e da comunidade do Wattpad.

Preciso também agradecer a quem fez com que esse livro se tornasse físico: primeiro Murillo Magalhães, que sempre foi um grande amigo, me ajudando de todas as formas que podia. Também preciso agradecer ao Fabiano Jucá, que além de ser um amigo há muito tempo, fez a revisão do livro (você não precisa fazer muito das suas mágicas aqui nos agradecimentos, pois deve considerá-los intocáveis).

Por fim, um imenso obrigada a você, que agora tem esse livro em mãos, e faz parte do meu sonho, ajudando para que ele continue sendo tão bom quanto é desde o início.